

Revista **a** EVOLUÇÃO

Ano II - nº 22 - Nov./2021 - ISSN 2675-2573

ISSN 2675-2573

MARIA MBUANDA CANECA GUNZA FRANCISCO

As manifestações comportamentais dos alunos devem sempre ser consideradas como uma representação social.



POIESIS

Danton Medrado
J. Witon
Manuel Francisco Neto



DESTAQUES

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Adelina Ursula Correia de Lima

IMPACTO DA DÍVIDA PÚBLICA NO PLANO NACIONAL DE ANGOLA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Tavares dos Santos Muhongo



A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

www.primeiraevolucao.com.br



Revista **EVOLUÇÃO**

Ano II - nº 22 - Novembro de 2021 - ISSN 2675-2573

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima

Andréia Fernandes de Souza

Isac dos Santos Pereira

Vilma Maria da Silva

Organização:

Andréia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS)

Adelina Ursula Correia de Lima

Cristiana Ferreira de Sousa Neves

Elida Eunice da Silva

Izilda Marques Bastos Trindade

Luzerlila Perestrelo Valente

Maria Celeste dos Viveiros Capongcol Vitangui

Rosemeire Santos de Deus Lopes

Tavares dos Santos Muhongo

Vanda de Lima Rodrigues

Vilma Maria da Silva

A

São Paulo
2021

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Comissão editorial:

Antônio Raimundo Pereira Medrado
José Roberto Tenório da Silva
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Denise Mak
Patrícia Tanganelli Lara
Thais Thomas Bovo
Veneranda Rocha de Carvalho

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adelson Batista Lins
Prof. Esp. Ana Paula de Lima
Prof. Me. Andreia Fernandes de Souza
Prof. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Prof. Me. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Prof. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Prof. Dra. Thais Thomaz Bovo
Prof. Me. Veneranda Rocha de Carvalho

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
José Roberto Tenório da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. (11) 98031-7887
Whatsapp: (11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com
https://primeiraevolucao.com.br
São Paulo - SP - Brasil

netomanuefrancisco@gmail.com
Luanda - Angola

Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores. Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Filiada à:



Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

Colaboradores voluntários em:



A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – n. 22 (nov. 2021). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2021.

86 p. : il. color
Bibliografia
Mensal
Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>
ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.22>

www.primeiraevolucao.com.br

ÍNDICE

05 APRESENTAÇÃO

Profa. Andreia Fernandes de Souza

07 HOMENAGEM Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

COLUNAS

12 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira

85 POIESIS

Danton Medrado

Manuel Francisco Neto

J. Wilton



ARTIGOS

★ 1. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	19
Adelina Ursula Correia de Lima	
2. A IMPORTÂNCIA DA ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	25
Cristiana Ferreira de Sousa Neves	
3. JOGOS E BRINCADEIRAS POPULARES NA PRIMEIRA INFÂNCIA	29
Elida Eunice da Silva	
4. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	39
Izilda Marques Bastos Trindade	
5. AS ARTES E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL	49
Luzerlila Perestrelo Valente	
6. O ABANDONO ESCOLAR NA ADOLESCÊNCIA	55
Maria Celeste dos Viveiros Capongcol Vitangui	
7. CONTRIBUIÇÕES DAS ARTES PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA PERSPECTIVA ESCOLAR	63
Rosemeire Santos de Deus Lopes	
★ 8. IMPACTO DA DÍVIDA PÚBLICA NO PLANO NACIONAL DE ANGOLA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	67
Tavares dos Santos Muhongo	
9. A PSICOPEDAGOGIA E PSICOMOTRICIDADE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL	73
Vanda de Lima Rodrigues	
10. A IMPORTÂNCIA DO ACOLHIMENTO E ESCUTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	79
Vílma Maria da Silva	

Caros Leitores

Eis que chegamos a mais um número da Revista Primeira Evolução. A pandemia da COVID-19 nos fez repensar o mundo e as relações, e não seria diferente no aspecto educacional. Percebemos o quão entrelaçados estão as políticas públicas e os diversos setores da sociedade. Diante disso ficou evidente o quanto a Educação, como campo disciplinar, precisa dialogar com outras esferas tendo em vista o atendimento global dos indivíduos.

Percebemos isso nessa edição quando lemos os artigos sobre Educação Infantil, que versam sobre a importância das Artes, Jogos e Brincadeiras, Matemática e de repensar as Relações de Gênero que existem no ambiente escolar.

Repensar a produção e consumo dos alimentos, tanto na sociedade em geral quanto na escola também é uma tarefa do professor enquanto sujeito transformador. Nesse sentido o corpo e os aspectos relacionados à Psicomotricidade e Psicopedagogia são importantes para promover um desenvolvimento amplo daqueles que passam pelos bancos escolares.

Talvez com o olhar mais atento às desigualdades e aos indivíduos possamos reverter quadros relacionados ao Abandono Escolar, principalmente após o cenário de pandemia, estreitando laços e buscando auxílio de outros setores públicos para essa empreitada.

Para além das questões do cotidiano escolar e da prática docente, entender questões relacionadas à Dívida Pública e aos Planos Nacionais de Educação pode nos motivar a ser mais atuantes para além do espaço escolar, buscando um melhor atendimento à sociedade.

Enfim, desejamos a todos ótimas reflexões a partir dessas leituras e que possamos ter cada vez mais Consciência Negra em nossa sociedade!



Profª. Andreia Fernandes de Souza

Licenciada em Artes Visuais, Pedagogia e Matemática. Mestre em Ciências (UNIFESP). Professora Nota Dez em 2015 (VICTOR CIVITA). Doutoranda na UNIFESP no PPG Educação e Saúde na Infância e na Adolescência. Professora dos anos iniciais na rede pública estadual e municipal de São Paulo.



“Ser mais novo ou mais velho não deve ser considerado como barreira na aprendizagem. Se por um lado os mais velhos podem ser modelos inspiracionais para os mais novos, por outro lado, os mais velhos devem valorizar as experiências dos mais jovens. Experiências partilhadas edificam a sociedade.”

MARIA MBUANDA CANECA GUNZA FRANCISCO

HOMENAGEM HOMENAGEM

MARIA MBUANDA CANECA GUNZA FRANCISCO

Professora

MARIA MBUANDA CANECA GUNZA FRANCISCO

**AS MANIFESTAÇÕES COMPORTAMENTAIS DOS ALUNOS DEVEM SEMPRE SER
CONSIDERADAS COMO UMA REPRESENTAÇÃO SOCIAL.**

É professora do Instituto Superior de Ciências da Saúde da Universidade Agostinho Neto em Luanda/Angola em destacamento desde 2019. Leciona as cadeiras de (I) Psicologia Social I e II, (II) Epistemologia em Ciências Humanas, (III) Questões Aprofundadas em Psicologia do Desenvolvimento e (IV) Orientadora de Trabalhos de Fim de Curso.

HOMENAGEM HOMENAGEM

MARIA MBUANDA CANECA GUNZA FRANCISCO



Colaboradora na mesma instituição de 2012 a 2018 lecionou as seguintes cadeiras: (I) Psicologia Escolar, (II) Dinâmica de Grupo, (III) Psicologia Social I e II, (IV) Orientadora de Estágio em Psicologia Escolar.

Leciona há 33 anos a contar com o ensino não universitário e tem experiência de 11 anos como docente do ensino superior.

Doutoranda em Ciências Sociais, na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto em Luanda/Angola. É Mestre em Psicologia Social, pela Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto em Luanda/Angola. É também Mestre em Gerontologia Social pela Faculdade de Psicologia Evolutiva da Universidade de Granada/Espanha.

O interesse de Maria Mbuanda Francisco para o professorado surgiu em 1985 no dia em que foi candidatar-se para o Ensino Médio na companhia de seu cunhado, Fernando David Miguel porque ela ainda não tinha muito conhecimento sobre o curso de Pedagogia que constava no boletim de inscrição. Dias depois da inscrição foi publicado a partir do Jornal de Angola o encaminhamento para o

Instituto Médio Normal de Educação “Lénine” do Uíge, um Instituto vocacionado para a formação de professores do 2º e 3º nível.

“No processo de ensino e aprendizagem o professor não deve desvalorizar o que o aluno diz nem as suas manifestações comportamentais sejam elas boas ou más para o professor. As manifestações comportamentais dos alunos devem sempre ser consideradas como uma representação social.”

Sua primeira opção no boletim era a de Ciências Físicas e Biológicas no Curso Pré-Universitário que possibilitaria cursar no futuro, Medicina. Frequentar o curso de Pedagogia na escola de formação de professores era a sua segunda escolha.

Apesar de ser segunda opção com a influência de suas professoras, Tânia e Snejana ambas de nacionalidade Búlgara respetivamente professoras de Química e Biologia pouco a pouco conseguiu apaixonar-se e terminar o curso em Bioquímica com sucesso.

Com a intenção de solidificar os conhecimentos adquiridos durante a formação média, em companhia de suas colegas, Marta Figueiredo Alexandre e Juliana Ferreira foram aconselhadas pelo seu professor de Psicologia, Mateus Bengui de feliz memória, para lecionarem. Isto aconteceu em 1988, quando ainda frequentava a 12ª classe no Instituto Normal de Educação Lénine do Uíge.

Lecionou a disciplina de Ciências da Natureza aos alunos da 5ª classe no Liceu do Uíge.

No início do exercício da profissão como professora, por ser muito jovem era confundida com seus alunos nos corredores e quando estivesse a lecionar, em direção a janela da sala de aulas ficavam muitos alunos de outras classes e turmas a assistir a aula. A curiosidade era de saber se a professora Mbuanda tinha mesmo capacidade para lecionar. Ela não se irritava e não se incomodava com tal atitude dos alunos e prosseguia com as suas atividades. Este cenário durou aproximadamente uma semana sem nenhuma intervenção. Os alunos estavam apenas curiosos. Foi graças aos conhecimentos teóricos adquiridos em Psicopedagogia que postos em prática ajudaram. Isso leva a reflectir sobre o papel que

HOMENAGEM HOMENAGEM

MARIA MBUANDA CANECA GUNZA FRANCISCO

o professor deve desempenhar no exercício da sua profissão tal como refere Pedro Domingos Peterson, pedagogo angolano de feliz memória **de que, o professor deve ser defensor dos valores democráticos, da paz, da compreensão, da pacificação dos espíritos e da tolerância.**

Sua colega, Marta Figueiredo Alexandre que se tornou amiga e comadre até a data presente também por ser professora muito jovem na altura enfrentou situações similares. Sua aluna por ser conhecida e mais velha decidiu abandonar a escola alegando que não admitia que uma criança que ela viu a crescer e pegou-a no colo fosse sua professora. Isso leva a refletir sobre as palavras de Ramona Rubio Herrera, Catedrática de Psicogerontologia e Directora de Master de Gerontologia Social:

La grandeza de las personas no se mide por el espacio que ocupan sus pies, sino por el horizonte que descubren sus ojos. Traduzindo, a grandeza das pessoas não se mede pelo espaço que ocupa os seus pés, mas sim, pelo horizonte que descobrem seus olhos.

Ser mais novo ou mais velho não deve ser considerado como barreira na aprendizagem. Se por um lado os mais velhos podem ser modelos inspiracionais para os mais novos, por outro lado, os mais velhos devem valorizar as experiências dos mais jovens. Experiências partilhadas edificam a sociedade.

Actualmente a educação deve preparar as sociedades para enfrentar esse desafio oferecendo formação permanente para que os jovens e mais velhos consigam aprender mutuamente.

No processo de ensino e aprendizagem o professor não deve desvalorizar o que o aluno diz nem as suas manifestações comportamentais sejam elas boas ou más. As manifestações comportamentais dos alunos devem sempre ser consideradas como uma representação social. Tanto o que o aluno diz quanto a representação pode servir de aprendizagem para o professor no sentido de adquirir novas habilidades como a metacognição considerada por Filipe Zau, Professor angolano como aquela habilidade que favorece a tomada de novas posições e de estratégias rumo a eficácia do processo de ensino e aprendizagem.

Após ter concluído o Curso Médio em 1989 continuou com a sua trajetória como professora, na disciplina de Educação Moral e Cívica na 5ª e 6ª classes e de biologia na 7ª e 8ª classes na escola do II e III níveis na Ilha de Luanda.

Por gostar da profissão, deixou seus pais na terra natal/Negage-Uíge e viajou para Luanda. Foi acolhida pelas irmãs, Catarina Muinga e Marcelina Alfredo e seu cunhado Leus Muinga.

Ingressou no Instituto Superior de Ciências da Educação da Universidade Agostinho Neto em Luanda em 1994 onde frequentou o curso de Ciências da Educação, opção Psicologia com o apoio incondicional da família, de modo particular do seu cunhado Armindo Pedro Fonseca. Nesta altura prosseguiu na carreira docente lecionando Matemática e Educação Moral e Cívica na Escola do II e III Níveis, Alda- Lara em Luanda.

Conhecida como Professora Caneca leciona Psicologias há 23 anos. Lecionou as Disciplinas de (I) Psicologia Geral, (II) Pedagogia, (III) Sociologia e (III) Organização e Gestão Escolar, no Instituto Médio Normal de Educação, 22 de Novembro, de 1998 a 2002.



HOMENAGEM HOMENAGEM

MARIA MBUANDA CANECA GUNZA FRANCISCO



Lecionou as disciplinas de (I) Psicologia Geral, (II) Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem e (III) Orientadora de prática Docente aos finalistas da 12ª no Instituto Médio Normal de Educação, Neves e Sousa em Viana de 2003 a 2014.

Frequentou o Curso de Agregação Pedagógica, ministrado pela Universidade Jean Piaget de Angola em 2010 que possibilitou exercer a função de Docente das seguintes disciplinas: (I) Psicologia Geral, (II) Gerontopsicologia (III) Psicologia Diferencial, (IV) Psicologia da Educação, (V) Intervenção Psicológica em Educação, (VI) Desenvolvimento, Educação e Família, (VII) Psicologia Escolar e orientou trabalhos de fim de curso na Universidade Jean Piaget de Angola de 2010 a 2016.

Lecionou as cadeiras de (I) Teorias e Sistemas em Psicologia, e (II) Psicologia da Saúde e orientou igualmente trabalhos de fim de curso na Universidade Técnica de Angola de 2012 a 2014.

O facto de ter um mestrado em Gerontologia Social surgiu a necessidade e o interesse em aprofundar os conhecimentos em Psicologia Social, o que motivou frequentar o curso de Mestrado em Psicologia Social e posteriormente o Doutoramento em Ciências Sociais na especialidade de Psicologia Social.

“... o vínculo entre as gerações mais velhas e mais novas e a educação permanente do ser humano desde o período pré-natal até a velhice contribui para a melhoria da qualidade das relações interpessoais.”

Por essas formações, agradece: aos seus pais, Alfredo Gunza de feliz memória e Cristina Caneca e os seus Professores da Universidade de Granada, de modo particular a Dra. Ramona Rubio Herrero, e a todos os seus professores da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto pelo conhecimento que recebeu deles. De todo o conhecimento por eles disponibilizado o pouco que foi interiorizado tem servido para a compreensão dos fenómenos psicossociais da sociedade angolana e partilhar o conhecimento onde for necessário.

Nesta perspetiva, apresentou a comunicação intitulada “A Gerontologia e sua importância em Angola” no ciclo de conferências realizadas pela Universidade Católica de Angola, em 2019.

Apresentou uma comunicação na Faculdade de Ciências Sociais em alusão ao dia do Psicólogo sob o Lema: As áreas da Psicologia e suas aplicações: O que é a Psicologia Social, em 2019.

Apresentou com exposição em poster “A importância das relações intergeracionais para os idosos em Angola, nas XI Jornadas Científicas do Instituto Superior de Ciências da Saúde da Universidade Agostinho Neto sob o lema: A investigação científica como fator determinante para melhoria da prática assistencial, em 2019.



HOMENAGEM HOMENAGEM

MARIA MBUANDA CANECA GUNZA FRANCISCO

Pelo fato de a identidade social não ser estática, a Maria Mbuanda tem se preocupado em se manter atualizada na sua área de formação. Participou no Fórum Nacional de Psicologia promovido pela Ordem dos Psicólogos de Angola, em 2018.

Participou na I Conferência Internacional sobre Extensão Universitária em Angola, na Escola Superior Pedagógica do Bengo em 2017.

Participou no Fórum de Psicologia Clínica realizada no hospital Josina Machel em Luanda em 2014.

Participou no 1º Seminário multiprofissional, EAD, nos dias 6 e 7 de Maio de 2021 com o tema O papel do professor no ensino a distância.

Publicações:

1º) Autora do artigo intitulado "O que os alunos e professores pensam sobre a agressividade na escola5020", Revista Primeira Evolução, Nº.3, 2020.

2º) Autora do artigo intitulado "Importância da psicoeducação no enfrentamento da covid-19", Revista Primeira Evolução, Nº.6, 2020

3º) Co-autora do artigo intitulado "Tipos de comportamentos agressivos dos alunos: O caso da escola 5020 em viana" – Luanda, Revista Electrónica Formación y Calidad Educativa- REFCaIE, Vol. 8, Nº. 2, 2020.

4º) Co-autora do artigo intitulado "Impacto das ciências humanas e sociais no combate ao covid-19 no Brasil e em Angola", Revista Observatório, Vol. 6, Nº. 2, 2020.

5º) Co-autora do artigo intitulado "Perspectivas transdisciplinares em tempos de pandemia: o ensino remoto em resposta a crise do ensino". Revista observatório, Vol.6, Nº

6º) Co-autora do VIII Capítulo de um livro El abuso sexual infantil en una perspectiva psicosocial in Analía Verónica Losada, Aportes transdisciplinarios al Abuso Sexual Infantil. Argentina: Ricardo Vergada, 2020.

"... a Universidade não deve estar alheia aos problemas que as comunidades enfrentam baseando-se na Tecnologia Social."



É autora de um projecto de investigação em Gerontologia Social já aprovado em Conselho Científico do Instituto Superior de Ciências da Saúde da Universidade Agostinho Neto em Luanda. A Gerontologia em Angola é quase desconhecida.

O que mais preocupa a Professora Caneca é a forma como são tratados os idosos no seio da família e na sociedade angolana. Por esse motivo muitos jovens em Angola alegam ter medo de envelhecer, assim sendo acredita que o vínculo entre as gerações mais velhas e mais novas e a educação permanente do ser humano desde o período pré-natal até a velhice contribui para a melhoria da qualidade de vida e das relações interpessoais.

Com o projecto, pretende-se divulgar de forma científica, aprofundada e especializada, os conhecimentos gerontológicos à comunidade académica, escolar e não só e posteriormente implementar a Gerontologia como disciplina curricular dos estudantes dos cursos de Sociologia, Antropologia, Direito, Medicina, Psicologia, Enfermagem, Farmácia e Análises Clínicas. Esse projeto surgiu da necessidade de se contribuir na corporização do decreto presidencial n.179/12 de 15 de Agosto, onde foi publicada a estratégia nacional para a implementação da política para a pessoa idosa. O projecto facilitará a realização de actividades de extensão Universitária uma vez que a Universidade não deve estar alheia aos problemas que as comunidades enfrentam baseando-se na Tecnologia Social.



Catalog'Art

NAVEGAÇÕES DE
ESTUDANTES

ISAC DOS SANTOS PEREIRA

DANÇAS E PERFORMANCES DOS DEDOS NO PAPEL: O DESENHO ENQUANTO EXTENSÃO DAS EXPERIÊNCIAS DA CRIANÇA¹



Há muito que se contam de histórias fantásticas, animais de mundos oníricos, pessoas de outras dimensões que tentam contato com a humanidade; por vezes para assustar, divertir, esquecer, direcionar, fazer sonhar... Nesse entremeio de narrativas que vão além da nossa realidade palpável, do nosso universo conhecido, a criança constrói pouco a pouco suas configurações imagéticas, que de tanto que lhes são caras, se transformam elas mesmas

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 para o primeiro autor da presente coluna.

em extensões de suas experiências com o mundo real, seja ele tangível ou não. Algumas, ainda que por vezes presas a estereótipos, timidamente vão reconfigurando suas formas e memórias gráficas e compondo suas obras de Arte, e outras, mais livres, desprovidas da égide de realidades absolutas, como que dançarinas, performances, corpos livres no espaço, deslizam suas mãos sobre o papel com o lápis...

Esse é um momento que elas podem ser mais livres do que o que pensam. Nesse exato momento, estão a criar novos mundos, novos universos...

No devir e nos movimentos dos dedos que faz a desenhista livre, de maneira fluída e reflexiva, seus traços e cores como extensão de sua aprendizagem e capacidade criativa a desvelam, a desnudam e materializam parte de sua capacidade enquanto fazedora de dimensões. Não só lugares, só pessoas, animais, objetos, astros... Sua obra convida-nos a olhar mais, ver o que seus olhos veem ou imaginam. Livre da rigidez, do dogmatismo e do autoritarismo de alguns grupos artísticos manifestos em determinados momentos e lugares, seus dedos performam formas do vazio e do cheio do existir; do longínquo e do estreitamento entre corpos sólidos que não somente das pessoas; do hercúleo e do delicado, que como gigantes no mundo que criam e transformam constantemente o que lhes apraz, quiçá, necessitam da leveza e beleza das nuvens como alimento para o criar e ser.

Isac dos Santos Pereira - Doutorando e Mestre em Comunicação audiovisual pela Universidade Anhembi Morumbi – UAM com pesquisa sobre Naruto na sala de aula. Especialista em Arte/Educação: teoria e prática, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP. Especialista em Neurociências Aplicada à Educação pela Universidade Anhembi Morumbi - UAM. Licenciado em Artes visuais pela Faculdade Paulista de Arte - FPA. Professor atuante de Arte no Ensino Fundamental I da rede Municipal de São Paulo, na EMEF Paulo Setúbal.

E-mail: isacsantos02@hotmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6351070667418404>

A educação
por quem a vive.





Edições
Livro Alternativo

QUEM SOMOS

A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;
Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

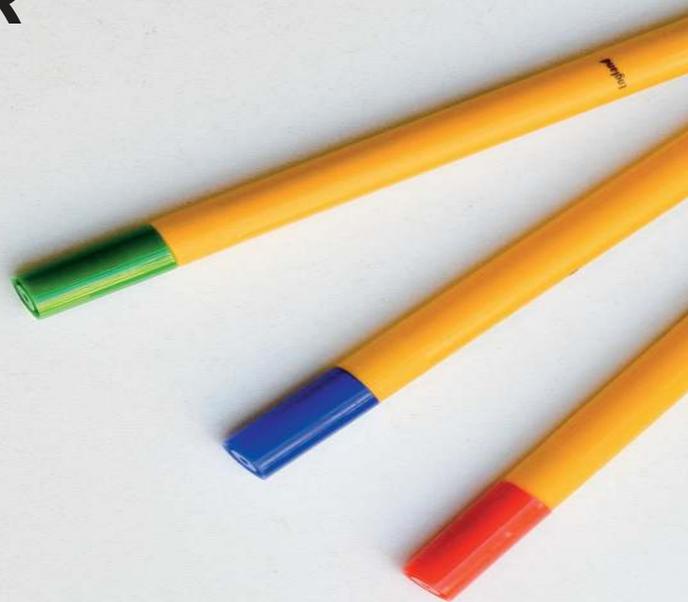
O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.



Venha você também
EVOLUIR
CONOSCO



Revista **fa** **EVOLUÇÃO**
5



ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ADELINA URSULA CORREIA DE LIMA

RESUMO: Este artigo foi baseado em um estudo para conclusão de curso de licenciatura que investigou as relações de gênero a partir das observações de algumas crianças na faixa dos quatro a cinco anos de idade que frequentam uma determinada Escola de Educação Infantil na rede pública Municipal de ensino de São Paulo (EMEI). O objetivo central constituiu-se em perceber como as crianças vão construindo as identidades e os papéis de gênero nas relações que estabelecem com os adultos mais próximos nos espaços educacionais. Partindo do ponto de vista de que as interações estabelecidas pelas crianças fazem parte do rol de experiências objetivas e subjetivas que vão criando as suas personalidades, bem como os papéis sociais de gênero. A pesquisa evidenciou que mesmo entre as crianças de pouca idade os papéis de gênero estão muito próximos daqueles vividos pelos adultos que convivem no mesmo contexto cultural, e as identidades de gênero são experimentadas em diversos momentos de interação entre as crianças.

Palavras-chave: Aprendizagens. Educação. Gênero. Identidade. Práticas Docentes

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como foco discutir como as crianças lidam com as suas relações de gênero no cotidiano da educação infantil e como estas são influenciadas pelas práticas docentes.

Foi observado, que ocorre uma possível divisão (tanto nas atividades cotidianas em sala, como nas brincadeiras extraclasse) com relação ao que se espera que sejam atividades, atitudes e comportamentos para meninos e meninas.

O que se evidenciou é que para o (a) professor (a) essa divisão se dá “naturalmente”, ou seja, em nenhum momento se questionam se estão ou não interferindo nessa divisão de meninos e meninas, legitimando, assim, as desigualdades no cotidiano escolar. Assim, o estudo abordará se a escola contribui para que essas marcas sexistas se perpetuem em nossa sociedade. Foi pensando nessas marcas deixadas pela escola nos corpos educados que me coloquei como professora e pesquisadora e passei então a analisar não só a prática do(a) professor(a) mas sim minha própria prática cotidiana, como também o contexto social.

A educação é um processo que ocorre em diferentes espaços e tempos: em casa, na rua, na igreja, na escola, ou seja, nos diversos âmbitos sociais em que o sujeito está inserido, por meio das relações estabelecidas com as outras pessoas com as quais interage.

As questões de gênero encontram-se diretamente relacionada à forma como as pessoas concebem os diferentes papéis sociais e comportamentais relacionados aos homens e às mulheres, estabelecendo padrões fixos daquilo que é “próprio” para o feminino bem como para o masculino, de forma a reproduzir regras como se fosse um comportamento natural do ser humano, originando condutas e modos únicos de se viver sua natureza sexual. Isso significa que as questões de gênero têm ligação direta com a disposição social de valores, desejos e comportamentos no que tange à sexualidade.

Nesse sentido, a escola tem um papel fundamental na desmistificação destas diferenças, além de ser um importante instrumento na construção de valores e atitudes, que permitam um olhar mais crítico e reflexivo sobre as identidades de gênero, ao invés de ser um lugar de práticas de desigualdades e de produção de preconceitos e discriminações como destaca Louro (1997, p. 57):

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá

estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização.

Nesta perspectiva, pretende-se com este estudo, aprofundar a questão, buscando-se contribuir com reflexões pertinentes em relação às práticas educativas e metodológicas referentes à formação de uma educação livre de atitudes e pensamentos preconceituosos, ao passo que a escola é corresponsável pela compreensão das relações de gênero na sociedade. Que este trabalho colabore de alguma forma com a prática pedagógica nas escolas, propiciando uma reflexão sobre as práticas a fim de desenvolver uma consciência em favor ao combate à desigualdade de gênero, tão enraizada no cotidiano escolar.

RELAÇÕES DE GÊNERO E AS PRÁTICAS DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A criança é um ser social, seu desenvolvimento se dá nas relações e interações, assim, a escola é um dos locais em que as crianças manifestam seus modos de ser no mundo, portanto, a escola é um dos primeiros lugares em que a criança se depara com as diferenças, inclusive as de gênero. Meninos e meninas disputam/dividem espaços, reproduzem/superam valores, entram em conflitos.

Assim, podemos pensar como a escola pode contribuir na construção dos gêneros e das diferenças quando esta institui gestos, condutas e posturas apropriadas a cada um/uma. Através de um longo aprendizado cada um vai sendo colocado em seu lugar: menino/menina; aluno/aluna; professor/professora, entre outras tantas posições de sujeito.

As relações sociais estabelecidas na instituição escolar, no seu dia a dia, são dinâmicas e carregadas de valores que circulam nas falas de todos que compõem seu universo. A escola é um lugar que se torna um espaço de possibilidade de criação de laços afetivos, que se materializam pela utilização dos seus praticantes. Assim, docentes e discentes dão vida e fazem desse lugar um espaço de vivência e convivência. Que espaços são utilizados pelas crianças, como elas circulam, como os utilizam, o que fazem sozinhas, com outras crianças e com adultos? A sala de aula, os corredores, o pátio, o refeitório, o banheiro são espaços onde as crianças constroem seus cotidianos escolares. São nesses locais que se pode perceber como se estabelecem relações de gênero, de poder, o ser-fazer de suas artes e os modos como se organizam e negociam dando sentido a cada espaço ocupado.

A escola/professor (a) lida com a relação de gênero no seu cotidiano, mas na maioria das vezes não percebe suas influências na constituição das subjetividades nas crianças que quase sempre são identificadas (de acordo com o gênero) como meninos e meninas. Um exemplo dessa evidência ocorre dentro da sala de aula quando o (a) docente conta quantos meninos e quantas meninas têm na sala e depois pergunta o total. Nesse sentido, é possível observar que as relações de gênero tem sido alvo de ensinamento dos adultos em relação às crianças, no qual definem o que pode e o que não pode ser feito pelas crianças.

A partir daí, a escola se torna um local para se detectar e pensar os estereótipos de gêneros, pois nela se manifesta de forma notável a diferença de comportamento entre meninos e meninas. Como pontua Robert Connell (1995, p.189 apud Louro 1997) "no gênero a prática social dirige corpos", sendo assim a escola como espaço socializador tem a missão de desmistificar as questões atribuídas ao gênero. Connell evidencia ainda que o menino aprende a conduta masculina e desta forma se afastam do comportamento feminino, iniciando-se o processo de diferenciação no qual o homem é superior a mulher.

A escola vai atribuindo ao corpo e ao gênero modos de ser menina e menino com brincadeiras diferenciadas, e as crianças, muitas vezes, acabam internalizando essas práticas que sobressaem no cotidiano escolar que se configuram de um determinado modo e não de outro. Essas aprendizagens em relação ao gênero, internalizadas na infância, vão se desdobrando nas relações estabelecidas pelas crianças durante suas vidas e ora são reproduzidas, ora elas são transformadas e recriadas num contínuo processo de reinvenção.

Assim, é necessário conhecer como significados masculinos e femininos presentes em nossa sociedade interferem ou não nas concepções de professoras e professores e na relação que devem manter com alunos e alunas.

O PAPEL DO PROFESSOR E A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE GÊNERO

O papel do(a) docente é fundamental no processo de construção do conhecimento, ao atuar como um profissional a quem compete conduzir o processo de reflexão que possibilitará ao aluno autonomia para eleger seus valores, tomar posições e ampliar seu universo de conhecimentos, devendo ter discernimento para não transmitir seus valores, suas crenças e suas opiniões como sendo verdades

absolutas ou princípios a serem seguidos. Nesse sentido, Nunes e Silva (2000, p.106) dizem que o(a) docente precisa constantemente “*fazer a crítica dos papéis tradicionais e de suas convicções ideológicas*”.

A cultura, o conhecimento, a educação que as crianças recebem no âmbito familiar são elementos que acompanham o trabalho do educador e possibilitam a criação de determinadas expectativas em relação aos alunos e alunas. Porém, o (a) docente deverá evitar a criação de estereótipos dentro da sala de aula que definem as meninas como comportadas, delicadas, sensíveis, vaidosas, elegantes, frágeis em contraposição os meninos serão autoritários, esportivos, viris, agressivos.

A observação de situações e atividades escolares é um recurso valioso para se obter informações de onde, como e quando se produzem as diferenças, as discriminações relacionadas ao gênero no cotidiano escolar.

Às vezes o cotidiano de algumas EMEIs (Escolas Municipais de Educação Infantil) fica voltado às práticas das professoras e dos outros profissionais da escola.

Nesse sentido, contextualizo aqui o cotidiano da turma de Educação Infantil. Ao considerar como meninos e meninas são agrupados juntos ou separados, podemos perceber como as relações de gênero são trabalhadas e desenvolvidas no ambiente escolar.

Percebe-se que o tempo nas atividades escolares é minuciosamente controlado, chamam de Linha do tempo, monitorado de acordo com as divisões feitas pelas professoras. Conforme Freitas:

O tempo, na escola, é dividido e rigidamente controlado: hora de entrar, da merenda, do banheiro, do recreio, de sair. Essa divisão de tempo invade a sala de aula: os horários são bem definidos e deve-se interromper imediatamente as atividades sempre que for “hora de”. Quando se é “hora de”, não importando o que a criança está fazendo ou qual é sua vontade, o cumprimento dos horários é obrigatório (FREITAS, 1998, p. 62).

Portanto, existe o momento certo, adequado para se estudar, brincar, pintar, ler, etc., como se fosse possível dissociar todos esses momentos da aprendizagem. Outro fato é que nunca é questionado o que a criança gostaria de realizar naquele momento. Leva-se em conta somente o que foi preestabelecido para aquele momento, tornando assim o espaço escolar controlado e vigiado, onde cada um deverá executar somente o que foi proposto e o que é esperado para as crianças, dentro das “normas”.

Sayão afirma que :

Em especial, nas brincadeiras que inventaram, meninos e meninas demonstram que os papéis de gênero vão sendo delineados muito cedo, embora na infância seja bastante possível transgredi-los. Essa característica de transgressão parece ser uma manifestação típica de um momento da vida e logo será abrandada em face das convenções sociais pautadas por uma visão da ciência e por determinações sociais que normatiza lugares, comportamentos e formas de ser específicos para meninos e meninas, homens e mulheres (SAYÃO, 2003, p. 78).

É possível verificar o quanto as professoras realizam atividades voltadas à separação de gêneros e o quanto toda sua rotina se torna rígida, totalmente voltada ao respeito a horários.

Embora as escolas, as salas de aula não sejam mais divididas pelo sexo masculino e feminino, as próprias crianças se separam ao se agruparem meninas com meninas e meninos com meninos. Acredito que muito se deva à própria dificuldade do professor(a) em lidar com essa questão, em se autoavaliar, pois fomos educados(as) com essa separação sexista, e, quando essa separação não ocorria, era algo preocupante para a família e escola. Sayão (apud Zenti, 2002, p.55) aponta que “*trabalhar relações sociais é mostrar que as pessoas são diferentes, que as culturas são diferentes, que a realidade do campo e da cidade é diferente, que o mundo é diferente*”. Todas essas diferenças são fundamentais e nos tornam pessoas especiais com habilidades, dificuldades, atitudes, gostos, raças, com gestos diferentes umas das outras. Essa diversidade é maravilhosa; o que nos faz sofrer não são as diferenças, mas sim as desigualdades que surgem quando essa diferença significa inferiorização e é legitimada por estereótipos, como os relacionados à feminilidade e à masculinidade, padrões estabelecidos que regem a vida da mulher e do homem, do menino e da menina no seu cotidiano.

Desde cedo fomos educados e educadas para sermos meninos e meninas; eles e elas não podiam se misturar, pois os meninos eram mais fortes, brincavam com mais violência, enquanto que as meninas tinham que brincar de forma limpa, ordeira, caprichosa. Junto a isso vinha o conceito de cores, que

também eram estilizadas. Os meninos não olhavam nem tocavam em nada que fosse cor de rosa, pois essa cor era somente para meninas. Esse reflexo de gênero sexista se arrasta até hoje, chegando a causar discussões entre as crianças que não se enquadram nos padrões estabelecidos. Dentro desse contexto, Moreno nos relata:

Modelos de comportamentos atuam como organizadores da ação, e é esta característica de inconsciência que os torna mais dificilmente modificáveis. São transmitidos de geração a geração e século após século por meio da imitação de condutas e atitudes (MORENO, 1999, p. 30).

Estas condutas e atitudes acabam legitimando a educação sexista, desencadeando nas crianças sentimentos de inferioridade e frustração que acarretarão consequências na sua vida adulta.

Desde quando uma menina não pode brincar de carrinho ou um menino brincar com boneca? Quem impôs essa regra? Por quem foi criada a concepção de que mulher nasceu para profissões como professora, e o homem para profissões como engenheiro? Estas e outras questões voltadas às atitudes sexistas sempre se fizeram presentes e, no entanto, sempre nos mantivemos alheios(as); digo nós, pois me incluo nesta categoria.

Atitudes como não permitir que meninos brinquem hoje com bonecas poderão torná-los amanhã pais que não se relacionam com seus filhos, pois cresceram ouvindo e vendo que a função de cuidar de crianças é da mulher, e torná-los ainda homens ausentes que não dividem as funções domésticas.

As meninas também sofrem com o tratamento inferior dos meninos, pois desde muito cedo são ouvintes, aprendem que prendas domésticas serão suas funções futuramente. São estimuladas a não correr, a não falar alto, a serem cuidadosas, caprichosas, meigas, educadas, maternas, portanto boas mães e boas esposas.

Na escola, quando uma menina sai do padrão estabelecido, é logo tachada de menina problema, perturbada. Pois quem nunca ouviu algum professor ou professora na sala de reuniões relatar que tem uma aluna que é “pior” que os meninos? E por que os meninos têm que ser “piores” que as meninas?

Percebe-se também que, em nenhum momento, as crianças se referem às brincadeiras no parque com diferenciações, o que vem ao encontro das observações realizadas, sendo possível sempre notar que esse é um dos poucos momentos em que as crianças se integram, não se dividem por sexo nas brincadeiras no parque, esquecendo que são meninos e meninas, e brincam juntos e juntas sem distinções, sem rivalidades ou competições, apenas “brincam”, como poderia ser em outros momentos.

Não podemos nos esquecer ou ignorar que a mídia também influi na concepção das brincadeiras quando já nas propagandas determina e associa o tipo do brinquedo à menina ou ao menino, estimulando a distinção através da sua divulgação, da sua embalagem, da sua disposição nas lojas, ou seja, os brinquedos tidos para as meninas têm suas embalagens mais delicadas e são voltados para maternidade e a beleza, implicando assim a ideia de que a mulher nasceu para ser bela, frágil, materna, esposa; já os brinquedos voltados para os meninos têm suas embalagens em cores fortes e representam o lado forte, líder, homem de raciocínio lógico, intelectual, competitivo e até violento. Dentro dessa visão, Felipe (1999) ressalta que os tipos de jogos, brinquedos e brincadeiras que *“oportunizamos a meninos e meninas, a utilização dos espaços que permitimos a um e a outro, são alguns exemplos de como os indivíduos vão se constituindo”* (p. 169).

Desconstruir a ideia de que o brinquedo e as brincadeiras acabem legitimando as diferenças discriminatórias nas crianças, uma vez que lhes são apresentadas de maneira a vincular a feminilidade e a masculinidade ao modelo imposto pela sociedade há séculos ditando regras aos sujeitos para que os meninos e as meninas se comportem e ajam de acordo com o seu sexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola tem um papel primordial e privilegiado no trabalho de vivência e prática das relações de gênero na educação infantil, e este tema não pode ficar fora do trabalho pedagógico dos(as) professores(as) pois a natureza define o sexo da pessoa: nascemos homem ou mulher, o gênero vai além disso, pois não nascemos acompanhado de um manual que define como homens e mulheres devem se portar, isso é aprendido e estabelecido nas relações e varia de acordo com a cultura, valores, conceitos e meio social em que a criança está inserida. Logo depois que um indivíduo nasce, inicia-se um longo processo social que influencia a construção de sua identidade, do seu papel sexual e de como se porta nas relações entre os sexos. A absorção desses estereótipos de gênero depende de como cada um aprende, entende e interpreta seus direitos e deveres em relação a si mesmo, ao outro e ao seu grupo social.

Existe uma naturalização de determinadas práticas que reforçam os estereótipos de gênero e determinam como os meninos e meninas devem agir dentro da escola reprimindo aqueles (as) que não agem conforme o padrão estabelecido desse modo não existe respeito à diferença e é nesta questão que a escola e todos os seus profissionais precisam se atualizar e trabalhar em prol da igualdade de gêneros buscando garantir dignidade e igualdade de oportunidades.

Há um desafio para a escola de construir um novo olhar sobre as relações de gênero na educação infantil sob a ótica infantil, que não venha carregado de preconceitos e sim com a ousadia de transgredir os padrões estabelecidos enfim um olhar diferente que procura desmistificar as diferenças.

A escola não deve se portar como neutra e deve iniciar a discussão sobre as relações de gênero reconhecendo que ela participa ativamente da construção da identidade de gênero e infelizmente nos dias atuais de forma desigual. E essa construção se inicia desde as primeiras relações da criança no ambiente coletivo da educação infantil.

Discutir as questões de gênero na educação infantil significa refletir sobre relações das práticas educacionais cotidianas, desconstruindo e redescobrimo significados. Significa questionar conceitos preconcebidos, determinações que sutilmente permeiam nossas práticas. Discutir as relações de gênero na educação infantil é, antes de tudo, remexer e atribuir novos significados à nossa própria história.

Relacionar gênero e infância permite que possamos enxergar as múltiplas formas de ser menino e de ser menina que as categorizações não nos deixam ver. Assim daremos a esses meninos e meninas a possibilidade de serem eles mesmos e percorrerem novos caminhos, vivendo a infância com sua inteireza, em sua plenitude.

Este modelo histórico de conceito de gênero está enraizado à nossa sociedade em virtude da cultura que trazemoshá séculos, onde havia a diferenciação entre as atuações profissionais e/ou domésticas, entre o homem e a mulher, inclusive nas escolas havia (e até hoje há) separação entre os meninos e as meninas, tanto pra filas quanto para atividades físicas e escolas destinadas somente a meninos e outra para meninas. Estamos tendo a oportunidade de discutirmos mais sobre o assunto gênero na escola, porém, ainda temos muito a caminhar.

Concluo que para que aconteça a igualdade no tratamento de meninos e meninas e uma educação livre de preconceitos e desigualdade entre os sexos, é preciso a cooperação entre família, comunidade e profissionais da educação. É necessária a reflexão sobre as condutas e práticas que se têm com as crianças, para que não haja mais divisão e distinção de meninos e meninas em brincadeiras, filas, interações e nos tratamentos direcionados a elas. E, a Educação Infantil é um momento importante para que tudo isso aconteça, pois esta, é a base para a formação da criança e para dar sequência todas as outras.

Por esse prisma na Educação Infantil, a questão de gênero precisa ser priorizada, urgente, pois é nela que a identidade começa a ser construída, ou seja, os sujeitos vão se construindo como femininos ou masculinos e a linguagem utilizada pelo(a) professor(a) é fundamental nesse processo, suas reações diante das situações são determinantes nessa construção de identidades. E cabe ao professor ao se deparar com situações de diferenciações de gênero discriminatórias e ou excludentes, não ficar alheio à situação, pois, a não interferência resultará e colaborará na legitimação da hierarquização entre o masculino sobre o feminino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERNAZ, Lady Selma; LONGHI, Márcia. Para compreender gênero: uma ponte para relações igualitárias entre homens e mulheres. In: SCOTT, Parry; LEWIS, Liana; QUADROS, Marion Teodósio de. **Gênero, diversidade e desigualdades na Educação**: interpretações e reflexões para a formação docente. Recife: Editora Universitária UFPE, 2009, p. 75-95.
- ALTMANN, Helena. MARIAS (E) Homens nas Quadras: Sobre a ocupação do espaço físico escolar. **Educação e Realidade**. Das diferenças. Porto Alegre, p. 157-173, jul./dez. 1999.
- BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Criança e brinquedo: feitos um para o outro? In: Vorraber, Marisa (org.). **Estudos culturais em educação**: Mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Universidade. UFRGS, 2000. p. 205-227.
- FINCO, Daniela. Educação infantil, espaços de confrontos e convívio com as diferenças: Análise das interações entre professora e meninos e meninas que transgridem as fronteiras de gênero. www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/.../DANIELA_FINCO.pdf
- FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação**: Universidade de Campinas, Campinas, v.14, n.3 (42), p.109-101, set./dez. 2003.

FELIPE, Jane. Sexualidade nos livros infantis: Relações de gênero e outras implicações. In: MEYER, Dagmar E. Estermann (org.). **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 77-89.

FELIPE, Jane. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 53-65.

FREITAS, Lia Beatriz de Lucca. **A produção da ignorância na escola**: Uma análise crítica do ensino da língua escrita na sala de aula. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, Dagmar E. Estermann (org.). **Saúde e sexualidade na escola**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 85-96.

LOURO, Guacira Lopes. A escola e a pluralidade dos tempos e espaços. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Escola Básica na virada do século**: Cultura, política e currículo. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 119-129.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2005.

MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: Um debate contemporâneo na educação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p.9-27.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina**: O sexismo na escola. Campinas: Moderna, 1999.

SABAT, Ruth. Quando a publicidade ensina sobre gênero e sexualidade. In: SILVA, Luis Heron da (org.). **Século XXI**: Qual conhecimento? Qual currículo? Petrópolis: Vozes, 1999. p. 244-260.

SACRISTÁN, J. Gimeno. A seleção cultural do currículo In: SACRISTÁN, J. GIMENO. **O Currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000. pp. 55-87.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Currículo integrador da infância paulistana**. São Paulo: SME/DOT, 2015

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. **Mais Educação São Paulo**: programa de reorganização curricular e administrativa, ampliação e fortalecimento da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. São Paulo: SME, 2013.

SAYÃO, Déborah Thomé. Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, Meninas? Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância. **Pro-posições**: Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação, Campinas: UNICAMP, v. 14, n. 3, p. 67-87, set./dez. 2003.

SAYÃO, Déborah Thomé. Infância, sexualidade e educação: Aspectos das relações profissionais e crianças. In: SARTORE, Ari José; BRETTO, Néli Suzana (orgs.). **Gênero na educação**: espaço para diversidade. Florianópolis: Genus, 2004. p. 40-4



Adelina Ursula Correia de Lima

Mãe, e Pedagoga formada pela Faculdade Renascença em 2008, também formada em Matemática pela Universidade Camilo Castelo Branco em 2014 (UNICASTELO). Especializada em Educação Gênero e Diversidade (UNIFESP, 2016) e Educação Infantil pela Faculdade Campos Sales, em 2017 (FICS). Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).

A IMPORTÂNCIA DA ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CRISTIANA FERREIRA DE SOUSA NEVES

RESUMO: Esse artigo pretende buscar reflexões a respeito da necessidade das diversas Linguagens Artísticas para o desenvolvimento infantil. Por isso se faz necessário algumas ações e experiências para que essa criança seja estimulada, se isso acontecer desde cedo ela terá maior tempo para desenvolvê-la principalmente na primeira infância. O pensamento artístico não é igual para todas as pessoas, mas se estimulada pode se tornar mais sensível ao mundo ao seu redor, percebendo novas formas de expressão e linguagens como artes visuais modelagens, colagem, fotografia, pintura, as linguagens culturais, artísticas, teatral e audiovisual. Observar a natureza, sentir os sons ao seu redor, se envolver em encenações teatrais ou movimentos corporais trazem um estímulo para a criança em fase de aprendizagem. É na brincadeira que a criança constrói relações consigo e com o outro, melhora sua maneira de agir, sentir e pensar, valoriza sua identidade e aprende a respeitar os outros, permitindo ter novas sensações e experiências em suas relações sociais.

Palavras-chave: Cultura. Criatividade. Educação. Expressão. Pensamento Artístico.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil tem a interação e a brincadeira como eixos estruturais de aprendizagem, e ao brincar a criança desenvolve suas relações, explora expressa-se, sente e conhece-se. Nessa fase a criança deve ter acesso a todas linguagens Artísticas, visuais, teatral, dança e música.

As linguagens artísticas trazem a compreensão de si mesmo, dos seus sentimentos e emoções, e da realidade. Esse conhecimento desenvolve seus aspectos culturais, sociais, emocionais, perceptivos estéticos e criativos. Compreendemos assim que a infância é uma das fases mais importantes da vida de uma pessoa, porque nesse momento se constrói uma base para outras linguagens. Por isso vamos tratar desse assunto com ênfase na necessidade da escola e da família de valorizar as manifestações culturais e as produções da criança, resultando na formação da cidadania, pensamento crítico e da autonomia artística.

ABORDANDO A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A rotina das crianças na Educação Infantil não deve ser mecânica, sem objetivos. O fazer artístico pode ser estimulado como: movimento do corpo, percepção do ambiente, leitura das obras e manifestações artísticas, apreciação musical e instrumental construindo assim uma formação cultural e social dos pequenos nas diversas linguagens.

Na primeira infância temos a capacidade de aprender desde o momento que começamos a explorar o mundo ao nosso redor, desde bebê. Cada cheiro, cada movimento de seu pai, mãe e família, cada contato, cada experimento é um processo de aprendizagem. A criança torna-se capaz de vivenciar e interpretar seu mundo e construir sua identidade, e é através das linguagens que estas experiências acontecem. De início é natural que a criança ainda pequena faça imitações de comportamento daquilo que ela vê as pessoas mais próximas fazerem, ela está explorando os limites, jogando coisas no chão para ver se alguém pega, ela repete aquele padrão por muitas vezes até que alguém dê um "basta", tudo isso faz parte do seu processo de aprendizagem. Passada essa primeira fase a criança necessita de estímulos.

Esses estímulos trarão a percepção básica ou abrangente a respeito das suas possibilidades ao seu redor. É nesse aspecto que entra as práticas pedagógicas que são muito abrangentes, e que além de ter o objetivo de estimular a coordenação motora se amplia na capacidade de criação e desenvolvimento pessoal.

Para isso a abordagem inicial seria dividida em fases. Na primeira fase no primeiro ano de um bebê, é o contato entre o adulto e a criança que vai predominar.

Numa segunda quando a criança começa a andar, ela entra numa fase de admiração com tantas possibilidades e um novo mundo a ser desfrutado, nessa fase seu desenvolvimento é baseado em se equilibrar e explorar os limites do seu corpo. Passada essa fase de crescimento e desenvolvimento da sua capacidade motora, vem a próxima etapa.

Numa linguagem bastante educativa podemos afirmar, que os meios educativos representam todos aqueles elementos ao recorrermos, quando atuamos na área da educação. (GARCIA. WALTER. E. 1977, p. 25).

Segundo Garcia (1977), todos os elementos aos quais recorreremos para o desenvolvimento da educação, entram na área pedagógica e no desenvolvimento criativo. A arte tem diversos recursos, que veremos ao decorrer dessa pesquisa, e por ser muito abrangente, a criança tem diversas possibilidades e meios de desenvolver inúmeras atividades em sala de aula que seja benéfica para seu desenvolvimento de forma que não se torne cansativo, muito mesmo repetitivo.

Os primeiros escritos, o incentivo à leitura, os brinquedos pedagógicos. É melhor dar a criança um jogo de habilidades do que uma arma de plástico. (CHALITA. 2001, p. 27).

Segundo Chalita (2001), as crianças devem ser desafiadas e estimuladas, nesse aspecto do desenvolvimento podemos, propor atividades lúdicas, jogos teatrais, movimento, para aguçar sua sensibilidade de forma que ela explore seus próprios sentidos, seu corpo e suas habilidades.

ARTE NA EDUCAÇÃO NÃO É UM MERO EXERCÍCIO

A importância da arte na escola é um tema que vem sendo sempre debatido. Por muitos anos as linguagens artísticas não eram exploradas, segue a necessidade do resgate das manifestações culturais, a leitura do mundo é um dos meios de construção de habilidades.

Há uma alfabetização cultural sem a qual a letra pouco significa. A leitura social, cultural e estética do meio ambiente vai dar sentido ao mundo da leitura verbal. Por outro lado, a arte facilita o desenvolvimento psicomotor sem abafar o processo criador. Em 1988, Maria Lucia Toralles Pereira defendeu uma tese na Universidade de São Paulo (ECA) pesquisando numa creche de criança pobres demonstrou que o grupo que trabalhou com arte desenvolveu melhor a sua motricidade de que o grupo submetido a exercícios psicomotores usuais" (BARBOSA. 2001, p. 28).

Barbosa (2001) vem afirmar, como a arte possibilita ampliar e explorar por meio da música, dança, e do teatro suas habilidades corporais e seus movimentos melhorando sua linguagem corporal. A pesquisa da Maria Lucia Toralles, mostra que algumas crianças que tinham contato com as linguagens artísticas, tiveram um desenvolvimento motor muito maior. Isso porque a arte consegue atingir diversas áreas do conhecimento.

E está provado que as linguagens artísticas não são apenas uma matéria que pode ser descartada, ela é necessária. A arte desenvolve o lado humano e quanto mais cedo for desenvolvida na criança no ambiente pedagógico mais sensível ela se tornará, porque as aprendizagens se concretizam por meio de três eixos: o fazer artístico, a apreciação e a reflexão.

O que o processo de socialização faz com a imaginação? A criança pequena entra na escola e encontra o olhar complacente do adulto: "Que lindo o seu desenho, olhe que imaginação que criatividade! Isso quando na melhor hipótese ela encontra um adulto sensível!" (MACHADO 1988)

Esse trecho do livro de Machado (1988), só vem confirmar tudo que já foi visto até aqui, o quanto a falta de arte torna os adultos insensíveis muitas vezes a tudo ao seu redor. Seguindo o pensamento de Machado 1988, a criança entra na escola, no seu melhor momento criativo, faz algo surpreendente, mas ao encontrar o olhar do adulto que não teve um estímulo artístico, esse lhe dá um retorno negativo ou simplesmente insignificante, com um "muito bom" ou "bonito" e até mesmo "o que é isso?", naquele instante a criança perde o estímulo e parte para fazer apenas o que as outras crianças fazem, e a partir

daí a sociedade pode ter perdido um mente criativa, e as potencialidades desse indivíduo. Uma criança que recebe um bom estímulo integral desenvolve suas habilidades sociais, intelectuais, emocionais, perceptivos, físicos, criativos e estéticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pode-se constatar é na Educação Infantil que a Arte deve ser construída junto com os alunos, por meio das experiências da infância, do brincar, do fazer e do apreciar.

A criança precisa ampliar o campo de suas atividades, seus gestos não são mais básicos, agora ela já consegue criar sem precisar apenas copiar, e ter a necessidade de estar em constante movimento.

Para que essa capacidade criativa seja explorada de forma significativa é importante que sejam utilizadas variadas atividades de diferentes linguagens que estimule a coordenação motora de diversos modos. Isso vai ajudar a criança a desenvolver diversos aspectos de sua coordenação motora, além da capacidade de gesticular, falar em público, ouvir diversos tipos de músicas, se sentir à vontade em qualquer ambiente.

Além de contribuir para o crescimento psíquico e função do ser humano, através da interação social e artística é possível ter um desenvolvimento integral da criança pequena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Ana Mae, COUTINHO, Rejane Galvão. **Arte/Educação, Mediação Cultural e Social**. Editora Unesp, 2008.
- CHALITA, Gabriela. **Famílias que educam**. Cortez Editora, São Paulo, 2014.
- GARCIA, Walter E., **Educação teórica e prática**. 1977. Editora Liber Livro. São Paulo.
- MACHADO, Maria Silva M. TATIT, Ana. **300 propostas de Artes Visuais**. Edições Loyola, 3º edição 2006.



Cristiana Ferreira de Sousa Neves

Graduada em Pedagogia, em 2012 pela Faculdade Anhanguera. Graduada em Artes Visuais, em 2016, pela Faculdade Mozarteum de São Paulo. Pós Graduada em Alfabetização e Letramento em 2020, pela Faculdade Campos Salles. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I.



JOGOS E BRINCADEIRAS POPULARES NA PRIMEIRA INFÂNCIA

ELIDA EUNICE DA SILVA

RESUMO: O presente trabalho apresenta uma reflexão voltada para a importância que a brincadeira possui no processo do desenvolvimento infantil, tendo a escola e o professor como principais incentivadores e motivadores desse processo. Sendo o ato de brincar uma ferramenta importante em sala de aula e que necessita ser bem elaborada e estruturada para ser utilizada de maneira certa em prol de uma efetiva aprendizagem. Respeitar a faixa etária da criança inclui o momento da escolha ideal do brinquedo para que possa contribuir de maneira efetiva em sua evolução nos mais diversos aspectos da sua vida. Conscientizar a família e a comunidade sobre a importância da brincadeira na infância é o papel da escola que já possui esse olhar reflexivo voltado para o ato de brincar como uma atitude que facilita a sua aprendizagem. Algumas concepções teóricas promovem reflexão sobre a ludicidade na escola, ajudando na inserção da brincadeira no planejamento das aulas, lembrando que ela promove de maneira espontânea uma mediação de todo conhecimento a ser adquirido pela criança durante sua interação com o meio e tudo que está ao seu redor.

Palavras chave: Desenvolvimento. Educação. Ludicidade. Práticas pedagógicas.

INTRODUÇÃO

O presente artigo trata sobre o assunto que envolve o processo de desenvolvimento infantil, diversos aspectos são levantados, tendo como foco a brincadeira durante os momentos de atividades em sala de aula que acontecem em lugares e tempos diferentes, respeitando as faixas etárias das crianças. Durante muitos anos ela tem sido marcada nas relações infantis e passadas de geração a geração, já que uma criança nasce dentro de uma determinada cultura que contém seus ideais, valores, metas, foco etc.

A brincadeira é composta por uma série de ações práticas, envolvendo diversos conhecimentos por meio de fatos que foram elaborados e construídos ao longo da história através das pessoas que estavam inseridas numa determinada época e cultura.

Uma maneira bem simples de compreender melhor a capacidade da criança e seu processo de desenvolvimento, é por meio da observação de suas brincadeiras e a maneira como consegue se envolver inclusive com tudo ao redor. O brinquedo tem sua importância e cabe ao professor se utilizar dele para desenvolver suas ações em prol de uma efetiva evolução na aprendizagem da criança.

Tanto o professor quanto a escola necessitam buscar uma verdadeira reflexão sobre a real necessidade da aquisição do brinquedo como recurso que contribui no processo de desenvolvimento da criança.

Um dos objetivos deste estudo é indicar que a brincadeira é essencial na vida das crianças, inclusive no seu processo de formação de caráter e personalidade. Portanto, momentos lúdicos precisam ocorrer sempre e em diversos locais com objetivos diferenciados. Com isso, toda criança possui o direito de poder brincar, sendo respeitada em suas escolhas. Ações que favorecem seu desenvolvimento automaticamente envolvem o incentivo ao pensamento, fantasia, exteriorização de suas emoções e sentimentos etc., facilitando assim a aprendizagem da criança, envolvendo novos valores e/ou ressignificando os existentes, favorecendo um novo olhar do mundo.

Conforme os anos foram se passando, percebe-se uma necessidade urgente de desenvolver um novo olhar para a pedagogia, já que os tempos mudaram e novas reflexões precisam gerar novos comportamentos por parte inclusive daqueles que estão envolvidos com a criança, independente se fazem parte da família ou estão dentro da escola. Para fins desta análise, o trabalho foi fundamentado nas teorias e estudos de alguns pesquisadores e autores do assunto como Kramer, Oliveira, Moyses etc.

Contudo, vale destacar que as informações aqui disponibilizadas, foram obtidas por meio de pesquisas bibliográficas que tratam do tema, já que a prática educativa é um dos objetivos da escola em prol de uma efetiva contribuição no processo de desenvolvimento da criança, através de momentos lúdicos contribuindo para diversos aspectos de sua formação, inclusive em sua alfabetização.

A RELAÇÃO ENTRE A CRIANÇA E A BRINCADEIRA

Desde o seu nascimento, a criança passa por mudanças constantes. Sendo característico no começo suas atitudes refletirem suas necessidades básicas que ocorrem pelos processos naturais da vida e conforme sua convivência familiar os processos psicológicos vão se tornando mais complexos quanto sua formação devida influência externa. Contudo, o processo de desenvolvimento da aprendizagem infantil tem início antes da criança ir pela primeira vez na escola, já que assim que nasce é exposta a toda realidade do mundo, dentro de uma sociedade específica e com costumes que são mediados pelas pessoas que estão ao seu redor.

Quando uma pessoa nasce, ela se desenvolve inicialmente com a ajuda de outras pessoas até mesmo devido não possuir capacidade para fazer sozinha. Ao passar dos anos ela vai adquirindo habilidades que farão com que consiga ter um convívio mais autônomo onde vive. Na atualidade, se tornou natural a inserção da criança pequena na escola, mesmo ainda tendo necessidades básicas que deveriam ser supridas pela família. Isso decorre da situação dos pais e responsáveis se ocuparem com trabalho durante o dia para sustentar a casa, o que transformou o olhar da família numa instituição não muito conservadora em comparação com o passado, onde a mãe cuidava de seus filhos em casa enquanto o pai saía para trabalhar e sustentar a família.

O ambiente escolar, portanto, se tornou um espaço em que a criança possui contato direto com outras pessoas que fazem parte de uma cultura, mesmo que de maneira sistemática e organizada por planejamentos. A partir daí outros processos que envolvem a escolarização da criança acabam surgindo novas oportunidades relacionais, inclusive com a ruptura parcial do elo com a família fazendo com que a escola se torne fundamental para o processo de desenvolvimento cognitivo, emocional e físico da criança.

Todo o ambiente escolar vai proporcionar à criança a experiência direta com a diversidade existente na sociedade por meio da interação com as demais pessoas ao redor e conduzindo para uma aprendizagem rica com conhecimentos novos preparando sua autonomia para agir no mundo social. É nessa fase que se deve observar a importância do processo evolutivo da criança, tendo um olhar diferenciado para ela, não a comparando com um adulto em miniatura mas vendo que suas atitudes são caracterizadas pela sua faixa etária e necessitam ser respeitadas.

Tais características possuem importância inclusive quando ocorrem os momentos de planejamento das aulas nas escolas, em se tratando do conteúdo a ser ensinado e a maneira, já que existem fases diferentes e todas precisam ser respeitadas. Cada criança possui um tempo diferente, pelo fato dela ter um seio familiar, costumes, hereditariedade, organismo, maturação neurológica e convívio social diferentes.

O ser humano não pode ser visto em seu processo de desenvolvimento de maneira generalizada, mas cada uma precisa ser compreendido nos mais diversos aspectos da vida de maneira individualizada.

Para Piaget (1991), o desenvolvimento humano é dividido conforme ocorre o surgimento de novos pensamentos, interferindo de maneira direta no desenvolvimento global que se caracteriza por atitudes que se destacam em determinados períodos. A evolução da cognição da pessoa faz com que ela consiga perceber que existem outras pessoas ao redor e que todas convivem numa sociedade. Contudo, para ele a socialização do pensamento é um dos objetivos de todo desenvolvimento humano, tendo a relação interpessoal como papel importante em toda a construção evolutiva do conhecimento. Com isso:

Com efeito, a vida é uma criação contínua de formas cada vez mais complexas e um equilíbrio progressivo entre essas formas e o meio. Dizer que a inteligência é um caso particular de adaptação biológica é, pois, supor que ela é essencialmente uma organização e que sua função é estruturar o universo como o organismo estrutura o meio imediato. (PIAGET, 1991, p.10)

Todas as pessoas vivenciam períodos diferentes e evoluem, mas o começo de cada fase e seu término dependem bastante de suas funções biológicas individuais e de fatores externos como família, educação, meio social etc., portanto, cada momento citado serve como uma referência, mas tem uma

variação de pessoa para pessoa.

A ação do brincar se remete a uma atitude bastante séria, que faz parte da infância e contribui de maneira significativa no processo de desenvolvimento em diversos aspectos. A brincadeira é uma necessidade que a criança possui assim como seu direito. Através dela a criança consegue adquirir maior vivência com as linguagens e os valores da sociedade.

Mesmo diante dessa perspectiva, em muitos casos a brincadeira não é proporcionada com esses objetivos, sendo na prática atividades que não possuem sentido algum para a criança.

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. (ALMEIDA, 2012, p. 12)

Nos primeiros anos escolares, mais especificamente na educação infantil é que existe um cuidado maior na inserção da criança em atividades que envolvem brincadeiras. Isso acontece para que a criança tenha a oportunidade de viver experiências importantes e necessárias para seu ingresso no ensino fundamental. Alguns documentos foram criados como base na educação para desenvolver algumas capacidades específicas na criança.

Para que as crianças sejam alcançadas por tais objetivos nos primeiros anos escolares, é essencial que os professores desenvolvam atividades que estimulem as potencialidades de cada uma delas.

Os jogos e as brincadeiras são recursos que ajudam a promover estímulos necessários ao desenvolvimento da criança nos mais diversos aspectos de sua vida. Por meio de atividades que envolvem esses recursos que o professor conseguirá contribuir de maneira efetiva no processo de aprendizagem da criança, já que é no universo infantil que a ludicidade tem um destaque inclusive em leis específicas da educação.

Nos dias atuais ainda é notada a dificuldade de alguns professores em desenvolver atividades vinculadas ao lúdico e que proporcione uma real aprendizagem para a criança. Existe uma liberação de brincadeiras sem sentido algum não contribuindo para o seu desenvolvimento.

Com isso, o professor precisa rever sempre o real objetivo da educação principalmente em seus primeiros anos, levando para os anos seguintes de maneira gradativa e efetiva, respeitando o tempo de cada criança e sua realidade social e cultural. Para Kamii, (1991, p. 15):

Em relação aos professores: que as crianças possam ser autônomas e através das brincadeiras que a autoridade do adulto seja reduzida ao Máximo possível, já que neste momento todos independente da sua idade passa a ser criança. 2. Em relação aos companheiros: que as crianças aprendam a compartilhar e a se colocar no lugar do próximo que ela saiba qual é o momento de ouvir e de ser ouvida. Desta forma ela aprende a respeitar a si e aos outros. 3. Em relação ao aprendizado: que as crianças fossem alertas, curiosas, críticas e confiantes na sua capacidade de imaginar coisas e dizer o que realmente pensam. E que elas tivessem iniciativa, elaborassem ideias, perguntas e problemas interessantes e relacionassem as coisas umas às outras. (KAMII, 1991, p. 15)

A brincadeira para a criança ajuda no processo de desenvolvimento e na sua aprendizagem. O que faz com que ela consiga ter um comportamento mais sossegado e satisfatório, aprendendo a ter domínio de suas atitudes com uma boa socialização com aqueles que estão ao seu redor.

Com isso, para que a criança consiga ter um bom desenvolvimento é necessário que ela tenha cuidados específicos com atividades e recreações que condizem com sua idade em prol de um avanço contínuo e único. Situações constrangedoras de comparação entre as crianças jamais podem ocorrer, assim como a exigência de atitudes que não são compatíveis com o que conseguem realizar. Para ser mais bem compreendida em suas fases de desenvolvimento, é importante conhecê-las para que as ações estejam voltadas para uma efetiva aprendizagem.

A brincadeira é considerada uma forma em que os seres vivos se utilizam para vivenciar várias experiências com diferentes propósitos. Para Moyles (2002, p.11) "Quando uma pessoa adquire um

novo equipamento, tal como uma máquina de lavar, a maioria dos adultos vai dispensar a formalidade de ler o manual de ponta a ponta e preferir "brincar" com os controles e funções". Isso se deve pelo fato da pessoa desde pequena ser incentivada no exercício da criatividade por meio de ideias e na criação de coisas novas, na curiosidade de tentar montar, etc. A criatividade é considerada uma qualidade que desperta a curiosidade buscando informações por meio de inspirações nas mais diversas formas de sentir.

A aprendizagem para a criança é algo que não se pode evitar, sendo assim, Holtz (1998) afirma:

O brincar deve ser valorizado por aqueles envolvidos na educação e na criação das crianças pequenas, fazendo a escolha dos materiais lúdicos que são reservados no brincar, cujo objetivo deve ter seu efeito sobre o desenvolvimento da criança. Porque muitas crianças chegam à escola maternas incapazes de envolver-se no brincar, em virtude de uma educação passiva que via o brincar como uma atividade barulhenta, desorganizada e desnecessária. (HOLTZ, 1998, p. 12)

Algo que dificulta o desenvolvimento da criança é a não compreensão por parte do adulto sobre a importância da brincadeira na infância. Sendo que é nessa fase que se desenvolve a criatividade, fantasia, diferenciação dos personagens imaginários com a realidade, exteriorização de maneira simples do que está em seus pensamentos etc.

Na escola a brincadeira possui uma importância significativa para a aprendizagem infantil, sem contar que as atividades feitas e mostradas para as famílias ajudam numa melhor compreensão desse universo e suas necessidades para todos os que estão ao redor da criança. Servindo também de parâmetro para que sempre aconteça uma reflexão pelo professor sobre as ações que favorecem melhor a aprendizagem em sala de aula. Para Piers e Laudau (1990, p. 43) "*O brincar desenvolve a criatividade, a competência intelectual, a força e a estabilidade emocionais, sentimentos de alegria e prazer: o hábito de ser feliz*".

Em todo o seu processo de desenvolvimento, a criança precisa se sentir livre, sendo criada por adultos que cultivem sua liberdade e respeitem sua natureza infantil. Dessa forma, interagindo com o meio ao seu redor, conseguirá desenvolver sua autonomia tendo maior facilidade para se comunicar e aprender os conteúdos ensinados na escola.

O ambiente necessita proporcionar à criança condições para que ela consiga se realizar em suas fases com motivação e se integrando na sociedade de maneira saudável. Um local que seja acolhedor e que seja favorável para o aprendizado infantil e que respeite todas as suas fases dentro do processo de desenvolvimento cognitivo, social e cultural.

Um ambiente que contribua significativamente precisa ser preparado não somente no ambiente escolar, mas inclusive no âmbito familiar. Sendo adequado de maneira que contemple sua quantidade e qualidade para a criança ter um bom desenvolvimento de forma espontânea, sem manipulações por adultos ao redor, conseguindo agir e receber retorno referentes aos seus questionamentos e indagações por meio de suas ações que envolvem curiosidade e autoconhecimento.

O brincar produz momentos de alegria e muita diversão conforme ocorre a relação entre os acontecimentos reais e a aprendizagem. O professor em sala de aula necessita ter suas ações voltadas para o efetivo desenvolvimento da criança e o lúdico contribui significativamente para isso, pois através dele que áreas como a cognição, motricidade e afetividade são despertadas em suas potencialidades.

É compreendido que a ludicidade se faz presente na vida do homem desde sempre nas pequenas situações da vida, como por exemplo, pelo fato da criança não estar dormindo, mas acordada onde realiza seus movimentos corporais por meio da brincadeira, o que caracteriza a presença dos jogos simbólicos e do faz de conta. Para Oliveira (2011, p. 15) "*Manifesta a forma como a criança está organizando sua realidade e lidando com suas possibilidades, limitações e conflitos, já que, muitas vezes, ela não sabe, ou não pode falar a respeito deles*".

A aprendizagem da criança não acontece se não existir uma interação dela com outras pessoas, o que torna a escola importante no papel de promover um elo entre todos os envolvidos nesse processo para que ela possua experiências suficientes para o favorecimento desse desenvolvimento de maneira emocional, social, intelectual e afetiva.

Nota-se que por meio da ludicidade a criança desenvolve sua fantasia pelo faz de conta nas situações do dia a dia, elaborando novamente uma nova interpretação sobre o que está ao seu redor.

No ambiente escolar, o professor é o que tem maior responsabilidade na mediação dos conteúdos, proporcionando o conhecimento à criança. A educação promove a autonomia mediante a faixa etária e possui o poder de definir os anseios com liberdade de opinar sobre os caminhos que serão percorridos por cada uma na sociedade em que vive. É onde se forma o caráter nos mais diversos aspectos físico, intelectual, social e emocional.

A experiência da brincadeira permite às crianças decidirem sobre os papéis a serem representados, atribuir significados diferentes aos objetos, transformando-os em brinquedos, levantar hipóteses, resolver problemas, pensar, sentir sobre seu mundo e o mundo mais amplo ao qual não teriam acesso no seu cotidiano. (FORTUNA, 2012, p. 67)

A brincadeira sempre estará presente em toda a rotina que envolve as atividades infantis, pois através dela que se instiga a imaginação, as variadas habilidades, a criatividade, a socialização, o respeito mútuo, fazendo uma relação com os mais diversos aspectos que envolvem toda a diversidade em que a criança está inserida.

COMO OS JOGOS E AS BRINCADEIRAS PODEM INFLUENCIAR NO PROCESSO EDUCATIVO

O ato de brincar se remete a uma atividade em que se inicia a partir do nascimento da criança no seio da família, dando continuidade durante anos. No começo, a brincadeira não possui nenhum objetivo voltado para uma aprendizagem, mas para realização prazerosa e de recreação. Contribuindo também para a exploração do ambiente e interação das pessoas que estão ao redor, seja os pais ou qualquer outra pessoa.

Toda criança está inserida numa cultura, que é o agrupamento de pessoas que compartilham características de maneira parecida, integrando um sistema individual e ao mesmo tempo coletivo de quem convive. Quando acontece a interiorização dos conceitos, a pessoa passa a repensar dando novo sentido no contexto cultural. A criança no momento de seu nascimento é inserida em uma sociedade que a todo instante ressignifica sua história, através das situações que mudam e as pessoas envolvidas consideradas como aquelas que movem todo o processo. Com isso, para Vygotsky (1987) ocorre um distanciamento entre o desenvolvimento humano com as teorias da psicologia. Para ele:

Pelos de domínio dos meios externos do desenvolvimento cultural e do pensamento: o idioma, a escrita, o cálculo, o desenho, bem como pelas funções psíquicas superiores especiais, aquelas não limitadas nem determinadas de nenhuma forma precisa e que têm sido denominadas pela psicologia tradicional com os nomes de atenção voluntária, memória lógica e formação de conceitos. (VYGOTSKY, 1987, p. 32)

O desenvolvimento do ser humano, tem sua variação devido às diferentes atividades de mediação apresentadas em determinadas fases. Cada pessoa tem capacidade de ser transformadora de sua realidade, mudando o contexto social em que vive, concomitante com as transformações ocorridas socialmente de forma natural.

Por meio da utilização de instrumentos diferenciados é possível caracterizar a ação humana. O que demonstra que quando uma criança possui uma relação com um determinado objeto recebe sua devida importância em seu contexto social. Para cada cultura inserida, o objeto possui um sentido diferenciado e que muitas vezes a criança já conhece sua funcionalidade por conviver constantemente com ele.

O importante fato de a brincadeira ter um significado no processo de crescimento da criança é que por meio de ações e atividades lúdicas acabam contribuindo para uma transformação na vida relacional entre a própria criança com o objeto em si. Para Vygotsky (1998, p. 127) "A criança vê um objeto, mas age de maneira diferente em relação ao que vê. Assim, é alcançada uma condição que começa a agir independentemente daquilo que vê".

É durante as atividades lúdicas que a criança consegue dar novos sentidos para os objetos partindo de seus pensamentos com criatividade, sem contar que ela consegue criar uma relação com os colegas para construir novos significados de maneira a compartilhar com todos.

As crianças usam seus pensamentos fantasiosos para exercer uma funcionalidade no processo de desenvolvimento linguístico e das habilidades e competências de resolução de seus conflitos. Ainda, o mesmo autor conceituou a zona de desenvolvimento proximal como:

A distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com os companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1998, p. 97)

O ato de brincar é a mera realização de segmentos que não causam satisfação inicialmente, já que tais elementos compõem os sentimentos que o brinquedo proporciona. Dessa forma, a brincadeira tem uma representatividade significativa em todo o desenvolvimento da criança,

Para Vygotsky o brinquedo não pode ser visto como único objeto que proporciona prazer para a criança, já que outros podem causar essa mesma sensação em momentos diferentes da vida. Lembrando que em alguns casos, existem brincadeiras que não proporcionam tanto agrado, mas o produto dessas ações é satisfatório. Em se tratar de jogos, mesmo que muitos não se alegrem com a derrota, o processo durante o momento do jogo contribui aquisição de novos conceitos de regras de convivência, respeito mútuo etc.

Realmente não se deve desconsiderar o fato de a criança não suprir suas necessidades através da brincadeira. Os bebês tendem a realizar suas vontades de maneira rápida, onde o tempo é considerado curto entre ter o desejo e conseguir realizar. Quando estão mais velhas possuem inúmeras vontades onde quase em sua totalidade não são satisfeitas imediatamente, mas em outros momentos através das brincadeiras.

Se as necessidades não realizáveis imediatamente, não se desenvolvessem durante os anos escolares, não existiriam os brinquedos, uma vez que eles parecem ser inventados justamente quando as crianças começam a experimentar tendências irrealizáveis. (VYGOTSKY, 1998, p. 106)

É na sala de aula, que a criança busca atender suas necessidades que até então não foram realizadas ao ter uma relação com o mundo da imaginação, onde tudo que pode ser realizado passa a ser de fato concretizado, mas que somente é chamado de brincadeira no mundo real.

Um processo psicológico novo para a criança em desenvolvimento; representa uma forma especificamente humana de atividade consciente, não está presente na consciência de crianças muito pequenas e está totalmente ausente em animais. Como todas as funções da consciência, ela surge originariamente da ação e na interação com o outro. (VYGOTSKY, 1998, p. 106)

Acredita-se de uma maneira geral, que a brincadeira é fruto da fantasia ou imaginação. Para Vygotsky essa afirmação não é totalmente correta já que entre as crianças pequenas e os adolescentes a própria imaginação é o brinquedo exteriorizado em atitudes. Mas nem em todos os casos, as vontades são exteriorizadas por meio das brincadeiras, ou seja, quando uma criança anda de bicicleta, ela simplesmente faz, não parando para se concentrar e imaginar que está andando de bicicleta simplesmente para satisfazer um desenho ou uma vontade, pois de maneira consciente não consegue discernir o que a motiva a tomar tal atitude de brincar. Não se pode desconsiderar o ambiente em que a brincadeira está sendo proposta para a criança, já que ele possui uma influência direta no modo de pensar e agir. Lembrando que o ambiente também está relacionado com as atividades propostas envolvendo a troca de conhecimentos através dos envolvidos ali presentes.

Tal construção acontece por meio dos processos ocorridos na relação com o meio, trocando experiências e utilizando recursos construídos ou não pelas crianças, cuja significância se encontra na cultura existente onde estão inseridas. É necessário levar em consideração a forma expressiva da criança, já que ela exterioriza sua compreensão de mundo através de suas atitudes, e cada nível social possui uma característica própria de sua cultura.

A brincadeira necessita ser observada como uma atividade que está muito além do ato de brincar, mas uma contribuição significativa no desenvolvimento da comunicação que as crianças exercitam entre si e com tudo que está ao redor, valorizando o faz de conta como o degrau que tem impulsionado a pesquisa por parte de vários autores e pesquisadores que possuem atuação no processo de desenvolvimento infantil.

O ambiente escolar é o local onde a criança tem a oportunidade de compreender de uma forma melhor o mundo, por meio dos relacionamentos vividos. Pois é ali que se oferecem momentos de

aprendizagens que partem da bagagem trazida por cada um, começando um imenso processo que envolve a sociabilidade. Para ela, a escola até então é desconhecida e cheia de regras que acabaram sendo interiorizadas em prol de uma boa relação. De acordo com Hora:

A escola tem uma contribuição indispensável e insubstituível – embora limitada – a dar para a afirmação histórica das classes populares, na medida em que pode favorecer a ampliação da compreensão do mundo, de si mesmo, dos outros e das relações sociais, essencial para a construção da sua presença histórica, responsável e consciente, no exercício da cidadania. (HORA, 1994, p. 49)

Por ter uma função que envolve a construção da formação do indivíduo que vai muito além da mediação do conhecimento, a escola se torna muito importante em todo esse processo.

Mesmo que o processo educativo envolve os mais variados lugares, o ambiente escolar continua tendo a responsabilidade da promoção sistemática do conhecimento. Os direitos que protegem os seres humanos abrangem as propostas educacionais vividas atualmente, inclusive na formação continuada do professor em toda sua prática, o que gera retorno em toda a instituição escolar. Um bom planejamento promovido e conduzido pela gestão é necessário em todo o processo de constituição numa visão pedagógica.

Quando pensamos sobre a função da escola, vem em nossa mente o saber administrar nos mais variados aspectos, até mesmo como cumprimento de uma legislação em vigor. Segundo Libâneo:

Defende uma forma coletiva de gestão em que as decisões são tomadas coletivamente e discutidas publicamente. Entretanto, uma vez tomadas as decisões coletivamente advogam que cada membro da equipe assuma a sua parte no trabalho, admitindo-se a coordenação e avaliação sistemática da operacionalização das decisões tomadas dentro de uma tal diferenciação de funções e saberes. (LIBÂNEO, 2001, p.78)

Implementar os direitos humanos numa proposta pedagógica sem a contribuição da gestão escolar é uma missão considerada difícil. Todo desenvolvimento de aprendizagem envolve os direitos, mesmo que muitos educadores ainda acreditem ter uma ligação com a marginalização. Nota-se em muitos casos, que mesmo àqueles que de alguma forma sofrem discriminações, acabam manifestando-as sem perceber. Isso demonstra a problemática vivida em locais que estão com dificuldade na elaboração de um trabalho que envolva a todos de forma contextualizada.

Para muitos ainda o ambiente escolar é o único lugar que se constrói o conhecimento da criança e que a impulsiona para o mercado de trabalho, ignorando temas que precisam ser desenvolvidos por meio da socialização com os demais envolvidos.

Cabe à gestão democrática a autonomia de rever toda a estrutura escolar caso sinta a necessidade em prol de um ambiente mais social, atenuando todo egoísmo, eliminando todo e qualquer tipo de exploração, superando a opressão por meio da criação de políticas educacionais que favoreçam o desenvolvimento das crianças. É muito importante a contribuição de todos na construção das novas ações, segundo MARQUES:

A participação ampla assegura a transparência das decisões, fortalece as pressões para que sejam elas legítimas, garante o controle sobre os acordos estabelecidos e, sobretudo, contribui para que sejam contempladas questões que de outra forma não entram em cogitação. (1990, p.21)

Tal construção não é considerada algo fácil de ser respeitável no ambiente escolar. Mesmo tendo a liberdade e autonomia da experimentação cria-se limites e estratégias de forma coletiva.

Ao pensar em liberdade no ambiente escolar, devemos fazer um elo entre o relacionamento dos educadores com a gestão, funcionários e alunos sendo que cada uma precisa assumir seu papel responsável em prol de um bom funcionamento do projeto político pedagógico por meio inclusive do contexto social em que a escola está inserida.

Pensar em sua formação tanto inicial quanto contínua é imprescindível.

Uma gestão que se empenha para o bom andamento da escola incentiva os educadores a buscarem novas experiências por meio de formações voltadas à reflexão de suas práticas cotidianas.

Sendo um direito de todos os envolvidos na escola, a formação de maneira continuada contribui na elevação do nível funcional de cada um e principalmente, na relação entre as ações e os projetos criados da escola. Segundo Veiga e Carvalho (1994, P.50) "*O grande desafio da escola, ao construir sua autonomia, deixando de lado seu papel de mera "repetidora" de programas de "treinamento", é ousar assumir o papel predominante na formação dos profissionais*".

É impossível não existir uma discussão envolvendo o ambiente e sua influência no processo de desenvolvimento infantil e sem saber o verdadeiro significado da palavra. Sendo que é por meio disso, que haverá uma melhor compreensão sobre o elo entre a ambientalização com o desenvolvimento efetivo que verdadeiramente acontecerá o aprendizado.

Em outros registros, a palavra ambiente possui significados diferenciados como conjunto de algo que envolve a ecologia, sociedade, economia etc., e que possui uma influência direta ou indireta sobre a vida do ser humano.

Onde a criança passar, é muito importante que todo ambiente esteja preparado para construir uma relação de aprendizagem com ela. Se não estiver adequado, não haverá um bom envolvimento e consequentemente caminhará para um fracasso em seu processo de desenvolvimento.

Uma ambientalização condizente à faixa etária da criança tem suas transformações conforme ela vai crescendo, mudando sua maneira de ver o mundo e suas escolhas. Segundo HORN:

"É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções [...] nessa dimensão o espaço é entendido como algo conjugado ao ambiente e vice-versa. Todavia é importante esclarecer que essa relação não se constitui de forma linear. Assim sendo, em um mesmo espaço podemos ter ambientes diferentes, pois a semelhança entre eles não significa que sejam iguais. Eles se definem com a relação que as pessoas constroem entre elas e o espaço organizado. (2004, p.28)

Em todo o seu processo de desenvolvimento, a criança precisa se sentir livre, sendo criada por adultos que cultivem sua liberdade e respeitem sua natureza infantil. Dessa forma, interagindo com o meio ao seu redor, conseguirá desenvolver sua autonomia tendo maior facilidade para se comunicar e aprender os conteúdos ensinados na escola.

É durante as atividades lúdicas que a criança consegue dar novos sentidos para os objetos partindo de seus pensamentos com criatividade, sem contar que ela consegue criar uma relação com os colegas para construir novos significados de maneira a compartilhar com todos.

O momento de brincar é essencial para o processo evolutivo da criança, e conforme ela cresce ocorrem mudanças com novos sentidos. O que quando pequena sua relação com o objeto era por meio de estímulos, quando maior é rompido o elo de subordinação em relação ao objeto, caracterizando sua autonomia e capacidade de fazer melhores escolhas.

Nos jogos e nas brincadeiras não têm regras fixadas, já que elas são elaboradas pelas pessoas que estão brincando e até mudadas conforme necessidade. Para acontecer a brincadeira, não é necessário a escolha de um local ou material específico, pois qualquer lugar é bem-vindo. Sem nenhum tipo de investimento, os jogos e as brincadeiras populares podem acontecer nos quintais das casas, calçadas, ruas, praças e até dentro de casa, por qualquer pessoa independente da faixa etária, já que por meio delas se fortalece o convívio social, a autonomia, a cooperação, a generosidade, as questões físicas e inclusive psicológicas.

Ao oportunizar e criar situações em que a criança necessita se utilizar da imaginação para poder brincar, gera uma tensão entre ela e seu meio social, fazendo com que a brincadeira acabe soltando a criança daquilo que a prende ao mundo real, oferecendo oportunidade para ter o controle de uma situação em que está vivendo. É comum as crianças se utilizarem de objetos para fazer uma representação de coisas que não são iguais em comparação com a realidade, ou seja, um pouco de terra pode representar uma massa de bolo, vários pedaços de madeira podem representar uma estrada para um lugar bem bonito. Com isso, nota-se que durante a brincadeira, as atitudes e os significados possuem uma relação com os objetos de maneira libertadora. Deste modo:

O desenvolvimento resulta de combinações entre aquilo que o organismo traz e as circunstâncias oferecidas pelo meio [...] e que os esquemas de assimilação vão se modificando progressivamente, considerando os estágios de desenvolvimento. (KRAMER, 2000, p. 29)

Toda pessoa possui em sua história de vida conhecimentos que foram adquiridos por meio da relação com o ambiente em que estava inserida. O que torna plausível a consideração de no mínimo um professor rever suas ações envolvendo o ambiente preparado e estimulante existindo maior liberdade e facilidade para a criança se desenvolver nos mais diversos aspectos.

Para muitos ainda o ambiente escolar é o único lugar que se constrói o conhecimento da criança e que a impulsiona para o mercado de trabalho, ignorando temas que precisam ser desenvolvidos por meio da socialização com os demais envolvidos. Quando se criam grupos em sala de aula com intuito de transformar, a proposta não é somente da organização, mas de quem os criou.

A escola envolve diversas áreas como a financeira, a administrativa e inclusive a pedagógica. Portanto, existe a necessidade da construção do projeto político pedagógico com a participação de todos que estão envolvidos no ambiente escolar. É através de uma gestão democrática que acontece o aprofundamento dos questionamentos levantados referentes às ações pedagógicas, tendo como objetivo o rompimento entre o planejar e o agir, promovendo uma administração de todo o processo educacional vivenciado na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muito tempo a brincadeira tem sido vista de uma maneira diferente por pesquisadores diversos. Mesmo assim, nota-se ainda muitas questões a serem levantadas quando se cria uma relação entre o ato de brincar e o desenvolvimento da criança.

O que não é preciso se preocupar no momento é a definição exata da palavra brincadeira, mas deve-se criar uma ligação entre tal prática com a ampliação das pesquisas que contribuem para o processo de desenvolvimento da criança nos mais diferentes aspectos, já que ela se encontra num momento de formação de seu caráter e personalidade.

O mundo em que ela está inserida se torna também responsável pela aprendizagem e aquisição de novos conhecimentos importantes para sua vida. Dando às pessoas ao redor, uma responsabilidade maior de sua contribuição na formação de cada criança.

No ambiente escolar é muito importante que o professor reflita sobre suas ações em sala de aula, contribuindo para que elas sejam interessantes proporcionando momentos curiosos para as crianças. Atividades que envolvem a brincadeira por meio da ludicidade ajudam no processo de construção da identidade, da imaginação e seu caráter.

O ato de brincar proporciona às crianças uma grande estrutura que envolve transformação de suas necessidades básicas, dando um novo sentido aos seus pensamentos iniciais e ideais de vida.

É de extrema importância que os professores consigam compreender a real necessidade da brincadeira em sala de aula, e suas implicações que envolvem uma organização positiva de todo processo evolutivo da criança. Quando não existe tal reflexão e compreensão, muitas vezes as práticas em sala de aula se tornam sem sentido e desmotivadoras para ela, acarretando numa perda de interesse e ausência de estímulos envolvendo a organização de pensamentos por meio da imaginação e fantasia.

Em alguns casos, devido professores não estarem bem preparados para uma prática reflexiva em sala de aula, ações são tomadas de maneira a incentivar a competição entre as crianças. Pois confundem o significado das palavras competição com cooperação, sendo que não percebem a diferença que ambas possuem principalmente ao presenciarem os resultados distintos entre elas. Sem contar que ao impedir uma criança de ter um bom desenvolvimento implica sua rotulação mesmo que indiretamente de sua problemática. Com isso, o professor terá bastante dificuldade de desenvolver uma reflexão de sua ação em sala de aula.

Estimular o desenvolvimento saudável das crianças por meio de atividades lúdicas em sala de aula, contribui efetivamente para o seu processo evolutivo. Tanto professor quanto às demais pessoas ao redor precisam se conscientizar de sua participação nesse processo de construção dentro de uma determinada sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Marcos T.P. O brincar na educação Infantil. In: **Revista Virtual EF Artigos**. Natal/RN Vol. 03. Número 01. maio, 2012.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

- FORTUNA, Tânia Ramos. **O lugar do brincar na educação infantil**. Pátio. Porto Alegre. 2002.
- HOLTZ, M. L. M. **Lições de Pedagogia empresarial**. Sorocaba/São Paulo: DHL, 1998.
- HORA, Dinair Leal. **Gestão democrática na escola**. 14. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- HORN, Geraldo B.& DIEZ, Carmen L.F. **Orientações para Elaboração de Projetos e Monografias**. Petrópolis. RJ: Vozes, 2004.
- KAMII, Constance & DEVRIES, Rheta. **Jogos em grupo na educação infantil: implicações da teoria de Piaget**. Trad. Marina Célia Dias Carrasqueira. São Paulo: Trajetória Cultural, 1991.
- KRAMER, Sônia. **Com a pré-escola nas mãos**. São Paulo: Ática, 2009.
- LIBÂNEO, J.C. **O sistema de organização e de gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia, Alternativa, 2001.
- MARQUES, Mário Osório. Projeto pedagógico: A marca da escola. In: **Revista Educação e Contexto**. Projeto pedagógico e identidade da escola no 18. Ijuí, Unijuí, abr./jun. 1990.
- MOYLES, Janet R. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- OLIVEIRA, Zilma de M. R. de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 7 ed. São Paulo; Cortez, 2011.
- PIAGET, Jean. **O Nascimento da Inteligência na Criança**. Editora Guanabara. Rio de Janeiro, 1991.
- PIERS, M. W.; LANDAU, G. M. **O dom de jogar e porque as crianças não podem prosperar sem ele**. São Paulo: Cortez, 1990.
- VEIGA, Ilma. P.A. e CARVALHO, M. Helena S.O. A formação de profissionais da educação. In: MEC. **Subsídios para uma proposta de educação integral à criança em sua dimensão pedagógica**. Brasília, 1994.
- VYGOTSKY L. **História del desarrollo das funciones psíquicas superiores**. La Habana: Ed. Científico Técnica, 1987.
- VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



Elida Eunice da Silva

Licenciada em Pedagogia Plena pela Universidade Bandeirante de São Paulo, (UNIBAN). Pós Graduada em Alfabetização e Letramento; Arte e Musicalidade; e Psicologia Escolar. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

IZILDA MARQUES BASTOS TRINDADE

RESUMO: Este artigo tem como objetivo central elucidar a importância da adoção das práticas pedagógicas lúdicas que viabilizam o processo de ensino e aprendizagem em sala de aula da disciplina de Matemática na Educação Infantil, de modo que o aluno possa se envolver com experiências lógico-matemáticas e desenvolva a capacidade de interpretação do conteúdo didático proposto, estrategicamente, pelo corpo docente. A disciplina de Matemática impõe certos desafios, muitas vezes, produzidos tanto pelos professores quanto pelos educandos que encaram o processo de aprendizagem da disciplina dificultoso. Pensando na relação professor-aluno e nas metodologias de ensino, o corpo docente deve se preocupar com modelos e conceitos variados da área do conhecimento, estimulando a capacidade cognitiva e o raciocínio lógico para resolução dos problemas discutidos durante a prática do ensino. Sendo assim, conclui-se que os recursos lúdicos, como jogos e brincadeiras contribuem para o desenvolvimento das habilidades dos alunos durante o processo de aprendizagem da Matemática.

Palavras-chave: Currículo. Educação. Disciplina Escolar de Matemática. Metodologias de Ensino.

INTRODUÇÃO

Este artigo discute a importância da adoção de metodologias e práticas pedagógicas lúdicas que tenham como objetivo viabilizar melhorias durante o ensino da disciplina de matemática na Educação Infantil.

No contexto ludopedagógico, os jogos e brincadeiras auxiliam o processo da aprendizagem em salas de aula. Na Educação Infantil, a criança quando estimulada a participar das atividades de maneira leve e divertida, recebe influência positiva para a construção do conhecimento.

Sendo uma prática assertiva, o lúdico empregado no contexto educacional para o aproveitamento das metodologias de ensino voltadas para a disciplina de matemática, favorece a relação entre o aluno e seu objeto de estudo, portanto, viabiliza melhorias na qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

O ENSINO DA MATEMÁTICA ESCOLAR

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica no país estabelecem a formação escolar como alicerce indispensável para o desenvolvimento da sociedade, sendo primordial para o ensino, sendo responsabilidade da equipe de profissionais, pensar em estratégias e metodologias que viabilizam o direito à educação com qualidade. (BRASIL, 2013)

Conforme Lei Nº 9.394/96 "A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais." Nessa perspectiva tornando o processo de aprendizagem uma extensão da escola para a família e para a sociedade. (BRASIL, 1996)

Art.26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por parte diversidade, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (BRASIL, 1996)

Haja vista, determinações subsequentes, no contexto educacional, o ensino pautado nos direitos da igualdade deve abranger um ensino básico pautado nas etapas do desenvolvimento acadêmico, sendo parte deste, o ensino da Matemática.

A disciplina de Matemática pode e deve ser estimulada por meio das atividades que conciliam sua prática com o contexto social do qual a criança está inserida. Tarefas simples, brincadeiras, jogos,

projetos interdisciplinares, são algumas opções para o estreitamento da relação entre o indivíduo e a aprendizagem.

Se sabe que o ensino dessa disciplina, muitas vezes, promove resistência por parte dos alunos que não se julgam capazes de desenvolver o raciocínio lógico para resolução de algum problema, talvez este obstáculo construído pelo aluno seja resultado da falta de metodologias pedagógicas capazes de ultrapassar o sistema de ensino tradicional, do perfil docente em frente a lousa, solicitando que os alunos copiem contas, equações e outras atividades maçantes pertinentes ao ensino da matemática sem qualquer fundamentação da sua utilização no convívio social.

Tornar o ensino da disciplina de matemática atraente sempre foi um problema claramente diagnosticado pelos docentes em salas de aula das instituições básicas de ensino. As demandas sociais contemporâneas determinam uma nova forma de observar e perceber as necessidades individuais e coletivas para assimilação do conhecimento que incorporem às práticas sociais.

Na escola, o docente enfrenta inúmeros desafios impostos pelo trabalho diário que exige empatia, atenção e resiliência para enfrentar os obstáculos do ensino. A prática tradicional, escorada nos recursos didáticos, na centralização das informações, não são suficientes para acalmar as inquietações dos alunos em processo de aprendizagem, sendo necessário reavaliar práticas pedagógicas para enriquecimento do conteúdo, permitindo que o aluno participe, questione e interaja com o objeto de estudo.

Para construção do ensino construtivo, a adoção interdisciplinar como proposta pedagógica estimula o trabalho coletivo, o ensino da matemática se integra a outras atividades, porém requer uma boa articulação das disciplinas utilizadas para instrumentalização do conhecimento.

Grande parte dos alunos apresentam grande dificuldade de interação e compreensão do conteúdo pedagógico que geralmente é apresentado de forma metódica e imposta conforme a pedagógica tradicional.

Esse processo de ensino perdura já há décadas o que acarreta preocupações pertinentes a conduta adotada em sala de aula e proposta pedagógica ultrapassada diante a realidade do cenário atual, as aulas continuam seguindo a grade curricular de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, no qual o professor, por meio do seu material de apoio didático, expõe exercícios no quadro-negro e aluno como agente expectador transcreve o conteúdo pedagógico no seu caderno para após, resolver os exercícios e problemas propostos no plano de aula. Não é difícil compreender o pouco interesse do aluno pela disciplina, as aulas de matemática se tornam maçantes e rotineiras.

Como ressaltado por Gomes e Rodrigues (2014, p. 59-60) apud Castejon e Rosa (2017, p. 11), por sua vez, lembramos que o ensino da matemática ainda é fortemente influenciado pela tendência tecnicista, que surgiu nos anos 70, na qual "O foco do processo de ensino e aprendizagem passaram a ser os recursos e as técnicas de ensino (...) proporcionando ao aluno a capacidade de resolver exercícios e determinados problemas-padrão, porém no sentido mais mecânico e repetitivo".

Deste modo pode-se evidenciar grande preocupação em relação ao ensino da matemática e as práticas pedagógicas, que de acordo com Gomes e Rodrigues, corresponde a um método ultrapassado, no qual o aluno, mero coadjuvante, não desenvolve aptidões necessárias para a máxima compreensão do conteúdo abordado em sala de aula, já que a conduta pedagógica é praticada de modo fragmentado e racionalizado.

A realidade do ensino da matemática que muito nos preocupa, nos leva a refletir sobre a importante necessidade de mudanças e valorização do seu ensino considerando o cotidiano e participação do aluno, levá-lo a participar das atividades e impulsionar melhorias na relação aluno e matemática permite um ganho enriquecedor do conhecimento, pois deste modo, a matéria pedagógica é retirada do método de ensino isolado e trazida a realidade sentida e vivida pelo corpo discente proporcionando melhores práticas de raciocínio e compreensão da disciplina.

Rever métodos pedagógicos e adotar novas condutas docentes são fundamentais para o desenvolvimento do aluno, o professor deve buscar melhorias e novas práticas de ensino atraentes e participativas, dividindo, deste modo, a responsabilidade e participação de cada um durante as aulas.

Aquela prática antiga, no qual o professor adentra a sala de aula, encontra seu público discente como expectadores, cumpre o seu programa pedagógico por meio das aulas expositivas, expõe o conteúdo no quadro-negro e espera que seus alunos copie o plano pedagógico e resolva os problemas no caderno não condizem com as necessidades reais para compreensão e absorção do conhecimento.

Considerando o cenário deficitário e ultrapassado, rever o procedimento pedagógico para adotar novas práticas de ensino voltadas à disciplina de matemática transmite a ideia de comprometimento docente com o aluno e valorização do ato de ensinar que não deve se restringir, apenas, na centralização do saber em um único agente transmissor do conhecimento, no caso o professor, mas sim, de tornar uma via de ensino em mão dupla, na qual haja troca de informações e conhecimento.

São vários motivos que nos levam a concluir que a prática pedagógica requer melhorias, tanto relaciona ao currículo escolar, como formação continuada do professor para que o mesmo, por meio da reciclagem, consiga adotar novos métodos de ensino que sejam mais atraentes, quanto material didático, infraestrutura e ferramentas de ensino estimuladoras.

Levar o aluno a se conscientizar do seu importante papel para a sociedade não é tarefa fácil, porém não impossível. É da responsabilidade do professor e redes de ensino implementar novas ideias que favoreçam o desenvolvimento do ensino, romper barreiras, para melhor assimilação do conteúdo, melhor entendimento e aplicabilidade do conteúdo apresentado e, o mais importante, que o aluno tenha prazer em aprender, em estudar.

Sabemos que a matemática ocupa espaço na história evolutiva do homem há milhares de anos, no geral, o recurso matemático se destinava ao controle agrícola da produção e escambo local, além das tentativas de controle do tempo.

Para o educador não basta apenas pensar no recurso metodológico para o seu planejamento, requer adquirir o máximo de informação, refletir sobre suas concepções de conhecimento matemático relacionado ao ensino, garantindo desta forma um processo ensino-aprendizagem coerente e pautado na realidade dos acontecimentos da humanidade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 24) estabelecem para os anos iniciais do Ensino Fundamental que o ensino da Matemática deve ser capaz de “instigar a capacidade de generalizar, projetar, prever e abstrair, favorecendo a estruturação do pensamento e do desenvolvimento do raciocínio lógico”. (BRASIL, 1997)

Para que sua finalidade alcance determinados objetivos de aprendizagens, esta disciplina deve ser explorada em toda sua potencialidade, provocando o interesse do aluno de compreender sua prática e importância para as ações do dia a dia desde a primeira etapa educacional.

Conforme citação abaixo:

O papel que a Matemática desempenha na formação básica do cidadão brasileiro norteia estes Parâmetros. Falar em formação básica para a cidadania significa falar da inserção das pessoas no mundo do trabalho, das relações sociais e da cultura, no âmbito da sociedade brasileira. (BRASIL, p. 21, 1997)

Sendo assim, a proposta curricular para o ensino da matemática deve viabilizar a aprendizagem continuada para futura atuação profissional na sociedade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997, p.25), sugerem refletir sobre as necessidades educacionais para o ensino da Matemática, sendo fundamental ao professor:

- Identificar as principais características dessa ciência, de métodos, de suas ramificações e aplicações;
- Conhecer a história de vida dos alunos, sua vivência de aprendizagens fundamentais, seus conhecimentos informais sobre um dado assunto, suas condições sociológicas, psicológicas e culturais;
- Ter clareza de suas próprias concepções sobre a Matemática, uma vez que a prática em sala de aula, as escolhas pedagógicas, a definição de objetivos e conteúdo de ensino e as formas de avaliação estão intimamente ligadas a essas concepções.

Deste modo, a reflexão sobre as práticas pedagógicas, metodologias de ensino, de avaliação, diagnóstico e intervenção são atribuições do professor, que deve promover o conhecimento de maneira significativa, conforme necessidades cotidianas.

Mesmo com todas as instruções teóricas, a rotina em sala de aula evidencia dificuldades pontuais, o professor, responsável pelo estímulo do conhecimento, necessita abrir seus horizontes pedagógicos para o desenvolvimento do trabalho em equipe, fazendo do Projeto Político Pedagógico um guia com estratégias de ensino claras e objetivas, tratando em cada disciplina suas particularidades, porém,

expandindo a capacidade do ensino, alcançando significados para o processo de aprendizagem.

A MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As crianças devem receber cuidados e estímulos que possibilitam a apropriação e produção do saber por meio do brincar; da exploração do ambiente; pela expressão dos sentimentos e emoções; através do desenvolvimento da imaginação, despertando a curiosidade e aumentando sua capacidade de expressão; ampliando seu repertório cultural por meio das atividades diversificadas e preparadas para o estímulo da sua autonomia, do acesso à educação.

Para Peter Moss os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil, ressaltam as principais ideias sintetizadas pelo docente Peter Moss durante o II Debate realizado pelo “COPEDI – Congresso Paulista de Educação Infantil, em 2000, para o docente é importante definir o conceito de qualidade do ensino baseado nos valores, oferecendo oportunidades de aprendizagens durante o compartilhamento das ideias, conhecimentos e experiências de maneira dinâmica, revendo conceitos previamente definidos, sempre, considerando o aluno, famílias e profissionais. (BRASIL, 2006, p. 22), baseado no II Debate “COPEDI – Congresso Paulista de Educação Infantil, 2000), é importante definir o conceito de qualidade baseado nos valores, oferecendo oportunidades de aprendizagens durante o compartilhamento das ideias, conhecimentos e experiências de maneira dinâmica, revendo conceitos previamente definidos, sempre, considerando o aluno, famílias e profissionais.

A Educação Infantil não pode ser reconhecida como ambiente de acolhimento para as crianças que necessitam de um espaço para ocupar durante o período de trabalho dos seus responsáveis, a instituição, além de promover o cuidado e bem-estar, está preparada para o desenvolvimento do projeto pedagógico que possa nortear a criança durante o processo de aprendizagem.

Os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (2006, p. 15), elucidam a importância de expor a criança a “uma gama ampliada de possibilidades interativas”, ampliando sua visão do mundo e de si.

Conforme Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, (1997), documento que trouxe inovações para a contextualização do ensino e aprendizagem, identifica nas práticas inovadoras interdisciplinares, instrumentos de fortalecimento da corrente do ensino, explorando possibilidades de articulação do conhecimento por meio da adoção de metodologias de ensino que empregam recursos para a resolução de problemas, reconhecendo na história da matemática, nas tecnologias e por meio dos jogos, oportunidades de transformação das capacidades pedagógicas docentes, surgindo o professor polivalente.

Para a Educação Infantil, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, estabelece quais campos de experiências devem ser considerados para o desenvolvimento integral da criança, são eles:

Quadro 1 Campos de Experiências na Educação Infantil

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	O eu, o outro e o nós
	Corpo, gestos e movimentos
	Traços, sons, cores e formas
	Escuta, fala, pensamento e imaginação
	Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Fonte: BNCC. 2017

Dentre os objetivos de aprendizagens “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, o ensino da matemática mostra sua importância durante a construção dos novos saberes.

Durante o processo de aprendizagem, além dos eixos norteadores para as práticas de ensino também se considera o trabalho de várias competências que possam contribuir com a melhora do potencial humano, portanto, é direito da criança conviver com demais colegas, brincar de maneira diversificada de modo que consiga aprimorar seus conhecimentos; participar das atividades pedagógicas propostas; explorar novos conhecimentos; expressar sua criatividade, emoções e pensamentos; construir autonomia e descobrir-se como indivíduo.

Na escola, ambiente voltado para o acolhimento e o desenvolvimento de várias habilidades indispensáveis para o convívio em sociedade, o aluno recebe estímulos e preparo para lidar com situações e problemas corriqueiros da rotina de vida de qualquer indivíduo, portanto, veicular planejamento pedagógico pertinente a faixa etária do aluno que contemple o cuidado, as brincadeiras, a educação e aprendizagem são fatores indispensáveis para a elaboração de qualquer processo pedagógico para o ensino e aprendizagem.

A Base Nacional Comum Curricular estabelece que a Educação Infantil é a primeira etapa, essencial, para a inserção da criança no contexto educacional, sendo esta indispensável, já que promove o desenvolvimento infantil, interações sociais e sua preparação para as próximas etapas do ensino básico. Ainda em seu contexto, do educar e cuidar, estabelece o brincar como atividade indissociável do processo educativo, visto que a criança constrói seu conhecimento por meio das experiências adquiridas em seu cotidiano, neste sentido pode-se considerar o brincar como atividade fundamental para as crianças, pois brincando elas descobrem o mundo, se comunicam e aprendem sobre a importância das relações sociais.

Na Educação Infantil é comum adotar práticas lúdicas para estímulo e desenvolvimento da aprendizagem infantil, porém é preciso buscar na ludicidade recursos para o suporte pedagógico de maneira construtiva, onde a criança aprenda brincando.

A aprendizagem da criança se refere aos meios pelos quais se recebe estímulos responsáveis pelo desenvolvimento das habilidades motoras, sensoriais, cognitivas e sociais, sejam eles no contexto familiar ou educacional, por meio do contato estabelecido com seus pares é que surge a curiosidade para explorar e compreender o mundo ao seu redor.

As brincadeiras não são apenas uma forma de divertimento, como recurso lúdico para o desenvolvimento infantil, são meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual. Sabemos que para manter o seu equilíbrio a criança necessita brincar, jogar, criar e inventar. Os jogos e brincadeiras são recursos que ajudam no ganho de conhecimentos adquiridos durante as atividades desenvolvidas.

A educação não pode continuar reprodutora, tem de ser transformadora, necessita criar outros compromissos pessoais e sociais, outro jogo na relação dos pais e professores para com as crianças e os jovens. Diante da importância que a educação exerce na sociedade, um dos grandes desafios do professor é desvelar com pertinência, como seus alunos aprenderão aquilo que será proposto em suas aulas.

Não basta apenas definir estratégias, aderir métodos é preciso comprometer-se em desenvolver com competência as capacidades cognitivas, motoras, afetivas, de relação interpessoal e de inserção social dos alunos.

Para uma abordagem pedagógica lúdica por meio do jogo e da brincadeira é preciso compreender o conceito de ambos. O jogo do ponto de vista popular é tido como uma atividade competitiva e as brincadeiras como um passatempo, porém no contexto educacional os jogos e brincadeiras são praticados como suporte para o processo de aprendizagem.

Enquanto brinca a criança aprecia novas situações, cumprindo o que a brincadeira se propõe a fazer, deste modo, participa ativamente dos jogos, desenvolvendo habilidades. Deste modo a criança, em suas potencialidades, pode ser observada, seu comportamento delinea os estágios do seu desenvolvimento, passando pelo estágio motor e individual, pelo estágio egocêntrico, pelo estágio da cooperação nascente, chegando ao último estágio, o da codificação das regras. Portanto, para a devida abordagem dos jogos e brincadeiras, é preciso ter consciência, sobretudo, do objetivo a ser promovido. As brincadeiras devem corresponder aos objetivos de ensino conforme faixa etária e desenvolvimento da criança.

As diferentes formas de mediação adotadas pelo educador, os materiais, jogos, brinquedos e organização dos ambientes têm grande influência no rendimento psicomotor, social e cognitivo das crianças, não basta só brincar, é preciso que seja com qualidade e para isso é importante prestar atenção aos agentes mediadores da atividade.

A Ludopedagogia é uma proposta que une o prazer do brincar com a fonte do conhecimento, além do exercício do desenvolvimento e aprendizagem, brincar faz a criança assimilar papéis sociais que ocorrem em seu meio, fazendo assim do jogo e da brincadeira situações em que a criança realiza, constrói e se apropria de conhecimentos.

O aluno da Educação Infantil na fase pré-escolar, possui idade entre quatro a seis anos e sua frequência, de acordo com a Resolução CNE/CEB Nº 5/2009 art. 5º, § 2º é obrigatória. Para o Ministério

da Educação, as crianças nessa faixa etária devem receber os estímulos necessários para a sua formação intelectual, motora e social.

O caminho mais enriquecedor para o desenvolvimento infantil se configura por intermédio do brincar, algo comum e que toda criança pratica diariamente. Portanto, para tornar o processo de aprendizagem estimulante, os docentes se preocupam cada vez mais em utilizar recursos lúdicos, os quais possam estimular a curiosidade, a interação, o raciocínio, a compreensão, a reflexão, ou seja, o processo de aquisição do conhecimento.

Brincar é algo inerente ao ser humano, tão natural que até os bebês já nascem sabendo. Na infância, ele assume papel de destaque, uma vez que permeia todas as relações da criança com o mundo. Estudos sobre o assunto revelam, inclusive, que crianças que brincam tornam adultos mais ajustadas e preparadas para a vida.

Em relação aos métodos de atividades, qualquer prática deveria pressupor o aluno como sujeito do processo, que se desenvolve à medida que interage com o meio, numa construção coletiva. Sendo assim, a postura do professor durante os jogos e brincadeiras será fundamental para o desenvolvimento da criança.

É preciso escutar a criança diante do brinquedo, permitindo sua fala e seu desenvolvimento corporal. O lúdico fala dos desejos infantis, que devem ser ouvidos pelo educador, depois brincamos com as letras de músicas, rimas, trava-línguas, adivinhações etc.

O importante é considerar a brincadeira como instrumento facilitador durante o processo de aprendizagem, durante as brincadeiras ocorre interação da criança com o meio no qual está inserida, desse modo, brincando a criança não percebe, mas se encontra em processo de transição, onde, com o tempo a criança amadurece e evolui e melhora o seu entendimento em relação ao mundo.

A educação não pode continuar reprodutora, tem de ser transformadora, necessita criar outros compromissos pessoais e sociais, outro jogo na relação dos pais e professores para com as crianças e os jovens.

Não basta apenas definir estratégias, aderir métodos é preciso comprometer-se em desenvolver com competência as capacidades cognitivas, motoras, afetivas, de relação interpessoal e de inserção social dos alunos.

A educação para a competência prioriza o desenvolvimento integral do aluno, a capacidade do sujeito para abordar situações complexas, e também seu preparo para a vida, ou seja, sua inserção no espaço social. Portanto, pode-se dizer que a aprendizagem é produto da reação inerte com os conteúdos e a metodologia praticada na escola.

O educador também precisa estar atento ao ambiente pois, segundo Horn (2004, p.15) “o olhar de um educador atento e sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como as crianças e adultos interagem com eles são reveladores de uma concepção pedagógica”.

Como afirma Rocha (2001): “A educação infantil tem uma identidade que precisa considerar a criança como um sujeito de direitos, oferecendo-lhe condições materiais, pedagógicas, culturais e de saúde para isso, de forma complementar à ação da família”.

Cada vez mais, a educação e o cuidado na primeira infância são assuntos tratados como prioritários por governos e organizações da sociedade civil, por um número crescente de profissionais da área pedagógica e de outras áreas do conhecimento, que “[...] veem na Educação Infantil uma verdadeira ‘ponte’ para a formação integral do cidadão” (BARROS, 2008, p.4).

A partir da preocupação com a implementação do ensino e com a aprendizagem na educação infantil, foram propostos documentos a fim de assegurar a formação integral e o pleno desenvolvimento da criança. Três desses documentos norteadores da educação básica são: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (BRASIL, 1996), o Plano Nacional de Educação – PNE (BRASIL, 2006) e os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998).

Além das Leis de Diretrizes e Bases da Educação e outros eixos norteadores é imprescindível que o pedagogo desenvolva suas atividades diretamente em contato com seus alunos, as crianças devem ser vistas pelo docente como sujeitos ativos durante o processo de aprendizagem.

Cabe ao professor ser o propulsor do ensino, permitindo ao aluno participar, questionar, refletir, sugerir, a cooperação entre ambas as partes permite melhor avaliação dos processos pedagógicos

e resultados obtidos, desse modo, mudanças quanto a elaboração de um plano de trabalho capaz de agregar conhecimento.

Inúmeras atividades do cotidiano educacional infantil contemplam práticas matemáticas para o desenvolvimento da criança, seja por meio das figuras geométricas, do raciocínio lógico, do contato com os números.

Muitos alunos matriculados no Ensino Básico apresentam dificuldades relacionadas ao processo de aprendizagem da Matemática, talvez isso ocorra devido à falta de intimidade com seus métodos, portanto, promover o contato da criança com os processos matemáticos, mesmo ocorrendo naturalmente, devem ser explicitados e trabalhados no cotidiano infantil.

A matemática está presente no cotidiano da sociedade, se faz presente em diversas atividades corriqueiras, mesmo que não seja propositalmente nos acompanha. Aproveitar o contexto educacional infantil para o trabalho lúdico relacionado ao ensino da matemática permite compreensão ajustada aos propósitos praticados, por exemplo, nas unidades de educação infantil as brincadeiras são as principais atividades para inclusão dos métodos e procedimentos pedagógicos voltados para o processo de ensino e aprendizagem, a criança quando inserida em um contexto lúdico desabrocha, demonstra interesse e participa das brincadeiras sem que perceba a finalidade por trás da mesma.

Utilizar jogos e brincadeiras, rodas de histórias, musicalização, dança, exploração do tempo e do espaço são ferramentas de estímulo à aprendizagem.

A capacidade de absorção do novo ocorre sem pressões e cobranças, a criança manifesta suas ideias, seus anseios, curiosidades e desejo por aprender, com isso participa, discute suposições, aprende a trabalhar no coletivo, a se relacionar com outros indivíduos.

Para Kishimoto (1998), a ideia de promover na ludicidade a oportunidade de aprendizagem não se submete ao simples fato de brincar ou de jogar para gasto da energia da criança, favorece seu desenvolvimento cognitivo, social, emocional, físico, emocional e moral.

A criança participando do jogo matemático, além do desenvolvimento motor, compreensão das cores e das figuras geométricas, desenvolve sua capacidade de assimilação de quantidade e reconhecimento dos numerais.

Os jogos matemáticos são fundamentais para promover a participação e aprendizagem do aluno, a utilização deste recurso pedagógico permite trabalhar a atenção, concentração e raciocínio da criança.

A atividade com noções matemáticas, adotada para o desenvolvimento da criança, envolve noção espacial, coordenação motora, identificação das cores primárias e dos numerais.

A ludicidade é uma ferramenta multidisciplinar, compreender sua abrangência na educação permite ao docente adotar sua pluralidade para o desenvolvimento de várias habilidades da criança na fase de construção do conhecimento.

É evidente, considerando o referencial teórico, a importância das atividades lúdicas no contexto educacional como recurso pedagógico, pois a infância é repleta de brincadeiras, a criança interage com o mundo brincando, fantasiando jogando, é assim que aprende regras e limites, dessa forma conseguem explorar o novo, absorver conhecimento, o cérebro se organiza, absorve memórias importantes e particulares capazes de promover o amadurecimento e crescimento intelectual.

Durante o brincar a criança se entrega, se envolve, se empolga, perde a timidez e interage socialmente. No momento da brincadeira não existe preconceito, não existe pobre ou rico, branco ou negro, todas usam a imaginação, a intuição e a emoção juntas.

Ao definir o conceito de brinquedo, brincadeira e jogo, temos a ideia de que brinquedo é objeto, brincadeiras é o ato de brincar, e o jogo é atribuído a brincadeiras com regras.

O educador precisa conhecer esses conceitos, pois eles devem servir de auxílio no desenvolvimento de suas atividades no cotidiano. Atualmente o lúdico passou a ser uma ferramenta constante nas práticas educativas.

São inúmeras possibilidades de se trabalhar a matemática no contexto lúdico para o desenvolvimento de atividades na Educação Infantil, cabe ao docente planejar aulas que possam estabelecer este contato.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais, cabe ao currículo de ensino adotar práticas que possam "articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte

do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade” (DCN, p. 12, 2012)

É fato que a matemática está presente em muitas atividades realizadas pelo indivíduo ao longo do seu dia e considerando essa realidade, é possível tornar o ensino da matemática mais flexível de modo a potencializar sua capacidade de compreensão com a aplicação em salas de aula de atividades voltadas para os jogos educativos, no qual o aluno passa a interagir com o seu objeto de estudo e com isso enriqueça seu processo de construção do conhecimento matemático e desenvolvimento das suas cognições.

É preciso desmistificar o papel do professor como um mero transmissor do conhecimento, a ideia da utilização dos jogos pedagógicos traz outro sentido para a prática pedagógica e papel do aluno em sala de aula, neste novo cenário educacional, o aluno se torna agente ativo, no qual o professor como gerador de situações estimula o seu aprendizado por meio das experiências e descobertas impulsionadas.

Nesse novo cenário, o jogo, ferramenta indispensável para o estímulo ao processo de aprendizado do aluno, é o instrumento que dá condições para o desenvolvimento de atividades no qual as novas descobertas ajudem o aluno a compreender o que lhes é ensinado.

Os jogos podem contribuir para um trabalho de formação de atitudes, enfrentar desafios, lançar-se à busca de soluções, desenvolvimento da crítica, da intuição, da criação de estratégias e da possibilidade de alterá-las quando o resultado não é satisfatório necessário para aprendizagem da Matemática. (BRASIL, 1998, p. 47)

Conforme Miguel (2005), que o ensino seja voltado para o estímulo a criatividade, no qual o aluno seja desafiado a participar e com isso aprender na prática a importância da disciplina.

Dentre as possíveis soluções, especialmente para a falta de interesse do aluno, para auxiliar aqueles com dificuldades de aprendizagem, para melhor assimilação dos conceitos, entre outros, Miguel (2005) defende o uso dos jogos, de atividades lúdicas, como por exemplo:

(...) dominós para trabalhar as operações, a noção de fração e o conceito de divisibilidade, baralho para fixação dos fatos fundamentais das operações matemáticas, o jogo da memória e o jogo “caça-palavras” para fixação da nomenclatura dos sólidos e figuras geométricas, além do tradicional jogo “equipe X equipe”. (MIGUEL, 2005, p. 390)

Adotar práticas lúdicas voltadas ao ensino auxilia no processo de aprendizagem tanto para a disciplina de matemática como para as demais disciplinas, pois em contato com os jogos e brincadeiras ocorre, naturalmente, a quebra do bloqueio e mudança na rotina do aluno em sala de aula, com isso os alunos tem a oportunidade de vivenciar novas experiências motivadoras que os levem ao entendimento do conteúdo de modo mais natural e por meio de situações reais, aumentando sua capacidade cognitiva e em uma linguagem mais flexível.

Vale ressaltar que envolvimento ao avanço e utilização dos meios tecnológicos atuais, adotar práticas que os levem a utilizar a tecnologia no ambiente educacional a seu favor aumentam suas chances de interação e participação.

Estimular a compreensão integrando a tecnologia da informação aos processos matemáticos promovem nas particularidades e possibilidades de ensino proveitosas, pois o aluno se envolve e participa ativamente das tarefas propostas e constituem a forma de aprender.

A aprendizagem pode ser baseada na experiência e na prática progressiva de um grupo de indivíduos que sirvam de sustentação de uma estrutura, mesmo que informal, tornando-se eficaz em garantir a construção de conhecimento significativo assente numa prática partilhada.

Sendo assim a prática docente e curricular se apoia em situações reais e experimentadas pelos alunos, no qual a colaboração e a interação entre indivíduos, permite o contato com diferentes perspectivas do saber, promovendo oportunidades de aprendizagem reflexiva e autêntica.

Ensinar matemática por intermédio de atitudes lúdicas remete desenvolver o raciocínio lógico, estimular o pensamento independente, a criatividade e a capacidade de resolver problemas.

Para excelência no ensino é imprescindível que o professor, em sua essência, compreenda que a construção do saber se dá pelas situações vivenciadas pelos alunos, portanto, estimular o aprendizado por meio dos desafios e experiências praticadas estimula o aluno a querer resolver problemas e compreender o seu propósito, portanto, desvinculando o ensino da matemática do meio formal, mecânico e repetitivo, muitas vezes desinteressante e desestimulante.

A Educação Infantil deve ser compreendida como fase importante para o desenvolvimento infantil já que estabelece o período de transição para o Ensino Fundamental, portanto, cabe ao educador estabelecer práticas que possam preparar o aluno para a próxima fase educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar matemática por intermédio de atitudes lúdicas remete desenvolver o raciocínio lógico, estimular o pensamento independente, a criatividade e a capacidade de resolver problemas.

Para excelência no ensino é imprescindível que o professor, em sua essência, compreenda que a construção do saber se dá pelas situações vivenciadas pelos alunos, portanto, estimular o aprendizado por meio dos desafios e experiências praticadas estimula o aluno a querer resolver problemas e compreender o seu propósito, portanto, desvinculando o ensino da matemática do meio formal, mecânico e repetitivo, muitas vezes desinteressante e desestimulante.

Adotar práticas lúdicas voltadas ao ensino auxilia no processo de aprendizagem tanto para a disciplina de matemática como para as demais disciplinas, pois em contato com os jogos e brincadeiras ocorre, naturalmente, a quebra do bloqueio e mudança na rotina do aluno em sala de aula, com isso os alunos têm a oportunidade de vivenciar novas experiências motivadoras que os levem ao entendimento do conteúdo de modo mais natural e por meio de situações reais, aumentando sua capacidade cognitiva e em uma linguagem mais flexível.

Vale ressaltar que envolvimento ao avanço e utilização dos meios tecnológicos atuais, adotar práticas que os levem a utilizar a tecnologia no ambiente educacional a seu favor aumentam suas chances de interação e participação.

Estimular a compreensão integrando a tecnologia da informação aos processos matemáticos promovem nas particularidades e possibilidades de ensino proveitosas, pois o aluno se envolve e participa ativamente das tarefas propostas e constituem a forma de aprender.

A aprendizagem pode ser baseada na experiência e na prática progressiva de um grupo de indivíduos que sirvam de sustentação de uma estrutura, mesmo que informal, tornando-se eficaz em garantir a construção de conhecimento significativo assente numa prática partilhada.

Sendo assim a prática docente e curricular se apoia em situações reais e experimentadas pelos alunos, no qual a colaboração e a interação entre indivíduos, permite o contato com diferentes perspectivas do saber, promovendo oportunidades de aprendizagem reflexiva e autêntica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Manoel. **Memórias Inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, 2013.
- BRASIL. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2006.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular. Etapa da Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular. Etapa do Ensino Fundamental**. Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de Dezembro de 1996. Disponível em: . Acesso/. 16 nov 2021
- CASTEJON, Mariângela; ROSA, Rosemar. **Olhares sobre o Ensino da Matemática**: Educação Básica. IFTM, 2017 – 1ª Edição, Uberaba.
- HORN, Maria da Graça de Souza. **Sabores, cores, sons, aromas. A organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MIGUEL, José Carlos. O ensino de Matemática na perspectiva da formação de conceitos: implicações teórico-metodológicas. In: PINHO, Sheila Zambello de; ALBUQUERQUE, Irene de. **Metodologia da Matemática**. Rio de Janeiro: Conquista, 1953.
- ROCHA, M.L. Formação e Prática Docente: Implicações com a Pesquisa Intervenção. Em I.M. MACIEL (org.), **Psicologia e Educação**: Novos Caminhos Para a Formação Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2001, pp. 175-191.



Izilda Marques Bastos Trindade

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Metodista de São Paulo (2016);
Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo.



AS ARTES E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

LUZERLILA PERESTRELO VALENTE

RESUMO: O Ensino das artes é essencial para o desenvolvimento humano e dentre as ferramentas utilizadas, destaca-se o uso dos desenhos e pinturas, que permitem a capacidade de criação, exploração, além das habilidades psicomotoras necessárias para o processo de alfabetização. Dessa forma, o presente artigo teve como objetivo estudar o trabalho das Artes para o desenvolvimento infantil. Para a consecução dos objetivos propostos, foram realizadas pesquisas em livros e artigos científicos nas bases de dados como Scielo e Google Acadêmico. Os resultados do trabalho evidenciam os inúmeros benefícios de se trabalhar com a linguagem natural da criança através da ludicidade nas atividades envolvendo desenhos e pinturas. Assim, os professores devem valorizar estes fazeres, compreendendo não apenas como momento de lazer ou passatempo, e sim como a fase necessária para as habilidades que serão desenvolvidas posteriormente, sem pular etapas, pois para desenvolver plenamente as potencialidades das crianças, é preciso respeitar cada etapa do seu aprendizado.

Palavras-chave: Artes visuais. Desenvolvimento. Habilidades. Lúdico.

INTRODUÇÃO

Atualmente muito se discute sobre maneiras de otimizar o processo educativo, de forma a inserir o aluno como integrante ativo no processo de ensino aprendizagem, para que construa seu próprio conhecimento de forma ativa, dinâmica e compatível com a sua faixa etária, possibilitando o desenvolvimento de suas potencialidades de forma divertida e prazerosa.

Ao longo do tempo o olhar para a criança sofreu uma série de modificações e com isso, as propostas voltadas à educação infantil também foram alteradas. Hoje, pode-se observar que há uma crítica sobre o ensino tradicional, que tende a colocar o aluno como mero receptor de conhecimento, enquanto o professor, em uma postura centralizadora, é detentor de todo o conhecimento. No entanto, o ideal é formar cidadãos autônomos, críticos e reflexivos, e que construam a sua própria aprendizagem, posicionando-se como autores de suas próprias histórias. Dessa forma, é importante explorar quais ferramentas o possibilitam a descoberta e construção constante de saberes.

O presente artigo tem como objetivo estudar o trabalho das Artes para o desenvolvimento infantil. E para a consecução dos objetivos propostos, foram realizadas pesquisas em livros e artigos científicos nas bases de dados como Scielo e Google Acadêmico. Os descritores elegíveis para estudo foram: pintura, desenho, artes visuais, lúdico na educação infantil.

AS ARTES NA EDUCAÇÃO

Segundo Cunha (2002, p. 15), "a arte permeia nossas vidas, nos encoraja a dialogar com o mundo, permite refletir sobre nós mesmos, ensina a criança a valorizar o trabalho do outro respeitando a diversidade cultural". Dessa forma, percebe-se que o saber artístico está intimamente ligado ao desenvolvimento humano e por meio dessa linguagem, a interação consigo, com o outro e com o meio torna-se cada vez mais sensível e ampla.

Além disso, Lavelberg (2003) enfatiza que a arte está presente na vida do homem desde a pré-história, onde era retratada através da pintura das cavernas. O referenciado autor ainda afirma que presença das Artes na vida do homem promove o desenvolvimento de diversas competências e habilidades necessárias para seu pleno desenvolvimento, e por isso, deve-se ser inserida no ambiente escolar, pois além de auxiliar no processo de aquisição de novos conhecimentos e expansão da visão do mundo, é um patrimônio comum e possui valor intrínseco na construção humana.

Dessa forma, pensando no ensino da arte na educação infantil, Barbosa (2003) afirma que possibilita a ampliação do conhecimento, habilidades e descoberta de novas potencialidades. Assim, através da arte a criança expressa sentimentos, medos, angústias, sonhos, frustrações, entre outros. Por exemplo, uma manifestação artística através do desenho, possibilita a criança externar sua visão de mundo de forma espontânea, além de se apropriar de diversas linguagens, através da sensibilidade e capacidade de trabalhar com diferentes manifestações e recursos, tais como imagens, cores, gestos, sons, entre outros.

Por isso, a arte é fundamental no campo educacional, sobretudo na educação infantil, pois possibilita o desenvolvimento cognitivo e emocional, além da percepção da criança, e por isso, o professor deve utilizá-la como recurso pedagógico para ampliar os horizontes e auxiliar na manifestação e comunicação com o mundo (FERREIRA, 2008).

Dentre os principais objetivos do ensino das artes visuais na educação, destaca-se a possibilidade de expansão do aluno através da criação e reflexão, através de estímulos propiciados pelo professor, para que as crianças conquistem novos saberes e aproprie novos conhecimentos (FERREIRA, 2008).

De acordo com Barbosa (2003), a criança desde muito cedo sofre influência da cultura por produções artísticas tais como televisão, música, livros, revistas, obras de artes, entre outros. Assim, o ensino das artes visuais deve ser direcionado e visar suas características próprias, onde o processo de ensino aprendizagem considera os seguintes aspectos, evidenciados nos parâmetros curriculares nacionais:

Fazer artístico-centrado na exploração, expressão e comunicação de produção de trabalhos de arte por meio de práticas artísticas, propiciando o desenvolvimento de um percurso de criação pessoal;

Apreciação — percepção do sentido que o objeto propõe, articulando tanto aos elementos da linguagem visual quanto aos materiais e suportes utilizados, visando desenvolver, por meio da observação e da fruição, a capacidade de construção de sentido, reconhecimento, análise e identificação de obras de arte e de seus produtores;

Reflexão — considerada tanto no fazer artístico como na apreciação, é um pensar sobre todos os conteúdos do objeto artístico que se manifesta em sala, compartilhando perguntas e afirmações que a criança realiza instigada pelo professor e no contato com suas próprias produções e as dos artistas. (BRASIL, 1998, citado por BARBOSA, 2003, p.89)

Ainda, segundo Barbosa (2003), a arte representa o prazer e a alegria para a criança, pois permite que se divirtam e ao mesmo tempo organizem sentimentos e pensamentos presentes em suas atividades. O autor ainda cita que a arte é de suma importância no desenvolvimento da personalidade da criança devido aos estímulos voltados ao lúdico, que ampliam as habilidades cognitivas, afetivas, sociais, criadoras, etc.

No entanto, vale ressaltar que as atividades no campo das artes não devem ser levadas como um passatempo, ou momento para o professor descansar, distrair os alunos ou apenas como um complemento. A arte possui uma complexidade muito maior, mas precisa ser conduzida por profissionais aptos, que tracem objetivos nas atividades que irão aplicar, e durante o processo, conduza o aluno para chegar aos resultados, pois a leveza das atividades ao mesmo tempo que auxilia na aquisição de novos conhecimentos, pode dispersar quando não é bem conduzida pelo profissional (IAVELBERG, 2003).

Neste contexto, Barbosa (2003) afirma que a arte é muito mais do que uma atividade livre no campo escolar, pois tem a função de viabilizar a ação espontânea e a expressão do aluno, permitindo a comunicação e formação intelectual através das diferentes linguagens utilizadas. Com isso, deve-se estruturar adequadamente o ambiente para que forneça os estímulos necessários, bem como o professor deve estar aberto, atento e sensível para acompanhar e verificar o desenvolvimento integral de seu aluno por meio das múltiplas expressões.

Segundo Cunha (2002), para que a aprendizagem infantil aconteça de maneira efetiva, o professor deve explorar o potencial da criação, imaginação e sensibilidade de cada criança. Para isso, trabalha-se baseado nos conceitos do lúdico, incentivando a desenvolver diversas atividades que fogem do ensino tradicional.

Assim, o sucesso das artes visuais está relacionado a maneira como o professor conduz, e quais metodologias de ensino utiliza, pois através da ludicidade e liberdade de expressão, é possível que a criança se expanda cada vez mais, seja através de desenhos, pinturas, construção de jogos e brincadeiras, músicas, danças, entre outros (CUNHA, 2002).

É importante proporcionar a troca de experiência entre as crianças de forma espontânea, fazer com que o prazer pelo lúdico seja o gerador do processo de produção, compreender a arte como linguagem que constrói objetivos plenos com sentidos, valorizar e respeitar as criações artísticas das crianças. Por tanto, o trabalho com arte torna-se uma possibilidade de auxiliar a criança em seu processo de aprendizagem facilitando e motivando a construção do conhecimento de forma produtiva, criativa e prazerosa (CUNHA, 2002, p. 54).

A VALORIZAÇÃO DO SABER ARTÍSTICO

De acordo com Smole (2000) diversos estudos mostram que o desenvolvimento da criança trata-se de um processo que está associado às suas vivências em ambiente familiar e as relações estabelecidas muito antes de iniciarem na escola.

Assim, ao pensar em Educação, não se pode considerar apenas atividades que envolvem o desenvolvimento de ciências como Português, Matemática, entre outros. É preciso transcender, e viabilizar situações para que a criança explore, crie, construa e se desenvolva de forma integral.

Além disso, "o processo de desenvolvimento ocorre de forma diferente em cada criança e cada uma alcança determinados estágios em momentos também diferentes" (OLIVEIRA, 2000, p.4).

Neste sentido, ao conhecer os estágios de desenvolvimento infantil, é possível nortear adequadamente o processo de ensino aprendizagem com atividades coerentes e metodologias adequadas para a escolarização na Educação Infantil.

Smole(2000) identifica a necessidade de trabalhar com o lúdico no ambiente escolar para que a criança seja despertada ao conhecimento e sinta vontade de aprender, entendendo a escolarização como algo prazeroso e dinâmico.

Ao colocar o interesse pessoal diante das atividades propostas, há maiores chances de a aprendizagem ser efetiva, isto porque a criança passa a associar o conhecimento com a satisfação. Além disso, o lúdico, como mostra dados históricos, faz parte da vida e linguagem de todos os seres humanos, ou seja, é algo natural e essencial, que deve ser incorporado por estar na natureza de cada ser.

Morin(2004) afirma que através das produções artísticas da criança, o professor tem a capacidade de identificar suas aptidões, bem como compreender a forma como entende o mundo, suas relações sociais, afetivas e emocionais podendo, inclusive, encaminhar para auxílio profissional em caso de desconfiância de uma possível desordem.

Embora as produções livres sejam essenciais, há também formas de se trabalhar com os desenhos e pinturas de maneira direcionada, na busca de atingir objetivos previamente propostos. Neste sentido, é importante que o professor saiba organizar seu espaço, levando a criança a realizar a atividade com prazer e excelência, além de mostrar disponibilidade para auxiliá-la durante este processo, pois é comum que no início da vida escolar se sintam inseguras e duvidosas sobre suas ações.

"Quando há uma intervenção intencional das atividades é preciso que o professor tenha consciência que elas não estarão brincando livremente nesta ocasião, pois há objetivos didáticos em questão" (KISHIMOTO, 2000, p. 55).

De acordo com Morin (2004) as atividades envolvendo brincadeiras com pinturas e desenhos deve ser visto pelos professores como uma atividade séria e não apenas como uma atividade para distrair ou passar tempo. Em situações educacionais, o brincar permite que os adultos compreensivos aprendam sobre as crianças e suas necessidades.

Isso faz com que os professores sejam capazes de saber de onde as crianças estão em sua aprendizagem e desenvolvimento no geral, facilita também ao professor promover novas aprendizagens nos domínios cognitivos e afetivos.

O papel do professor é garantir que a aprendizagem seja contínua e inclua fatores além dos intelectuais. Assim, ele pode tentar diagnosticar o que a criança aprendeu por meio do brincar livre ou dirigido sendo um observador e avaliador, e estimular o desenvolvimento de um novo ciclo (ALMEIDA,1987, p. 60).

Para Morin (2004, p.55) "todo desenvolvimento verdadeiramente humano, significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana".

O professor tem que respeitar o nível de maturidade da criança, pois uns realizam as suas atividades com mais facilidades que outros. Dessa maneira, "as situações de jogos e brincadeiras são consideradas como parte das atividades pedagógicas, porque são elementos estimuladores do desenvolvimento" (ALMEIDA, 1987, p. 33).

Segundo Almeida (1987) muitos acreditam que ações didáticas de cópias e reprodução no papel têm um maior resultado pedagógico, essa é uma visão extremamente tradicional. Quando o educador oferece à criança uma vasta oferta de materiais e atividade diferenciada está desenvolvendo sua autonomia e valorizando sua participação nas escolhas das atividades do dia.

A mediação não acontece somente quando o professor faz algum tipo de interferência na atividade realizada pela criança, e sim a partir do momento em que passa a organizar o espaço, os objetos de estudo, horários, além de sua presença no momento da atividade. Com isso, percebe-se que o professor mediador é capaz de construir um ambiente propício para a aprendizagem.

Dessa forma, não há uma receita, pois, o professor pode levar a criança de encontro com o conhecimento de diversas formas. Ao exemplificar usando a construção de brinquedos, o professor deve "abraçar" a ideia de criação da criança e ajudá-la no que for necessário, como por exemplo, recortar materiais mais resistentes, usar cola quente, deixando-a fora de riscos e oferecendo suporte em sua criação.

Outro fator importante a ressaltar é que a mediação deve estar presente mesmo quando o professor oferece um ambiente livre para a criação, pois ao preparar a sala de aula e disponibilizar os materiais recicláveis, já é uma forma de mediar, considerando que há um rearranjo do ambiente para que a aprendizagem ocorra, onde o professor utiliza de seus saberes artísticos para levar a criança de encontro ao objeto de estudo.

Barbosa (2003), acredita que independente da aula e da criação que será feita, quando há a mediação da professora, o aproveitamento acaba sendo muito melhor no que tange a aprendizado e desenvolvimento.

Isto não significa que a qualidade do brinquedo produzido dependa exclusivamente da professora, mas há uma diferença fundamental quando o espaço é bem preparado, os materiais são selecionados de acordo com a faixa etária, ou até mesmo quando as brincadeiras são intercaladas, acontecendo em períodos mais propícios.

Fontana (2000), afirma que o sucesso no processo de ensino aprendizagem está relacionado a interação entre professor e aluno, uma vez que este relacionamento é fundamental para a realização de um bom trabalho. Assim, o professor deve ser um facilitador de aprendizagem, propiciando condições para que as crianças explorem, descubram, interajam e busquem soluções para as situações-problema. Os professores devem trabalhar a partir das necessidades e realidades de seu público, ou seja, do alunado, para encontrar alternativas e facilitar a aprendizagem.

Por se tratar de um novo hábito, é importante a tomada de consciência por consistir em uma mudança de postura, onde o aluno passa de receptor de conteúdo para autor de sua própria aprendizagem.

"O professor deve valorizar as ações de cooperação e solidariedade, para que as brincadeiras não se tornem apenas competitivas, assim a criança desenvolverá sua autoconfiança respeitando suas limitações e possibilidades" (CUNHA, 2002, p. 45).

Os professores devem ter objetivos traçados para direcionar adequadamente as brincadeiras, através de metodologias adequadas que auxiliem no desenvolvimento das tarefas. Cunha, 2002, p. 35) ressalta que "é inútil organizar um conteúdo para três crianças, levando em consideração os padrões de assimilação, já que a criança pensa diferente do adulto."

Assim, é necessário ter consciência de que a manifestação artística está relacionada com o estímulo à criança, para que construa o conhecimento de maneira proveitosa e eficiente.

O professor precisa ter claro a relação entre brincar e o estímulo à criança para que possa articular o lúdico com as situações de aprendizagem. Um primeiro passo é adequar o tipo de atividade ao conteúdo, tempo de aula e características da turma. Ele pode "lançar mão" da brincadeira, priorizando o aspecto da espontaneidade, ou o jogo com regras. Tudo depende dos objetivos estabelecidos. O professor precisa ter cuidado para não "ficar preso" demais aos objetivos pedagógicos. Isso pode resultar numa condução excessiva da brincadeira, na inibição da criatividade e da liberdade da criança e, por fim, na descaracterização do elemento lúdico empregado (OLIVEIRA, 2000, p. 56).

Oliveira (2000), mostra que para transpor algumas barreiras conceituais e viabilizar as manifestações artísticas no contexto educacional, o professor precisa reavivar a criança que existe dentro de si próprio, afirmando que “não para ser novamente criança, mas para compreendê-la e, a partir disso, interagir, em uma perspectiva criativa e produtiva, com seus alunos. [...] Não é necessário ‘ser criança’ para usufruir o brincar, pois sua herança – a criatividade – subsiste na vida adulta” (p. 7- 8).

De acordo com Ferreira(2008, p. 8), “o que permite a superação desses dilemas e viabiliza a atividade lúdica na educação é a redefinição do papel que o adulto, o professor, a escola, a criança e a cultura desempenham”.

E neste ponto, é importante ressaltar a formação do professor como fundamental para efetivar este trabalho, que deve ter um novo olhar sobre as brincadeiras, não vendo-as apenas como um momento de recreação, e principalmente, permitir que o aluno explore o ambiente, e construa o conhecimento de forma ativa.

De acordo com Barbosa(2003), as artes causam diversão e estímulo não só para os alunos como para os professores. Além disso, o professor deve estar aberto para aceitar mudanças que possam beneficiar o desenvolvimento do seu trabalho. Refletir sobre suas práticas pedagógicas é um exercício constante e que garante o aprimoramento da profissão.

Não basta dominar as teorias e decidir-se por trabalhar com as Artes. É necessário deixar-se ir junto com a brincadeira, aprender e perceber as diferentes nuances do aprendizado de uma turma. Tudo isso implica libertar o seu fazer profissional das amarras que constrói durante a sua escolarização e sua formação, o que implica um conhecimento pessoal e profissional profundo e muita vontade de mudar, ou seja, de ver algo ser feito diferentemente (FERREIRA, 2008, p. 56).

Assim, as atividades artísticas são muito importantes para o desenvolvimento infantil devido ao seu caráter lúdico, mas para que o processo de ensino aprendizagem seja prazeroso e eficiente, o professor deve estar ciente de seu papel na formação da criança. Estes profissionais devem trabalhar de forma dinâmica e criativa, dando espaço para o aluno explorar o ambiente e construir o seu próprio conhecimento. Nesta perspectiva, o professor não pode ver o aluno como receptor e sim como autor, que esteja em ação, interaja, crie e recrie sua aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do desenvolvimento do presente estudo percebe-se que as Artes estão intimamente ligadas ao desenvolvimento humano e a exploração de suas potencialidades, o que corresponde a necessidade de estarem inseridas no universo escolar.

Assim, entende-se que devem estar associadas a todas as disciplinas devido ao caráter lúdico, que possibilita que o aluno exponha seus sentimentos, desenvolva as suas habilidades, crie visão de mundo, interaja, socialize, dentre tantos outros benefícios citados, sendo inclusive comprovadamente associado a melhora do desempenho escolar.

Com isso, é importante enfatizar o papel do professor de Artes neste processo, que deve ser de mediador, viabilizando que a criança crie através da organização do espaço, disponibilidade de materiais e auxílio no que for preciso ao longo do processo, mas sempre deixando que se torne ativa em sua aprendizagem e seja responsável pela sua construção, o que corresponde a um dos objetivos primordiais da educação: formar sujeitos autônomos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Antônia. **A educação lúdica e o ambiente artístico**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.
- BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. 2 ed .São Paulo: Cortez, 2003.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por Amor e Por força**: Rotinas na Educação Infantil. São Paulo. Artmed, 2003.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Cor, Som e movimento**: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- FERREIRA, Sueli. Imaginação e linguagem no desenho da criança. Ed FARIAS, Agnaldo. Arte contemporânea: notas sobre uma noção. In: **Arte brasileira hoje**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte**: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre; Artmed, 2003.
- KISHIMOTO, T. M. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Brasília. UNESCO, 2004.
OLIVEIRA, Vilma. **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis. RJ: Vozes, 2000.
SMOLE, Keith. **Brincadeiras infantis nas aulas de matemática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.



Luzerlila Perestrelo Valente

Licenciatura em Pedagogia pelo Instituto Adventista de Ensino (IAE), SP.
Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).

O ABANDONO ESCOLAR NA ADOLESCÊNCIA

MARIA CELESTE DOS VIVEIROS CAPONGCOL VITANGUI

RESUMO: O vigente artigo tem como objectivo promover a reflexão sobre os factores e consequências do abandono escolar na adolescência no município de Viana, na província de Luanda. O estudo identifica-se com a investigação qualitativa, onde se utilizou a observação e a entrevista para a colheita de dados, contando com 15 participantes, pessoas de diferentes status sociais do campo em estudo. Foi possível anotar que as razões que estão na origem do abandono escolar na adolescência, não se prendem apenas com características dos adolescentes mas, sobretudo, com as características familiares, contextuais e com a capacidade ou incapacidade das instituições escolares, em responder a um público cada vez mais diversificado, em necessidades e aspirações.

Palavras-chave: Adolescentes. Educação. Família. Sociedade.

INTRODUÇÃO

A educação é um processo de formação do homem, que visa no seu desenvolvimento, isto é, pelo processo de ensino-aprendizagem desde a sua origem até a sua morte. Em toda a parte do mundo existe educação, cada povo pode ter a sua particularidade na maneira de educar, mas ninguém escapa de uma educação. Sem uma boa educação não há bom desenvolvimento no âmbito intelectual, social, económico, político, até mesmo religioso.

A finalidade da educação é capacitar o homem para os desafios que vem a surgir na sociedade, pois, ela é a base fundamental para um progresso social. É a escola uma parte funcional da educação a par da família e a comunidade. Nota-se que, há indivíduos que rompem o vínculo da educação com a escola, trazendo assim, o fenómeno abandono escolar.

O fenómeno abandono escolar é um problema sério, com repercussões negativas, não só para o indivíduo, como para toda a sociedade, ou seja, o abandono escolar prejudica o desenvolvimento económico e social, constituindo um sério obstáculo para o progresso eficiente da sociedade. Apresentamos bases teóricas que tendem a associar o abandono escolar com factores de ordem social, pretende-se, com as informações disponíveis, identificar as relações significativas dessa associação e os padrões de comportamento que tendem a assumir para contextos sociais diferenciados no campo de estudo em causa.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO ABANDONO ESCOLAR

O abandono escolar consiste na saída de um indivíduo do sistema educativo, qualquer que seja o nível que este alcançou, antes de ter obtido uma qualificação ou de ter realizado uma formação profissional. Este fenómeno, segundo Manesse, citado por Doron e Parot (2001, p.19), pode ser medido tanto na escola como na universidade e é um indicador do rendimento do sistema escolar em todas as suas fases.

Ainda na visão de Doron e Parot (2001, p.19) o abandono escolar é causado por diversas subordinadas e dividem em duas categorias:

1ª a inadaptação do sistema educativo a certas categorias de crianças, nos seus métodos, nos seus programas, no seu enquadramento insuficiente, na distância dos estabelecimentos, etc.;

2ª as características afectivas e intelectuais de certos alunos. Um dos factores dominantes desta categoria é a essência de esperança associada aos estudos, transmitidos por pais que não tiveram qualquer benefício da sua escolaridade.

A complexidade e as exigências do sistema educativo faz com que nem todos os alunos consigam adaptar-se a ele, por causa da realidade diferenciada das famílias de alguns alunos, tendo em conta para estes, os desafios da escola.

Na concepção de Carneiro, citado por Vasconcelos (2013, p. 20) o abandono escolar revela a rejeição da escola por parte daqueles que, na maior parte das vezes, foram excluídos por ela. O abandono é, assim, a “saída integrada” do processo de tensões a que o aluno é sujeito, entre a escola e o seu meio social, económico, geográfico, cultural e institucional.

O meio social onde a escola e os alunos estão inseridos é um potencial alicerce para que haja abandono escolar, ainda mais se os interesses não são compatíveis, aí o aluno entende que a escola não é um lugar para ele, porque no seu entender, a escola não oferece-lhe benefícios desejados.

ABORDAGENS TEÓRICAS DO ABANDONO ESCOLAR

O abandono escolar é um fenómeno que acontece em todos os países a nível do mundo, o que pode diferenciar este fenómeno local e global, são apenas algumas causas. Por ser um fenómeno mundial, vários estudiosos centraram-se em investigar para responder os desafios das causas e das prejudiciais consequências, deste mal que assola as sociedades.

Para um entendimento abrangente da problemática em estudo, se apresenta aqui as abordagens teóricas desenvolvidas pelos seguintes autores: Castro (2010), Finn (1989), Peck e Kaplan (1997).

Para Castro (2010, p.5) no seu trabalho “Abandono Escolar – Factores e Estratégias de Combate”, apresenta algumas abordagens teóricas que procuram explicar o abandono escolar: *abordagem do abandono não concretizado e abordagem sistémica*.

A abordagem do abandono não concretizado, se refere a situações de abandono potencial de jovens que já começaram a perder o interesse pela escola e que só estão à espera de uma oportunidade para deixarem de a frequentar.

A abordagem sistémica, concebe o abandono escolar como um conjunto de saídas antecipadas do sistema escolar.

Na abordagem sistémica, acrescenta Castro (2010, p.5) são incluídos 2 fluxos:

1. o fluxo dos alunos que tendo completado com êxito o ano escolar, não continuam com os estudos;
2. o fluxo dos alunos que não tendo completado com êxito o ano escolar, não continuam os estudos e não concluem o nível em que se encontram matriculados.

Os indivíduos antes de abandonarem a escola, já não sentem motivação nas aulas tanto que, ficam com excesso de faltas, inventam qualquer desculpa para faltar nas aulas mesmo estando no recinto escolar, podem até começar o ano lectivo, mas acabam por desistir.

Numa reflexão mais intrínseca, Finn (1989) citado por Castro (2010, p.13) procurou compreender o processo do abandono escolar, formulando duas abordagens: *a abordagem de auto – estima – frustração e a abordagem da participação - identificação*.

A abordagem da auto – estima – frustração, baseia-se no pressuposto de que o insucesso escolar pode conduzir a uma redução da auto-imagem, que por sua vez leva a problemas de comportamento, e a uma oposição por parte dos jovens em relação à escola, que também podem ser causados pela influência negativa dos pares, o que provoca um insucesso escolar e uma reactivação do ciclo que culminará no abandono escolar.

A abordagem da participação-identificação, defende que a qualidade de ensino e as capacidades dos indivíduos influenciam o sucesso escolar obtido. Tal sucesso leva a uma maior identificação dos alunos com a escola, conduzindo a um maior envolvimento nas actividades escolares. Quando este envolvimento na escola não acontece e não existe apoio em casa, a probabilidade de maus resultados escolares aumenta, tornando a identificação e participação na escola ainda mais difíceis.

As abordagens dos autores mencionados, destacam algumas das causas que precipitam o abandono escolar: a escola, o próprio indivíduo e o contexto externo que está inserido.

Numa outra versão, Peck e Kaplan (1997) citado por Castro (2010, p.13) avança com uma abordagem postulando que, o indivíduo se comporta de modo a minimizar as experiências negativas e a maximizar as experiências positivas. Assim, consideram que o aluno que experimente uma perda de auto-estima após a obtenção de más notas irá reagir de forma a atenuar os seus laços com a escola, uma vez que esta lhe trouxe estes sentimentos negativos.

De acordo com Castro (2010, p.13) essa abordagem refere ainda com a hipótese dos alunos que se associam com outros estudantes que adoptaram atitudes e comportamentos contra normativos, vão, eles próprios, ter maior probabilidade de adoptarem igualmente comportamentos que os conduzirão a abandonar a escola. Significa que, o fenómeno “mata-aula” que caracteriza-se pela ausência dos alunos nas aulas estando ou não no recinto escolar, influencia outros alunos, terminando no desinteresse da escola.

FACTORES DO ABANDONO ESCOLAR NA ADOLESCÊNCIA

A palavra adolescência deriva do latim «adolescere» que significa fazer-se homem, fazer-se mulher (Pessanha Barros, Sampaio, Serão, Viega, Araujo, 2010, p.88). A adolescência é uma etapa do desenvolvimento humano, caracterizada por mudanças físicas, cognitivas, sociais e afectivas com reflexo nas atitudes e no comportamento.

Barbosa (2015, p.19) aborda que, a adolescência é o período de vida entre o início da puberdade e a idade adulta. Esse período normalmente destaca-se pela fluência da maturidade física e psicológica do indivíduo.

Na necessidade de analisar o abandono escolar na adolescência, importa reflectir sobre as causas que estão na sua origem.

Clímaco citado por Lourenço (2013, p.4) aponta três factores na base do abandono escolar, que são:

- a) as expectativas demasiado elevadas em relação à educação;
- b) as dificuldades de inserção no contexto escolar;
- c) a probabilidade de inserção no mercado de trabalho.

As famílias passam experiências aos seus filhos de modo que consigam caminhar com ou sem o seu auxílio, neste conjunto de experiências, a família demonstra a sua visão em relação à educação escolar e o mercado de trabalho. Apesar das directrizes familiares, muitos alunos não conseguem se adaptar às exigências da escola, conseqüentemente, abandonam a escola com o intuito de ingressar no mercado de trabalho.

Vicêncio et al (2004) citado por Lourenço (2013, p.5) apresentam outro conjunto organizado de factores na origem do abandono escolar:

- **individuais:** a inadaptação à escola; o fraco investimento na vida escolar; o absentismo elevado; os problemas disciplinares; o baixo nível de capacidades; o insucesso escolar; a baixa auto-estima; o mau relacionamento com colegas; o isolamento; o relacionamento próximo com jovens que abandonaram a escola; os problemas de saúde e as incapacidades; o casamento e/ou a gravidez; e a toxicod dependência.
- **familiares:** o baixo nível socioeconómico; as fracas expectativas relativamente à vida escolar dos filhos; o interesse por uma rápida inserção dos jovens na vida activa; a vida familiar disfuncional; as relações parentais negligentes ou abusivas; as estratégias familiares desfavoráveis; a pertença a uma minoria étnica; e a mobilidade elevada.
- **escolares:** um clima escolar negativo; o conflito entre as culturas da escola e da comunidade; o currículo irrelevante; o horário fatigante; a despersonalização da relação professor/aluno; as estratégias de ensino passivas; o desprezo pelos diferentes estilos de aprendizagem dos alunos; as fracas expectativas dos professores; um sistema disciplinar ineficaz; a utilização frequente de retenções e suspensões; um corpo docente instável, inexperiente e pouco qualificado; a utilização deficiente das novas tecnologias; a inexistência de serviços de aconselhamento; e a má qualidade de vida (pouca limpeza, falta de instalações desportivas).
- **sociais:** uma grande incidência de actividades criminais; a disponibilidade de emprego juvenil; a fraca ligação entre a comunidade e a escola; a falta de serviços sociais de apoio; e um sistema de transportes casa escola ineficaz.

O fenómeno abandono escolar não depende de uma única variável como aparenta ser, apesar do indivíduo ser o principal responsável, existem intervenientes que contribuem massivamente para que o abandono escolar aconteça. É notório que o indivíduo a quem responsabiliza-se grande fatia do abandono escolar, está inserido a um meio social, a uma família e a uma escola, que juntos também, têm uma certa responsabilidade diante das causas que fazem o indivíduo abandonar a escola.

OUTROS FATORES DO ABANDONO ESCOLAR:

O ABSENTISMO ESCOLAR

O absentismo é a ausência nas aulas ou no recinto escolar. Muitos são os adolescentes que faltam às aulas de modo regular e irregular no decorrer do ano lectivo.

Cardoso (2014, p.23) categoriza três tipos de absentismo escolar:

- absentismo baixo;
- absentismo médio;
- absentismo elevado.

Explicou Cardoso que, o absentismo baixo se situa na assiduidade abaixo de 25%, o absentismo médio apresenta assiduidade entre 25% a 50% e o absentismo elevado, demonstra falta de assiduidade superior a 50%.

Em casos de absentismo, os alunos não se sentem motivados para irem à escola, não encontram interesse nas matérias e por vezes, no âmbito familiar não existe um estímulo nem valorização da experiência educacional.

O INSUCESSO ESCOLAR

Pires *et al.* citado por Neves (2012, p.36) afirmam que, o insucesso escolar é a designação utilizada vulgarmente por professores, educadores, responsáveis administrativos e políticos para caracterizar as elevadas percentagens de reprovações escolares no final dos anos lectivos. O insucesso escolar é a incapacidade do aluno ter alcançado o sucesso na escola, esta incapacidade reflecte o baixo aproveitamento do aluno perante o sistema escolar.

Tavares citado por Monteiro (2014, p.30) apontou três implicações para o insucesso escolar:

1. o abandono da escola precoce;
2. as reprovações sucessivas;
3. a passagem para um nível de ensino menos exigente que por sua vez os afasta do nível de ensino superior.

A acumulação de insucessos ao longo do trajecto educativo pode conduzir ao abandono escolar, mas há que ter em consideração que, muito insucesso se pode revelar como uma antecipação do abandono escolar, ou seja, se as expectativas de conclusão da escolaridade obrigatória são reduzidas, poderão justificar o menor empenho dos alunos em ter sucesso nos estudos. Interiorizando a ideia de um abandono futuro, esses alunos transformam-se em repetentes crónicos, sem que ninguém, a escola ou os pais, os consiga tirar dessa opção.

A forma mais visível de insucesso escolar é sem dúvida a reprovação. É relevante mencionar que o insucesso escolar é um factor potencial do abandono escolar na adolescência, devido à desmotivação que este acarreta.

AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Dificuldades de aprendizagem é um termo genérico que diz respeito a um grupo heterogéneo de desordem manifestada por problemas significativos, na aquisição de conteúdos e uso das capacidades psicológicas, que visam a facilitar a aprendizagem.

O conceito de dificuldades de aprendizagem (DA) surgiu da necessidade de se compreender a razão pela qual um conjunto de alunos, aparentemente normais, estava constantemente a experimentar insucesso escolar, especialmente em áreas Académicas tal como a leitura, a escrita ou o cálculo (Correia, 2004, p.369).

Correia (2004, p.373) apresenta as categorias de DA, em que se destacam 3 como as mais relevantes:

- 1- **auditivo-linguística:** da qual prende-se com um problema de percepção que, frequentemente, leva o aluno a ter dificuldade na execução ou compreensão das instruções que lhe são dadas. Não é, portanto, um problema de acuidade auditiva (o aluno consegue ouvir bem), mas sim de compreensão/ percepção daquilo que é ouvido;

2- **organizacional:** este aspeto leva o aluno a experimentar dificuldades quanto à localização do princípio, meio e fim de uma tarefa. O aluno tem ainda dificuldade em resumir e organizar informação, o que o impede, com frequência, de fazer os trabalhos de casa, apresentações orais e outras tarefas escolares afins:

3- **académica:** esta categoria é uma das mais comuns no seio das DA. Os alunos tanto podem apresentar problemas na área da matemática, como serem dotados nesta mesma área e terem problemas severos na área da leitura ou da escrita, ou em ambas.

O processo de ensino-aprendizagem é exigente, e as suas exigências podem gerar dificuldades nos alunos, essas dificuldades podem ser superadas ao longo do tempo por alguns alunos. Os alunos que não se adaptam às exigências do processo de ensino-aprendizagem ao longo do tempo, apresentam características de DA destacadas por Correia (2004). Alguns alunos com DA abandonam a escola por não se sentirem adaptados às exigências do processo educacional ao qual foram inseridos.

O BULLYING

O bullying se caracteriza por ter um leque de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adoptado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia, sofrimento, má disposição, entre outras inquietudes.

Na perspetiva de Fante (2005, p. 28) algumas das manifestações do comportamento bullying são: insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, actuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais. O comportamento a base da agressão é condenável, seja na escola ou não, seja entre alunos ou entre professores ou familiares.

Júnior (2014, p. 2) declarou que, o bullying é considerado hoje com um fenómeno que traz consequências psicológicas e pedagógicas, para as crianças e adolescentes como também para seus familiares, diante disso vem trazendo diversas mudanças de comportamento como: transtorno emocional, baixo rendimento na vida lectiva e até formando adultos agressivos e sem tolerância. É notório que as consequências do comportamento agressivo, estendem-se até as questões sociais.

Martins, citado por Sousa e Almeida (2011, p.184) insere os comportamentos de bullyingem três categorias:

- **directo e físico:** inclui bater ou ameaçar fazê-lo; dar pontapés, roubar ou estragar objectos que pertençam aos colegas, extorquir dinheiro ou ameaçar fazê-lo, forçar comportamentos sexuais ou ameaçar fazê-lo, obrigar ou ameaçar os colegas a realizar tarefas servis contra a sua vontade;

- **directo e verbal:** engloba insultar, pôr alcunhas desagradáveis, fazer gozações, fazer comentários racistas, salientar qualquer característica ou deficiência de um colega de forma negativa;

- **indirecto:** se refere a situações como excluir alguém sistematicamente do grupo de pares, ameaçar com frequência a perda da amizade ou a exclusão do grupo como forma de obter algo do outro ou como retaliação de uma suposta ofensa prévia, espalhar boatos sobre os atributos e/ou condutas de alguém com vista a destruir a sua reputação, em suma manipular a vida social dos pares.

O bullying quando se torna frequente no seio escolar, intimida os adolescentes de tal maneira que pode fazer com que as vítimas desse comportamento agressivo, seja directo ou indirecto, físico ou verbal, cheguem a abandonar a escola.

CONSEQUÊNCIAS DO ABANDONO ESCOLAR NA ADOLESCÊNCIA

Sobre o abandono escolar, importa ter em mente que não se trata apenas de um problema da escola e de indivíduos em particular, mas também, de um problema social com consequências para o desenvolvimento de um país.

Moreno citado por Vasconcelos (2013, p. 30) considerou que, as elevadas taxas de abandono escolar, para além das consequências imediatas, têm consequências que só serão visíveis no futuro. Na mesma ideia, Silva (2014, p.44) salienta que o abandono escolar representa uma perda de oportunidades e uma perda de potencial social e económico, tendo muitas vezes como consequência futuras como a exclusão social e a entrada na delinquência.

Quando estes adolescentes atribuem o seu mau desempenho à incompetência pessoal, apresentam sentimentos de vergonha e baixa auto-estima, desencadeando problemas emocionais e

comportamentais; culpam a escola do seu mau desempenho e demonstram sentimentos de frustração, agressividade e inferioridade, expressando hostilidade relativamente aos outros.

O abandono escolar pode levar a empregos precários, à grande probabilidade de virem a pertencer a grupos de marginalizados e/ou vinculados à criminalidade (devido não só às suas diferenças culturais e linguísticas e/ou raciais, mas também às suas características físicas e/ou psicológicas) que restringem o acesso a oportunidades benéficas e aumentam a probabilidade de desadaptação (Garcia et al., citado por Silva 2014, p.45).

O abandono escolar é assim, um sem número de consequências que vão desde os aspectos individuais até ao mais global desenvolvimento de um país e que significam, necessariamente, um vasto conjunto de desafios para a escola e para a intervenção social escolar de hoje e do futuro.

O modo mais eficiente de travar o abandono escolar passa pela sua prevenção, criando estruturas e bases que motivem os adolescentes e jovens a continuarem o seu percurso escolar.

PERFIL DO (A) ADOLESCENTE QUE ABANDONA A ESCOLA

A experiência escolar de um aluno tem um papel crucial na formação da sua autopercepção (crença que a criança tem sobre as suas capacidades e habilidades que influenciam os seus comportamentos e motivação) e na sua decisão de abandonar a escola.

O abandono escolar é caracterizado pelas interações traumatizantes na história de vida do/a adolescente e são fortemente determinantes do seu desinteresse escolar, que se traduz no desempenho do/a aluno/a. Um/a adolescente desinteressado/a desenvolve baixa motivação, baixos níveis de esforço, desatenção e níveis elevados de problemas disciplinares. Estes sentimentos podem levar facilmente o/a aluno/a a abandonar a escola.

Uma via escolar cheia de retenções e de insucesso escolar desencadeia sentimentos de incapacidade e fracasso generalizado e pode revelar-se muito traumático para o/a adolescente. Este fracasso continuado apresenta sérios problemas de adaptação fazendo com que muitos abandonem a escola.

São vários itens que se destacam na construção do perfil de um adolescente que abandona a escola, como destaca Azevedo (1999, p.20) um abandonador escolar tem um fraco rendimento escolar, é pouco motivado, não se sente bem na pele de aluno, veicula consigo perspectivas de fracasso e não se concentra no trabalho.

Na opinião de Costa citado por Gonçalves (2003, p.14) a escola não consegue motivar os adolescentes para os estudos, pois também não é capaz de apreender as necessidades individuais de um aluno. A escola tem tendência para excluir os alunos que não se adaptam ao seu sistema uniforme e monolítico. No sistema de ensino existem desigualdades que a escola não consegue combater. Muitas dessas desigualdades vão originar insucessos, que por sua vez afastarão o jovem do mundo escolar. Efectivamente, o insucesso escolar, nas suas várias formas, condicionam a ruptura com a escola.

O insucesso contribui para que o adolescente se sinta mal no ambiente escolar. O jovem começa a não gostar da escola, sendo muitas vezes obrigado pelos pais a frequentá-la. Contudo, isso não impede que ele acabe por desistir completamente de frequentar o sistema de ensino.

O PAPEL DOS PROFESSORES PERANTE AO ABANDONO ESCOLAR

O papel de um professor é variado, complexo mas motivador. Pretende-se que um professor seja inovador, dinâmico, comunicativo, crítico e "eficaz." Ele deve ensinar mas também educar, transmitir conhecimentos mas também inculcar métodos, instrumentos de trabalho e alguns valores fundamentais nos alunos, como, por exemplo, a compreensão e o respeito pelo outro, a ajuda ou a responsabilidade. E ainda desenvolver o espírito crítico, a reflexão mas também a criatividade e a curiosidade em termos de aprendizagem.

Não é possível haver sistema de ensino escolarizado, tal como aborda Sil (2004, p.36) se o professor é o elemento central do sistema educativo e funciona como um mediador entre o mundo social e a criança, a este deve ser dada a autonomia necessária para que possa adequar o processo de ensino-aprendizagem.

No que se refere à sala de aula, o trabalho pedagógico conduz o aluno a encontrar soluções eficazes para os problemas propostos. O professor, ao indicar as respostas ao aluno, colabora e muito na formação de conceitos dos alunos, como aponta Vygotsky, citado por Ogasawara (2009, p.31) o

professor deve promover uma ampla gama de recursos que permita ao estudante entrar em contacto com os problemas, suas possíveis soluções e formas de praticá-las, podendo assim, formar conceitos científicos.

Para Piaget o ensino deve estar de acordo com os interesses e a curiosidade da criança. Nem demasiado difícil para não ser frustrante, nem demasiado fácil para não ser ameaçador (Tavares e Alarcão, 2005, p.102). O professor deve, junto com a escola e a família, procurar incentivar os adolescentes a concluírem os seus estudos de modo a salvaguardarem o futuro profissional e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa investigação buscou abordar sobre o abandono escolar na adolescência, onde foi possível destacar o seguinte:

A desistência do aluno ao sistema escolar ou de ensino-aprendizagem é a principal característica do abandono escolar na adolescência. Essa desistência pode ser por causas pessoais ou não pessoais, onde é constatado uma desistência por um longo período ou de forma definitiva. Esse abandono, também tende a caracterizar a relação entre os pais/encarregados de educação e filhos adolescentes que se encontram nesta situação, que é normalmente uma relação de tristeza, através do sentimento de decepção dos pais porque os filhos abandonaram a escola.

A actuação dos pais e encarregados de educação perante aos adolescentes que abandonaram a escola tem de ser motivadora de modo a incentivar os adolescentes a voltarem a escola de modo a se garantir a formação dos mesmos;

A baixa estabilidade financeira da família espelha o abandono de vários adolescentes perante a escola, de forma que a família não consegue custear os gastos escolares e sentem-se obrigados a retirarem os seus filhos da escola por falta de condições financeiras para os gastos escolares dos adolescentes, seja no ensino público ou no ensino privado. A falta de orientação familiar e escolar, faz com que haja incertezas nos caminhos a seguir ou nas acções a fazer. O meio social negativo, que não tem cultura escolar acaba por influenciar os adolescentes paulatinamente a abandonar a escola, pois, para esse meio, a formação escolar não é prioridade. O bullying, faz com que os adolescentes se sintam inseguros e com baixa autoestima, como também se sentem não aceites, por este motivo abandonam a escola. O consumo de estupefacientes coloca os indivíduos fora da realidade e causa transtornos comportamentais, vicia e deixa-os num mundo onde a escola não faz parte. E o absentismo às aulas, ou as faltas excessivas acabam por produzir desinteresse pela formação escolar.

O retrocesso académico, a delinquência, a prostituição, o vício em estupefacientes, as dificuldades no mercado de trabalho, fragilidade emocional e a frustração do não alcance da formação, são apontadas com as principais consequências que podem advir do abandono escolar para os adolescentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, J. **Inserção Precoce de Jovens no Mercado de Trabalho**. Edição: PEETI-plano para eliminação da exploração de trabalhos infantil. Lisboa: Coleção Cadernos PEETI-Volume 1, 1999.
- CARDOSO, S. **Absentismo escolar: uma consequência individual ou do sistema familiar?** Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2014.
- CASTRO, C. F. V. **Abandono Escolar – Factores e Estratégias de Combate**. Dissertação de Mestrado. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2010.
- CORREIA, M. L. **Problematização das dificuldades de aprendizagem nas necessidades educativas**. Análise Psicológica, 2 (XXII), 369-376, 2004.
- DORON, R.; PAROT, F. (Coord). **Dicionário de psicologia**. 1ª Edição. Lisboa: Climepsi Editores, 2010.
- FANTE, C. **Fenómeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**, 2ª Edição. Campinas: Editora Versus, 2005.
- GONÇALVES, C. Escola e família: uma relação necessária e conflitual, In Costa, M. (Coord.). **Gestão de Conflitos na Escola**. Lisboa: Universidade Aberta, 2003.
- JÚNIOR, E. F. S. **Como combater o bullying na escola e na sociedade**. São Paulo: Editora CINTEDI-Congresso Internacional de Educação e Inclusão, 2014.
- LOURENÇO, A. R. M. **Motivações na origem do abandono escolar – estudo de caso com jovens sinalizados na CPCJ-Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Castelo Branco**. Dissertação de Mestrado em Intervenção Social escolar. Castelo Branco: Escola Superior de Educação, 2013.
- MONTEIRO, D. **Absentismo Escolar: a escola, a família e o futuro**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2014.

-
- NEVES, M. R. D. A. **Factores do abandono escolar precoce e motivações para o regresso em educação de adultos**. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação. Vila Nova de Gaia: Instituto Politécnico de Gestão e Tecnologia, 2012.
- OGASAWARA, J. S. V. **O conceito de aprendizagem de Skinner e Vygotsky: um diálogo possível**. Dissertação de Mestrado em Pedagogia. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2009.
- PESSANHA, M. et al. **Psicologia da Educação**. 1ª Edição. Porto: Plural Editores, 2010.
- SOUSA, C. P. e ALMEIDA, L. C. P. **Bullying em ambiente escolar**. Pará: Universidade Federal do Pará, 2011.
- TAVARES, J. e ALARCÃO, I. **Psicologia do Desenvolvimento e da aprendizagem**. 1ª Edição. 6ª Reimpressão. Coimbra: Almedina, 2005.
- VASCONCELOS, M. D. M. C. **Abandono escolar e absentismo escolar no concelho de ponta delgada**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2013.



Maria Celeste dos Viveiros Capongcol Vitangui

Nasceu em Luanda, capital de Angola. Licenciada em Ciências da Educação, na opção de ensino de Psicologia pelo ISCED-Luanda. Professora de Psicologia pelo Complexo Escolar Privado Astros do Amanha, Zango1-Viana.

CONTRIBUIÇÕES DAS ARTES PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA PERSPECTIVA ESCOLAR

ROSEMEIRE SANTOS DE DEUS LOPES

RESUMO: Esse artigo pretende buscar reflexões a respeito das contribuições das artes para o desenvolvimento infantil. Os processos de criação artística expandem a capacidade da criança interagir com o mundo ao seu redor e possibilita um novo conjunto de habilidades de autoexpressão e comunicação. A linguagem artística não apenas ajuda a desenvolver o lado direito do cérebro, mas também cultiva habilidades importantes que beneficiam o desenvolvimento da criança. As crianças se expressam por meio da arte em um nível fundamental. Percebe-se que as artes são fundamentais para o desenvolvimento integral e significativo da criança.

Palavras-chave: Capacidade. Criação. Educação. Expressão. Habilidades. Linguagens.

INTRODUÇÃO

Esse artigo pretende refletir sobre as contribuições das artes para o desenvolvimento infantil na perspectiva pedagógica, baseado em autores pertinentes ao tema em questão, pois cada vez mais tem se percebido que as artes fazem parte do cotidiano dos seres humanos.

A arte desempenha um papel maior do que se pensa na educação das crianças. Além de estimular a aprendizagem de outras disciplinas, como leitura ou matemática, pintura, desenho ou modelagem são atividades essenciais para o desenvolvimento da percepção, da motricidade fina ou do convívio social.

De acordo com Ferraz e Fusari (2009).

É fundamental entender que a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos, ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se reconhecerem, e ao conhecê-lo. Em outras palavras, o valor da arte está em ser um meio pelo qual as pessoas expressam, representam e comunicam conhecimentos e experiências. A atividade de desenhar para as crianças, por exemplo, é muito importante, pois favorece a sua expressão e representação do mundo. (FERRAZ e FUSARI, 2009, p.18).

Baseando-se nessa citação percebe-se que várias investigações têm mostrado que a arte desempenha um papel essencial, não só no desenvolvimento das crianças, mas também na aprendizagem da leitura, da escrita e do cálculo.

Pintar, desenhar, tocar um instrumento musical, modelar, cantar... são atividades básicas para o desenvolvimento biológico, educacional e emocional das crianças. Por meio deles as crianças aprendem a explorar o ambiente que os rodeia, adquirem consciência de si próprios e dos outros.

Sua contribuição pode ser agrupada nas seguintes áreas:

Desenvolvimento pessoal: as atividades artísticas proporcionam oportunidades de expressão da criatividade, de autodescoberta; aumentar a auto-estima e o autoconceito. Cada obra de arte gera na criança que a cria, a sensação de uma conquista.

Desenvolvimento social: é potencializado à medida que a criança aprende a cooperar em um trabalho artístico realizado em grupo. As crianças têm consciência da sua contribuição pessoal para o trabalho coletivo e também adquirem o sentimento de pertença a um grupo.

Desenvolvimento físico: os músculos mais pequenos, a coordenação olho - mão, a lateralidade e o sentido do ritmo são desenvolvidos graças às várias formas de expressão artística.

Desenvolvimento da linguagem: A arte é uma forma de expressão que não se baseia na habilidade verbal, no entanto, a linguagem e o vocabulário das crianças sofrem um enorme desenvolvimento à medida que as crianças falam sobre seu trabalho. Além disso, o desenho

contribui para o desenvolvimento da escrita dos mais pequenos.

Desenvolvimento cognitivo: os benefícios da arte são especialmente perceptíveis em áreas como representação simbólica, relação espacial, números e quantidades, , série, classificações, etc.

Além da criação e expressão artística em si, existe outra atividade com a qual os adultos podem ajudar as crianças a se aproximarem da arte e a entendê-la. Quando criam seu próprio trabalho, as crianças exploram o mundo ao seu redor, mas também podem descobri-lo nas obras de outras pessoas ou em sua própria , que pode abrir o caminho para que eles passem a apreciar a arte como parte de suas vidas. Poucas pessoas continuam a "fazer arte" quando não são mais crianças, mas o amor pela arte é uma conquista e um prazer que dura a vida toda. Discutir com uma criança uma pintura, uma escultura ou uma fachada barroca pode parecer pretensioso e até pedante. No entanto, ninguém como as crianças, cujos sentidos e percepções são tão abertos e acostumados a examinar o ambiente, tem uma disposição melhor para isso.

A ARTE DE CRIAR

Entende-se por arte qualquer atividade ou produto realizado com finalidade estética e comunicativa, por meio da qual, ideias, emoções ou uma visão de mundo se expressam por meio da linguagem, da música, da dança e da pintura.

O desenho, teatro, dança, pintura constituem um processo no qual o aluno interpreta e reforma os elementos adquiridos com a sua experiência.

É fundamental abrir espaço dentro do contexto escolar, para que diferentes formas de expressão e aprendizagens sejam respeitadas e valorizadas por seu significado no processo de assimilação cultural e de construção do indivíduo na sociedade. (AROUCA, 2012, p.19).

Portanto, percebe-se que a exploração da arte não é apenas divertida e divertida, mas também educativa. As crianças são naturalmente curiosas. Desde o minuto em que ganham o controle de seus membros, eles trabalham para se colocarem no mundo e ver como tudo funciona. Eles exploram, observam e imitam, tentando descobrir como as coisas funcionam e como controlar a si e aos seus ambientes. Essa exploração irrestrita ajuda as crianças a formar conexões em seus cérebros, ajudá-las a aprender - e também é divertido.

A arte é uma atividade natural para apoiar essa brincadeira gratuita nas crianças. A liberdade de manipular diferentes materiais de forma orgânica e não estruturada permite a exploração e experimentação. Esses esforços artísticos e explorações autodirigidas não são apenas divertidos, mas também educacionais. A arte permite que os jovens pratiquem uma ampla gama de habilidades que são úteis não apenas para a vida, mas também para o aprendizado.

Além de ajudar os jovens a desenvolver habilidades importantes, a liberdade de expressão também é boa para a saúde e o bem-estar em geral. Dar às crianças e aos jovens uma saída criativa pode ajudar a aliviar o estresse e resolver as coisas que acontecem em sua vida. Ao incentivar a expressão artística, pode-se ajudar a facilitar o aprendizado. Por isso:

O aprendizado da linguagem escrita envolve a elaboração de todo um sistema de representação simbólica da realidade. É por isso que Vygotsky identifica uma espécie de continuidade entre as diversas atividades simbólicas: os gestos, o desenho e o brinquedo. Em outras palavras, estas atividades contribuem para o desenvolvimento da representação simbólica (onde signos representam significados), e consequentemente, para o processo de aquisição da linguagem escrita. (REGO, 2014, p.69).

Então, percebe-se que abordagens socioculturais à educação argumentam que as atividades artísticas compartilhadas pelas crianças com colegas mais experientes e adultos são importantes para facilitar o desenvolvimento das crianças nas artes visuais. As crianças aprendem sobre as artes visuais por meio de suas interações com professores e colegas antes de desenvolver essas habilidades e conhecimentos por si mesmas.

BENEFÍCIOS DA LINGUAGEM ARTÍSTICA

A linguagem artística ajuda as crianças a se conhecerem melhor, a expressar seu mundo interior e a capturar sua imaginação e criatividade. Esta educação pode ser desfrutada de diferentes maneiras, como pintura, teatro, dança, desenho ou canto. Em suma, uma atividade que se relaciona com os sentidos.

Na escola nova, priorizavam-se os aspectos psicológicos do desenvolvimento, com ênfase nos aspectos sociais. Os conteúdos eram definidos nas atividades em função das experiências vivenciadas. Enfatizava-se o desenvolvimento e o "aprender a aprender", como fato mais importante do que aprender conteúdos. (IAVELBERG, 2003, p.114)

A escola é o lugar onde as crianças passam a maior parte do tempo. Um fato que não deixa ninguém indiferente é que, por alguns anos, a educação artística foi negligenciada pelo sistema educacional de muitas escolas ao redor do mundo.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (BRASIL, 2000, p.19)

Percebe-se então que a arte-educação é necessária, não porque tornará as crianças mais inteligentes, mas porque elas podem adquirir uma gama de habilidades e rotinas mentais que estão em harmonia com a natureza do ser humano e, por sua vez, são essenciais para o aprendizado de qualquer disciplina escolar. Isso é útil para todos os alunos, por isso é uma ótima maneira de abordar a diversidade na sala de aula.

A ausência de arte em sala de aula deve-se ao desrespeito geral pelas atividades artísticas como parte do desenvolvimento curricular nos diferentes níveis de ensino. Isso pode ser devido à falta de formação de professores, à falta de uma política cultural ou à influência da mídia.

A Arte, não pertence às creches, pré-escolas e escolas e não deve ser subserviente ou ficar a serviço de outros interesses. Ela vem abrir as portas e janelas das instituições educacionais para mostrar a vida de outra forma - estética e poética - e favorecer o transbordamento das múltiplas linguagens da criança, favorecendo o acesso e estimulando as diferentes formas de expressões artísticas. (BRASIL, 2006, p.28)

A linguagem artística é, em suma, essencial porque permite aos alunos adquirirem uma série de competências sociais e emocionais básicas para o desenvolvimento pessoal e que os tornam mais felizes. E esse é, afinal, o verdadeiro aprendizado, aquele que realmente os prepara para a vida. O cérebro humano é fã de desafios e, portanto, precisa de arte.

O desenho, a pintura e a colagem das crianças são marcas que elas deixam a partir de sua relação com o mundo, em diálogo permanente com seu imaginário. São marcas pessoais. Portanto, é muito importante percebermos que cada criança tem um jeito próprio de se expressar: traços com mais vigor ou mais leves, ocupando o espaço todo ou apenas um cantinho, usando muitas cores ou escolhendo apenas uma etc. Nós professores (as), que lidamos dia-a-dia (sic) com meninos e meninas e suas produções culturais, seremos capazes de reconhecer a produção de cada criança mesmo que não tenha nome escrito se possibilitarmos que os pequenos se expressem com autoria. (BRASIL, 2006, p.48).

A arte é uma forma de sentir a vida e, ao tomar consciência do mundo, as crianças tornam-se, quase sem se dar conta, melhores seres humanos, pelo fato de ser tão fácil permitir-lhes uma forma que também estimula-os a criar, aprender e inovar.

Para crianças muito pequenas, fazer ou falar sobre arte oferece oportunidades de aprender palavras para cores, formas, materiais, ferramentas e ações. Quando seus filhos têm apenas um ano de idade, os pais podem realizar atividades simples, como amassar um pedaço de papel e chamá-lo de "bola". A atividade assume uma segunda camada de instrução com algo tão simples como usar papel de cores diferentes. A "bola" agora é uma "bola verde". Nos anos elementares, as crianças podem usar palavras descritivas para discutir suas próprias criações ou para falar sobre os sentimentos que têm

quando veem diferentes estilos de arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção da arte na escola tem permitido a divulgação de diferentes visões e dessa forma, observa-se como a criatividade está se formando na primeira infância a partir de uma dimensão artística.

Isso também lança um olhar sobre os julgamentos de valor que as crianças atribuem a suas criações. A arte infantil vista da perspectiva da expressão pode ser definida como um estado do imaginário, como estrutura estratégica na produção e reprodução de imagens.

Nessa perspectiva, fica evidente que o fazer artístico, como proposta educacional escolar, não escapa da responsabilidade pelos fins específicos e gerais aos quais um processo educacional visa. A arte constitui mais um componente da estrutura curricular através da qual se pretende atingir, de uma forma concreta, as finalidades do projeto educacional institucional.

Os rabiscos que a criança executa são traduzidos em ideias, e a cada nova tentativa de expressar suas imagens existe uma realidade, na qual pode-se tornar uma parte importante do processo ensino aprendizagem, de forma significativa e prazerosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AROUCA, Carlos Augusto Cabral. **Arte na escola**: como estimular um olhar curioso e investigativo nos alunos dos anos finais do ensino fundamental. São Paulo: Editora Anzol, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação à Distância. **Coleção Proinfantil: módulo IV: unidade 5**. Brasília, DF, 2006. v.2. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012797.pdf>>. Acesso em 14 nov 2021.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Brasília, DF, 2000.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Resende. **Metodologia do ensino da arte**: fundamentos e preposições. São Paulo: Cortez, 2009.

IAVELBERG, R. **Para gostar de aprender arte**: sala de formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 25ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.



Rosemeire Santos de Deus Lopes

Graduação em Pedagogia, na Universidade Bandeirantes, em 2009. Licenciatura em Artes Visuais, pela Faculdade Mozarteum, em 2017. Pós-Graduação em Arte e educação, pela Faculdade Alvorada Plus, em 2016. Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo.

IMPACTO DA DÍVIDA PÚBLICA NO PLANO NACIONAL DE ANGOLA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

TAVARES DOS SANTOS MUHONGO

RESUMO: Esta pesquisa impacto da dívida pública na implementação do Plano Nacional de Intensificação da Educação de Jovens e Adultos na província do Uíge-Caso Município do Kimbele no período de 2019-2020 debruça-se sobre a análise do Combate ao Analfabetismo em Angola e o processo de alfabetização levado a cabo pelo Estado e os Parceiros Sociais com maior incidência no meio rural, traduzido em programa de governo desde 1975, consubstanciado na erradicação do analfabetismo e incorporado em Programas, Estratégias e Planos de Alfabetização do Estado, no contexto do Sistema de Educação. Para este caso, entre os anos 2019 à 2020. Os constrangimentos ao processo de alfabetização no meio rural têm sido analisados em três vertentes: do acesso à educação e alfabetização de jovens e adultos; dos professores e alfabetizadores, sua formação, recrutamento e fixação, e o da utilização da Língua Oficial e das Línguas Nacionais. A investigação teve por base uma metodologia do tipo qualitativo assente na recolha e análise bibliográfica e documental, constituindo um estudo interpretativo fruto de uma Revisão Bibliográfica Narrativa. Apesar de haver recursos alocados ao combate ao analfabetismo e à alfabetização de jovens e adultos é ainda desafiador, basta olharmos nos níveis dos indicadores recomendados internacionalmente nesta área. Portanto, a dívida pública teve impacto negativo na implementação do Plano de ação para Intensificação de educação de jovens e adultos, facto que teve incidência na desaceleração da marcha progressiva, que se foi registrando nos últimos anos, justificado pelo maior número de pessoas livres do analfabetismo literal, que gradualmente o país, a província e o município de Kimbele foi conquistando.

Palavras-chave: Alfabetização. Educação. Desenvolvimento. Dívida Pública. Impacto. Jovens e adultos.

INTRODUÇÃO

Quaisquer países do mundo que alcançaram a excelência de vida, apostaram na educação e sobretudo, na erradicação do analfabetismo literal e funcional, empoderando as pessoas com capacidade oral, de leitura e escrita e produção de cálculos matemáticos, qualidades desejadas na educação, e declaradas internacionalmente como às necessárias para que o individuo seja livre do analfabetismo, passando a ser letrado.

O presente trabalho subordinado ao tema, Impacto da dívida pública na implementação do Plano Nacional de intensificação da educação de jovens e adultos na Província do Uíge-Caso Município do Kimbele, tem como enfoque a análise, da dívida pública, seu impacto na implementação deste plano, no período compreendido de 2019 a 2020.

Med (2012), O aumento de oportunidades educativas observado em Angola, após a conquista da Paz em Abril de 2002, propiciou o aumento significativo dos índices de escolarização da população. Este aumento conduziu à superação da situação de desvantagem em que se encontrava durante o conflito político-militar. No ano de 2000, a taxa de analfabetismo em Angola encontrava-se acima dos 50%. Era justificável, olhando no contexto político, social que o país atravessou depois da Independência, não obstante Angola ter definido um sistema de educação livre da matriz colonial, em 1975, que dava azo a lei 4/75, de 9 de Dezembro, Lei da nacionalização do ensino para todos angolanos.

Segundo CENSO POPULACIONAL ANGOLANO, (2014), efectuado nesse mesmo ano, a taxa geral de analfabetismo baixou significativamente para 34%. Na população adulta mais jovem, isto é, da população dos 15 aos 24 anos de idade, a taxa de analfabetismo é ainda mais baixa, situando-se nos 24%. Em 19 anos, Angola multiplicou por 3,6 o número de efectivos no Sistema Nacional de Educação anterior ao Subsistema de Educação do Ensino Superior ao passar de 2,5 milhões de alunos em 2002 para 9,9 milhões em 2019, (E.P, I SÉRIE – N.º 103 – DE 12 DE AGOSTO DE 2019);

O Plano de ação para a Intensificação da alfabetização e da educação de jovens adultos Eja-Angola 2019-2022, foi gizado pelo Ministério da Educação, enquanto Órgão Reitor das políticas educativas no país, com vista a gerar continuidade, dinamização e extensão para o nível secundário o programa de educação de jovens e adultos, nos termos da recuperação do atraso e aceleração escolares, visando o combate ao analfabetismo literal e funcional e seu preparo para a sua inserção à vida activa.

Após a conclusão da implementação do Plano Estratégico de Revitalização da Alfabetização — PERA 2012-2017 sustentado pelo Decreto Presidencial n.º 86/12, de 16 de Maio, e implementado na base do Plano de Nacional Desenvolvimento-PND 2012-2017, foi efectuado o seu balanço, bem como a sua avaliação. Tendo em conta os resultados obtidos, no quadro do novo exercício governativo para o Quinquénio 2018-2022, o Governo aprovou o Plano de Desenvolvimento Nacional — PDN 2018-2022, no qual dentre outras metas, estão estabelecidas as metas e definidos objectivos relativos ao combate ao analfabetismo e redução do atraso escolar entre a população jovem e adulta, com maior realce para as mulheres e as raparigas das zonas rurais.

Segundo o MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO(2016, p.56) o subsistema de educação de adultos tem como vocação, tarefa e objectivos nucleares, a recuperação do atraso escolar através do desencadeamento de processos educativos formais, não-formais e informais nos domínios da erradicação do analfabetismo e consequentemente da elevação do nível educativo e instrutivo da população economicamente activa, constituindo a alfabetização e a Pós-Alfabetização a prioridade no contexto da universalização da educação básica obrigatória.

Tendo em conta que o País está engajado no processo de diversificação da economia, no combate à fome e à pobreza, na consolidação da paz e da democracia, e uma vez que os fenómenos analfabetismo e atraso escolar compromete, em grande medida, o alcance destes objectivos, o Executivo, através do Plano Nacional de Desenvolvimento (PDN 2018-2022) e com base no Programa 1.2.6 — Intensificação de Alfabetização e da Educação de Jovens e Adultos estabelece a necessidade de dar maior impulso às acções da Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos. O Executivo Angolano assim o definiu porque o programa 1.2.6. do PDN emancipa os jovens e Adultos, através dos conhecimentos e das competências adquiridas que melhoram as suas vidas e permitem-lhes participarem no desenvolvimento do País de forma efectiva. É neste contexto que o Executivo Angolano assume a Alfabetização e a Educação de Adultos como fator preponderante para o desenvolvimento sustentável do país.

CONCEITO DE DÍVIDA PÚBLICA

Subjectivamente, a dívida pública pode ser definida como a dívida do Estado. Enquanto Objectivamente, a dívida pública são as obrigações financeiras em que incorre o Estado quando, em um dado exercício fiscal, as receitas são insuficientes para cobrir as despesas públicas. Esta definição se desdobra em dois conceitos, um de fluxo e outro de estoque, ao qual correspondem, respectivamente, a dívida pública nova e a dívida pública total, Blucher (2016, p.8).

Quanto ao tipo de dívida pública, o critério distintivo mais frequente diz respeito ao local de emissão da dívida pública, que permitirá classificá-la como interna ou externa. A reestruturação da dívida soberana depende, porém, de outras noções relevantes, que exigem defini-la com relação aos credores (se outros entes soberanos ou credores privados) e quanto às garantias (se presentes ou ausentes).

A ESSÊNCIA DO PLANO DE AÇÃO PARA A INTENSIFICAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O Plano de Acção para a Intensificação da Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos — Plano EJA-Angola 2019-2022, aprovado através do DECRETO PRESIDENCIAL 257/19, de 12 de Agosto, surge para a implementação das políticas do Executivo para o desenvolvimento económico-social, nas quais o combate ao analfabetismo e a redução do atraso escolar, entre a população jovem e adulta, constitui um dos grandes pilares. Este constitui o instrumento para a operacionalização das Políticas e Estratégias do Executivo, para o alcance dos objectivos e metas previstas no PDN 2018-2022, alinhados com os compromissos regionais, africanos e mundiais, assumidos pelo Estado Angolano, nomeadamente: Plano Estratégico Indicativo de Desenvolvimento Regional, da SADC; a Declaração Mundial da educação para todos, a Agenda — África 2063, da União Africana; Agenda — 2030 Objectivos de Desenvolvimento Sustentável, das Nações Unidas.

O plano EJA-Angola trata-se do principal instrumento normativo com as medidas políticas, estratégias e ações a serem desenvolvidas no país. O Ministério da Educação de Angola, (MED) através da Direcção Nacional de Educação de Jovens e Adultos, tem a responsabilidade de coordenar com demais

instituições do Estado e da sociedade civil, a sua materialização em todo o território nacional, MED, (2019, p.32).

Para o efeito, foram definidos projectos e as respectivas acções, bem como as medidas de política a serem desenvolvidas. Foram ainda definidas as metas que se pretende alcançar com a implementação dos projectos, o público-alvo, os principais intervenientes no processo, os recursos necessários e os resultados esperados no período em causa. As acções a serem desenvolvidas na presente Estratégia de Acção resultam da avaliação do Plano Estratégico de Revitalização da Alfabetização-PERA 2012-2017 e do diagnóstico efectuado sobre a situação actual do Processo da Alfabetização e da Educação de Jovens e Adultos.

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM ANGOLA

O aumento de oportunidades educativas observado em Angola, após a conquista da Paz em Abril de 2002, propiciou o aumento significativo dos índices de escolarização da população. Este aumento conduziu à superação da situação de desvantagem em que se encontrava durante o conflito político-militar. No ano de 2000, a taxa de analfabetismo em Angola encontrava-se acima dos 50%. Em 2014, de acordo com dados do Censo Populacional efectuado nesse mesmo ano, a taxa geral de analfabetismo baixou significativamente para 34%, (E.P. I SÉRIE – N.º 103 – DE 12 DE AGOSTO DE 2019 5041).

De acordo com a Direcção Nacional de Educação de Jovens e Adultos (2019, p.4), o país precisa de redobrar esforços para retirar da lista de pessoas iletradas cerca de quatro milhões de jovens e adultos com pouca ou sem alguma habilidade de leitura e escrita.

A mesma Direcção advogou que, o Executivo angolano está a desenvolver um intenso programa para aumentar a taxa de literacia em adultos maiores de 14 anos, o que permitiria sair dos actuais 82,8 % de alfabetizados para os 92% em 2020. Facto que foi desacelerado, com a suspensão das actividades lectivas da educação de jovens e adultos, em consequência da avultada dívida pública que até ao presente momento figura na lista de um desafio. O cumprimento dessa meta vai originar que haja uma baixa dos índices de iletrados para 17%, numa altura em que o Executivo pretende, igualmente, reduzir o índice de alunos com atraso escolar no ensino primário, de 27% para 17,6%, em 2022, e no secundário de adultos e, consequentemente recuperação do atraso escolar, de 42% para 28,8%.

Na população adulta mais jovem, isto é, da população dos 15 aos 24 anos de idade, a taxa de analfabetismo é ainda mais baixa, situando-se nos 24%. Em 19 anos, Angola multiplicou por 3,6 o número de efectivos no Sistema Nacional de Educação anterior ao Subsistema de Educação do Ensino Superior ao passar de 2,5 milhões de alunos em 2002 para 9,9 milhões em 2019. Os índices de analfabetismo absoluto regrediram significativamente no transcorrer do período pós-conflito (2019, p.2).

Quando se evolui de um nível de ensino para o outro, isto é, do Ensino Primário para o Ensino Secundário, as assimetrias no acesso são mais acentuadas. Esta assimetria é mais acentuada quando se compara o meio urbano com o meio rural. Este cenário de base equivale dizer, traduzido em números, que: Dos 100 alunos no meio urbano que ingressam no Ensino Primário só cerca de 70% é que conclui a 6.ª Classe; Para o meio rural esse indicador ainda é mais preocupante, porquanto dos 100 alunos só cerca de 50% é que concluem a 6.ª Classe. Quando nos reportamos ao I Ciclo do Ensino Secundário, o cenário difere pouco: No meio urbano, dos 100% que se candidatam ao II Ciclo menos de 60% tem possibilidades de ingresso; No meio rural, as estimativas por defeito apontam que dos 100% menos de 30% tem possibilidades de ingresso, Mbiqui (2020, p.120).

Agravada a esta situação, juntam-se as consideráveis taxas de desistência ou abandono escolar, quer para o meio urbano quer para o meio rural. Essa realidade sócio-educativa ilustra basicamente o quanto é preocupante a eficácia do Ensino Regular, cujas consequências directas recaem para o Subsistema de Educação de Adultos, o que pressupõe dizer que urge sanear e estabilizar o Ensino Regular para deixar de ser fonte de alimentação da Alfabetização e Educação de Adultos. Consequentemente, a desagregação das estatísticas por faixas etárias permite verificar que a elevação das taxas de alfabetização está directamente relacionada com os grupos etários mais jovens. Pois, as evidências apontam para a urgência e a necessidade da democratização das oportunidades educativas na primeira infância e na adolescência. Assim o é porque esses mesmos dados oferecem indícios de que os índices de permanência e progressão na educação básica pública e os seus resultados qualitativos contribuem para a existência de um contingente de cidadãos analfabetos ou subescolarizados, pois apenas um terço da população jovem e adulta concluiu os nove anos de escolaridade obrigatória e, mesmo entre os adultos jovens, o percentual daqueles que seguiram mais de três anos de estudos continua a ser reduzido, particularmente no meio rural, (RELATÓRIO DO CENSO POPULACIONAL E HABITAÇÃO, 2014, p.22).

Dentre os factores de produção social do analfabetismo mediados pelo Sistema Educativo devem ser considerados primeiramente o acesso e a permanência na escola durante a infância e a adolescência que hoje ainda não estão assegurados a parcelas expressivas da população, com um diferencial negativo para as meninas, bem como os elevados índices de reprovação, evasão e reingresso no Sistema Educativo, que resultam em acentuada desfasagem na relação idade/classe ideal. Sobre este assunto, também se observa um diferencial negativo para os estudantes do sexo feminino. Esta situação, aliada aos cerca de 4.676.900 de angolanos ainda na condição de iletrados, conduz para a necessidade de uma pronta intervenção, não só ao nível da Educação de Adultos, assim como e principalmente ao nível da Educação.

Segundo o Decreto Presidencial n.º 86/12, de 16 de Maio, espera-se que através deste plano perspectiva-se responder aos vários desafios da Alfabetização e da Educação de Jovens e Adultos. Por esta razão se considera que a estratégia passa essencialmente pela Reactivação da Comissão Nacional da Alfabetização, que coordenará o processo de implementação das medidas e políticas definidas. O grande diferencial está no facto de que no âmbito das competências transferidas para os Órgãos da Administração Local, caberá a cada Governo Provincial e sucessivamente a cada Administração Municipal, elaborar o seu Plano Operativo para a Intensificação da Alfabetização e Educação de Adultos, tendo em conta o estabelecido no presente Plano, e na base do Balanço da Implementação do Plano Estratégico de Revitalização da Alfabetização — PERA 2012-2017.

SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM ATRASO ESCOLAR NO KIMBELE

O Município de Kimbele, tem por ano mais de **2000** alunos fora do sistema de ensino no ensino regular;

Um número equivalente a **832** alunos, estudam na vizinha República Democrática do Congo, com um sistema curricular diferente de Angola;

Cerca de **1.290** com atraso escolar; Facto que continua a preocupar as autoridades locais, na busca de soluções conducentes à mudança do cenário actual nos próximos tempos, ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO KIMBELE 2020/2021.

INDICADORES DA DÍVIDA PÚBLICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO KIMBELE

A dívida pública no Kimbele, resume-se na tabela abaixo:

MUNICÍPIO	Nº DE ALFABETIZADORES	ANOS DE DÍVIDA PÚBLICA				TOTAL
		2015	2016	2017	2018	
KIMBELE	85	8.500.000,00	8.500.000,00	8.500.000,00	8.500.000,00	34.000.000,00

Fonte : elaborado pelo autor, Mapa financeiro da dívida pública do Gabinete Provincial da Educação do Uíge, 2016-2020.

ANÁLISE DO IMPACTO DA DÍVIDA PÚBLICA NA IMPLEMENTAÇÃO DO PLANO NACIONAL DE INTENSIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DO KIMBELE

De acordo com o Gabinete Provincial da Educação do Uíge (2019, p.3) o período de implementação do mencionado Plano de acção para intensificação da educação de Jovens E Adultos, foi definido de 2019 à 2022.

Os dados da tabela acima, revelam que a dívida pública em causa, refere-se para os serviços de pagamento dos subsídios dos alfabetizadores.

Cada um, é subsidiado com o valor de **10.000,00** mês e em cada ano, o período letivo tem a duração de dez meses:

A dívida pública visualizada na tabela é de **34.000.000,00** (trinta e quatro milhões de kuanzas), só para o Município de Kimbele, correspondente ao período de 2015 à 2018, conforme ilustra a tabela, Gabinete Provincial da Educação do Uíge (2019, p.5).

Portanto, o plano nacional de intensificação da educação de jovens e adultos, aprovado através do Decreto Presidencial 257/19, de 12 de Agosto, prevê a subida dos subsídios dos alfabetizadores, de 10.000,00 para 20.000,00.

Em função da avultada dívida pública dos anos anteriores, conforme a tabela, o Estado entendeu suspender temporariamente os contratos com os alfabetizadores no país. Deixando apenas os voluntários. Facto que deixou milhares de crianças, jovens e adultos em processo de recuperação do atraso escolar sem aulas, aumentando assim, o número de crianças sem atendimento escolarizado e por conseguinte aumentar a taxa de analfabetismo literal e funcional, Gabinete Provincial da Educação do Uíge (2019, p.4).

Isso implica que, a dívida pública teve um grande impacto negativo na implementação do Plano De Acção Para Intensificação Da Educação De Jovens E Adultos no Município de Kimbele, do período em análise até a data da produção deste estudo.

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DO KIMBELE

- Recuperar do atraso escolar cerca de 1.290 alunos;
- Necessidade de gerar acesso ao ensino dos mais de 2000 alunos que se encontram fora do sistema por ano Município de Kimbele;
- Absorver os cerca de 832 alunos que estudam República Democrática do Congo (RDC);
- Retomar o processo de escolarização dos mais de 1500 alunos que viram as suas aulas paralisadas em consequência da dívida pública com os alfabetizadores;
- Continuar a recrutar alfabetizadores voluntários;

Estes e outros desafios, podem constituir-se em reforços do aumento da taxa de analfabetismo, tanto literal quanto funcional no Município de Kimbele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Plano de Acção para a Intensificação da Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos-Plano EJA-Angola 2019- -2022, aprovado através do DECRETO PRESIDENCIAL 257/19, de 12 de Agosto, surge para a implementação das políticas do Executivo para o desenvolvimento económico-social, nas quais o combate ao analfabetismo e a redução do atraso escolar, entre a população jovem e adulta, constitui um dos grandes pilares. Este constitui o instrumento para a operacionalização das Políticas e Estratégias do Executivo, para o alcance dos objectivos e metas previstas no PDN 2018-2022, alinhados com os compromissos regionais, africanos e mundiais, assumidos pelo Estado Angolano, nomeadamente: Plano Estratégico Indicativo de Desenvolvimento Regional, da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral(SADC) ; Agenda — África 2063, da União Africana; Agenda — 2030 Objectivos de Desenvolvimento Sustentável, das Nações Unidas. Entretanto, para o Município de Kimbele, grandes desafios se impõem, em consequência de haver necessidade de Recuperar do atraso escolar cerca de 1.290 alunos; gerar acesso ao ensino dos mais de 2000 alunos que se encontram fora do sistema por ano, no Município de Kimbele; absorver os cerca de 832 alunos que estudam RDC e retomar o processo de escolarização dos mais de 1500 alunos que viram as suas aulas paralisadas em consequência da dívida pública com os alfabetizadores;

Em função da avultada dívida pública dos anos anteriores, conforme a tabela, o Estado entendeu suspender temporariamente os contratos com os alfabetizadores no país. Isso implica que, a dívida pública teve um grande impacto negativo na implementação do Plano De Acção Para Intensificação Da Educação De Jovens E Adultos no Município de Kimbele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, J. J. S. Educação segundo Paulo Freire: Primeira Análise Filosófica, Theoria. **Revista Eletrônica de Filosofia**, vol. 2: 42-56, 2015, Disponível em: <https://www.theoria.com.br/edicao>. Acesso em 20 out. 2021.
- DIREÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. **Relatório do Estado Actual de Educação de Jovens e Adultos em Angola**. Luanda. 2021.
- GABINETE PROVINCIAL DA EDUCAÇÃO DO UÍGE . **Indicadores da Qualidade de Educação de Adultos e Jovens no Uíge**. Uíge. 2019.
- INIDE. **Currículo do Ensino Primário**. 3ª ed. Luanda: Moderna, 2013
- Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino nº 17/16 de 7 de Outubro de 2016. Diário da República I Série nº 170.
- MBIQUI, M. V. **A Prática Pedagógica na Formação do Professor Primário: Um Estudo no Magistério Primário de Luanda**. Luanda: Edição do Autor. 2020.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Anuários estatísticos**. Luanda: Moderna, 2015.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Estratégias Integradas para a Melhoria do Sistema de Educação (2001-2015)**. Luanda: Ngila. 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Revisão Curricular (Resultados do Inquérito Nacional sobre a Adequação Curricular em Angola 2018-2025)**. Luanda: Moderna, 2019.

Plano de Acção para Intensificação da educação de jovens e adultos. Decreto Presidencial 257/19, de 12 de Agosto. Luanda. 2019.

Plano Estratégico de Revitalização da Alfabetização — PERA. 2012 Sustentado pelo Decreto Presidencial n.º 86/12, de 16 de Maio. Luanda.

Relatórios da Direcção Municipal de Kimbele. Kimbele: Edição do Autor. 2015.

Relatório do Gabinete Provincial da educação do Uíge. Uíge: Edição do Autor, 2019.

UNICEF. **Qualidade com equidade na educação**. Luanda, 2021. Disponível em: <http://www.google.com>. Acesso em 21 out. 2021.

Relatório do Censo Populacional e Habitação. 2014.

DÍVIDA PÚBLICA: CONCEITO, TIPOS E NATUREZA JURÍDICA; <https://openaccess.blucher.com.br/download-pdf>



Tavares dos Santos Muhongo

Natural do Uíge. Mestrando em Administração Educacional, no Instituto Superior de Ciências da educação, ISCED-Luanda. Pós graduação em Avaliação Educacional em Larga Escala, pela Universidade Federal Juíz de Fora do Brasil. Licenciatura em Ciências da Educação, no Instituto Superior de Ciências da Educação - ISCED/Uíge. Professor e atualmente exerce funções públicas, ao cargo de Chefe do Departamento de Educação e Ensino, do Gabinete Provincial da Educação do Uíge. Ponto focal do Instituto Nacional de Formação de Quadros da Educação, pela Província do Uíge.

A PSICOPEDAGOGIA E PSICOMOTRICIDADE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

VANDA DE LIMA RODRIGUES

RESUMO: O presente artigo teve por objetivo discutir sobre o desenvolvimento infantil a partir da Psicopedagogia e da Psicomotricidade. A relevância do trabalho envolve a etapa da Educação Infantil que compreende a etapa mais importante no tocante ao desenvolvimento da linguagem, pois, ela vai sendo modificada de acordo com as noções de relatividade em função da colocação de seu próprio corpo. Assim, o presente artigo também teve como objetivo relatar um pouco sobre a contribuição da Psicopedagogia, a importância da Psicomotricidade na Educação Infantil, pensando no desenvolvimento psicomotor e seus padrões considerando a influência do meio da família, escola e sociedade, trazendo também as dificuldades de aprendizagem. Para isso foi utilizado como referencial a pesquisa qualitativa através de revisão bibliográfica sobre o assunto. Os resultados encontrados indicaram que o intelecto é construído através do exercício físico, que tem uma importância fundamental no desenvolvimento não só do corpo, mas também da mente e da emotividade. Assim, conclui-se que a comunicação vivida ao nível do corpo iniciada nos primeiros anos de vida através do contato com o outro e com o mundo que a rodeia, denomina-se diálogo corporal.

Palavras-chave: Aprendizagens. Educação. Desenvolvimento. Emoções. Formação.

INTRODUÇÃO

O presente artigo traz como tema as contribuições da Psicopedagogia, quanto a importância da Psicomotricidade na Educação Infantil, com relação ao desenvolvimento psicomotor e seus padrões considerando a influência do meio da família, escola e sociedade, trazendo também as dificuldades de aprendizagem.

Assim, como pergunta norteadora tem-se a seguinte questão: De que forma a Psicopedagogia pode contribuir para o desenvolvimento dos educandos, incluindo questões relativas ao processo de aprendizagem e suas possíveis dificuldades.

A escolha do assunto se deve ao fato das dificuldades enfrentadas em sala de aula relacionadas a aspectos relacionados ao desenvolvimento infantil, bem como das dificuldades de aprendizagem que surgem ao longo do processo.

Como contribuição temos a aplicação e o desenvolvimento da psicomotricidade nesta etapa escolar tão importante quanto ao desenvolvimento infantil, de forma a realizar pesquisa bibliográfica a respeito do tema.

A Psicopedagogia é um termo que apareceu no início do século XX causando admiração, de tal modo que parecia evidente na época a privilegiada relação entre a pedagogia e a psicologia, considerada um novo conhecimento para a área da educação e para compreender o desenvolvimento da criança.

No final do mesmo século, esse privilégio seria contestado, pois a realidade da educação depende igualmente, e até mais, de uma sociopedagogia cuja ausência dentro das ciências demonstraria a força da ideologia psicológica. A psicopedagogia é uma das possíveis abordagens educacionais, que leva em consideração seus componentes psicológicos característicos dos indivíduos, dos grupos e dos métodos entre professores e alunos.

Finalmente no ano de 1948, o termo Psicopedagogia passou a ser compreendido com o objetivo de atender crianças e adolescentes que embora fossem inteligentes apresentavam dificuldades de aprendizagem. Assim, enquanto campo do conhecimento a psicopedagogia nasceu da necessidade de se compreender e modificar os processos do aprender, dentre elas, como se dá essa aprendizagem de indivíduo para indivíduo. Na atualidade, a psicopedagogia ganhou espaço destacado nos âmbitos onde é aplicada, seja nas instituições hospitalares, escolas, empresas, indústrias, entre outros.

A prática clínica vem atuando a partir da análise de fatores que favorecem, intervêm ou desfavorecem uma aprendizagem que se traduz em conhecimento. Com isso, o psicopedagogo contribui para desenvolver o gosto por aprender e ao mesmo tempo por ensinar a partir das suas potencialidades, sejam elas latentes ou manifestas.

Um de seus objetivos é o de conduzir seja a criança, o adolescente, o adulto ou mesmo a instituição, a reinserir a seu favor e em prol de uma aprendizagem saudável levando-se em consideração as possibilidades e necessidades de cada um.

Desta forma, no caso da psicopedagogia, essa eficácia já vem sendo comprovada desde que se criou a sua existência. Porém, além da sua eficácia, outro ponto precisa ser considerado e chamado a atenção, que é a responsabilidade e o compromisso por parte desses profissionais que compõem a categoria no sentido de sempre estarem atualizados com os eventos e avanços de sua área, contribuindo na área da educação entre outras situações com a aplicação e o desenvolvimento da psicomotricidade.

A HISTÓRIA E A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE

A psicomotricidade desenvolveu-se a partir de diferentes observações que foram se modificando sendo acionadas do ponto de vista clínico. O primeiro recorte epistemológico procurou superar o dualismo cartesiano, utilizando práticas reeducativas pelo conceito de correspondência entre o paralelismo mental e motor.

No segundo recorte teve-se grande valor as contribuições do âmbito psicológico especialmente da psicologia genética, passando a considerar a passagem dos aspectos motores para o desenvolvimento corporal, onde este corpo passa a ser um instrumento de construção da inteligência humana.

Assim, a psicomotricidade como ciência voltada para a área da educação procura educar o movimento, envolvendo o desenvolvimento corporal juntamente com as funções da inteligência. Ao longo da história do desenvolvimento psicomotor observou-se diferentes transições motoras relacionadas ao corpo, desde o sujeito com um corpo em movimento.

Segundo Wallon (1973), a função perceptiva de captação e extração de dados e informações do mundo exterior joga com uma interação recíproca entre processos sensoriais e motores, decorrente de um estado de vigilância tônico-postural sustentado por uma unidade interativa e retroativa entre a percepção e a ação. O desequilíbrio provocado pelo estímulo sensorial oriundo do mundo exterior O equilíbrio sensorio-tônico que se opera o corpo emergido e organizado, portanto, no mundo interior.

Não basta que a sensação seja recebida para que ela seja integrada, processada e transformada, é necessário que a informação sensorial seja transportada da periferia do corpo e dos órgãos sensoriais para os comandos cerebrais.

No caso do desenvolvimento infantil, o mesmo ocorre quando estão presentes, na hora do nascimento, as estruturas anatômicas e uma determinada organização fisiológica capazes de garantir o funcionamento biológico do organismo. Segundo Fonseca (2014), a atividade motora é tudo que impulsiona, faz mover e põe em movimento, sendo a motricidade entendida do ponto de vista fisiológico, como a propriedade que certos neurônios possuem de realizar certas contratações musculares quando exercitados.

A interação entre as diversas ações motoras e psíquicas dá-se o nome de psicomotricidade. Ao resgatar as conexões entre diferentes áreas de saber, dentro do contexto escolar, a abordagem transdisciplinar promete garantir o reconhecimento de sentido durante o ensino e a aprendizagem, tornando-os uma atividade prazerosa. Portanto, a psicomotricidade, compreendida junto com a linguagem do corpo que fala e se expressa, acrescida dos princípios da transdisciplinaridade traz-se o conceito de um todo que dialoga entre as partes, já que se tratam de duas correntes de pensamento que devem estar articuladas na construção de um novo fazer didático (ALMEIDA, 2010).

Ainda, de acordo com o autor, existem diferentes fases relacionadas ao desenvolvimento onde pode-se aplicar a psicomotricidade, trabalhando em conjunto questões como a concepção, o comportamento, o compromisso, os materiais e espaços que possibilitem ao educador desenvolvê-lo desde a Educação Infantil, como também nas séries iniciais. Assim, uma das prioridades seria o de trabalhar a coordenação motora ampla que compreende atividades relacionadas à organização geral do ritmo, ao desenvolvimento e as percepções gerais do educando, dentro do espaço infantil, utilizando-se todos os membros do corpo.

Ou seja, as funções relacionadas à percepção possibilitam ao indivíduo chegar a uma compreensão dos fenômenos que são dirigidos sobre ele, estabelecendo conexão entre os órgãos dos sentidos e o meio ambiente.

Na Educação Infantil fase que compreende em média dos três aos seis anos, mostra-se a etapa mais importante no tocante ao desenvolvimento da linguagem, pois, ela vai se modificando de acordo com as noções de relatividade em função da colocação de seu próprio corpo.

A consciência do próprio corpo e das suas partes relacionadas aos movimentos corporais, posturas e atitudes, demonstram que o esquema corporal não é apenas uma percepção, mas uma interação de vários sistemas em contínua modificação, assim, uma criança com bom desenvolvimento motor conhecerá bem seu próprio corpo e através dele chegará ao domínio do espaço e a adequação no seu devido tempo (BOSSA, 2011).

Ainda, posteriormente isso contribuirá inclusive para a aprendizagem da leitura e da escrita, a partir do nível que a criança alcançou em termos de desenvolvimento global, sejam eles físicos, intelectuais, afetivos e sociais, podendo-se tomar como ponto de partida a questão afetiva, muito importante para haver um bom desenvolvimento, necessitando também do apoio dos pais e responsáveis incentivando a mesma para que ela possa ver na escola a alegria de descobrir um mundo novo (DUPAS, 2008).

E QUANTO AOS DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM?

No caso das instituições escolares, diversas escolas sentem certa dificuldade em incluir os educandos, observando apenas a sua idade biológica ou a sua capacidade de aprendizagem. Sabe-se que existem indivíduos que possuem atrasos no desenvolvimento, cuja maturação cognitiva está abaixo de outras da mesma idade (MUSHELI, 2011).

No caso da Psicomotricidade, resultante da ação do sistema nervoso sobre a musculatura como resposta a estímulos, cabe no ambiente escolar a utilização de materiais pedagógicos que estimulem o raciocínio e os movimentos a fim de contribuir com o seu desenvolvimento.

Outro fator importante relacionado aos problemas de desenvolvimento, podem estar relacionadas a falta de atenção, falta de interesse quanto a disciplina estudada, dentre outras questões, que podem ter diferentes origens, como a afetiva, distúrbios de personalidade, ou ainda uma inadequação no modo de apresentar o conteúdo escolar. Todo esse conjunto, no caso da criança em fase escolar pode torná-la instável desequilibrando suas reações, assim, é preciso proporcionar a elas a oportunidade de controlar seus impulsos motores ou mesmo verbais (LEONARDO, *et al.*, 2015).

O distúrbio psicomotor significa um transtorno que atinge a unidade indissociável formada pela inteligência, pela afetividade e pela motricidade. Para a autora os distúrbios podem apresentar-se através de comportamentos onde considera-se a criança “desajeitada” ou com incapacidades, começando a andar tarde, por exemplo.

Desta forma, cabe ao professor a possibilidade de aplicar exercícios que contribuam para o controle tônico e o relaxamento desde que cautelosamente conduzidos. Na criança pré-escolar, a precisão na participação de um jogo, por exemplo, envolve as contrações musculares e o possível desenvolvimento para as coordenações mais comuns.

Uma educação psicomotora deve ter como objetivo inicial ensinar a criança a ficar sentada, adquirir uma boa postura, a ouvir, para só depois de atingir esse objetivo se tornar capaz de receber ordens, concentrar-se, usar a memória, executar tarefas do começo ao fim (SOUZA, 2009).

O progresso pode ocorrer de forma lenta, porém, o grande objetivo é não deixar lacunas entre as etapas, pois, uma estimulação mal orientada pode confundir ainda mais. Por isso, é importante o docente conhecer e saber utilizar as técnicas adequadas a serem utilizadas para que se possa ter sucesso no desenvolvimento e aprendizagem (JESUS e SOUZA, 2017).

O professor se torna fundamental no desenvolvimento tanto das crianças consideradas normais quanto das crianças com deficiências, podendo contribuir em muito estimulando em sala de aula e dando encaminhamento quando necessário. Assim, ele pode contribuir em todos os níveis, na estimulação do desenvolvimento cognitivo, nas aptidões e habilidades, na formação de atitudes através de uma relação afetiva saudável, criando-se uma atmosfera de segurança e bem-estar para o educando, aceitando-a do jeito que ela é.

No caso da reeducação psicomotora, uma terapia programada que visa modificar o comportamento, traz a necessidade de um atendimento especializado na área da Psicomotricidade, e

no caso do professor, este pode atuar com a orientação específica de um profissional habilitado (CORDEIRO, 2013).

É preciso intervir de forma adequada, no momento oportuno e com técnicas apropriadas. Para isso, o professor também deve ter conhecimento do ritmo em que a criança se desenvolve, criando condições para que ocorra esse processo. Neste momento, a criança vai adquirindo aos poucos, confiança em si mesma e conhecendo seus limites e possibilidades; condições necessárias para uma relação saudável com o mundo.

O professor pode auxiliar a afirmar sua própria lateralidade, realizando livremente suas experiências motoras durante as primeiras atividades gráficas (CUNHA, 2014).

Mesmo em instituições que não possuam materiais específicos, o professor pode encontrar excelentes instrumentos psicomotores, fazendo uso não apenas em razão da funcionalidade, mas apropriando-se de recursos pedagógicos específicos.

A criatividade do professor e o interesse do educando descortinam formas diversas de aprender e de ensinar. Se os exercícios pedagógicos em sala buscam e autonomia intelectual, as atividades artísticas, por exemplo, visam à autonomia criativa do indivíduo. Assim, os movimentos finos são conjugados a partir das ações sensoriais que ajudam a processar as informações, transformando-as em conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como aspectos importantes, temos a relação desta etapa escolar com o desenvolvimento da Psicomotricidade infantil, nos leva a um olhar especial para a criança, do ponto de vista psicológico, onde as brincadeiras e o desenho constituem valiosos instrumentos de compreensão do adulto quanto ao entendimento da visão que a criança tem do mundo. Sabe-se que toda criança precisa brincar e adquirir domínio sobre seu corpo, sendo o ato de não brincar, um indício grave que pode acarretar problemas no seu desenvolvimento.

Em síntese, a forma como a criança brinca e a maneira como ela se desempenha, revelam suas condições intelectuais, emocionais e orgânicas, fornecendo dados sobre sua saúde física e mental. Ao observar as brincadeiras de uma criança, sobre a ótica de Piaget, deve-se ater ao comportamento inteligente da criança, a intencionalidade de suas brincadeiras, a possibilidade de sua utilização enquanto instrumento educativo, a consciência de si como agente construtor da ação sensório-motora num contexto significativo, a repetição cíclica como condição para formar esquemas, enfim, a organização significativa de sua ação diante das coisas, no sentido de internalização desta ação, contribuindo inclusive para diminuir os distúrbios de aprendizagem.

Quanto às discussões realizadas pelos diferentes autores, mais importante do que a técnica e a ação vivida pela criança, vale a possibilidade de um diálogo corporal diferente com o seu ambiente.

Assim, pretendeu-se também objetivar um pouco sobre a contribuição da Psicopedagogia, a importância da Psicomotricidade na Educação Infantil, pensando no desenvolvimento psicomotor e seus padrões considerando a influência do meio da família, escola e sociedade, trazendo também as dificuldades de aprendizagem.

É por meio do seu corpo que a criança se comunica (de forma não verbal), seu modo de ser, sua unidade existencial, sua totalidade enquanto ser na sociedade. A comunicação vivida ao nível do corpo iniciada nos primeiros anos de vida através do contato com o outro e com o mundo que a rodeia, denomina-se diálogo corporal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, G.P. **Teoria e prática em Psicomotricidade:** Jogos, atividades lúdicas, expressão corporal e brincadeiras infantis. 7ª ed, Rio de Janeiro: Wak, 2014, 158 p.
- BOSSA, N.A. **A Psicopedagogia no Brasil:** contribuições a partir da prática. 7ª ed Porto Alegre: Wak, 2011, 248 p.
- CORDEIRO, L.O. **Teorias e Práticas da Psicopedagogia Clínica.** Rio Janeiro, Editora Wak, 2013.
- CUNHA, E. **Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade.** Ed 4º; Rio Janeiro; Editora Wak 2014.
- DUPAS, M.A. **Psicanálise e Educação:** construção do vínculo e desenvolvimento do pensar. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2008.
- MUSHELI, M.S. **Problemas de aprendizagem da criança.** 2º Ed; São Paulo; Editora Loyola, 2011.
- FONSECA, V. **Dificuldades de Coordenação Psicomotora na Criança.** Rio Janeiro; Editora Wak, 2014.
- JESUS, J.S.; SOUZA, V.L.T. **Os sentidos da dificuldade de aprendizagem para professores: reflexões da perspectiva da Psicologia Histórico- Cultural.** *Psicol Argum.* 2017; 35(88): 33-44.

LEONARDO, N.S.T.; LEAL, Z.F.R.G., ROSSATO, S.P.M. **A naturalização das queixas escolares em periódicos científicos: contribuições da psicologia histórico-cultural.** *Psicol Esc Educ* 2015; 19(1): 163-171.

MUSHELI, M.S. **Problemas de aprendizagem da criança.** 2º Ed; São Paulo; Editora Loyola, 2011.

SOUZA, V.L.T. **Psicologia e Compromisso Social: reflexões sobre as representações e a identidade do Psicólogo escolar-educacional.** *Rev Eletr Psicol Polít Públicas.* 2009; 1(1):14-34.

WALLON, H. **Psicologia e Educação da Infância.** Lisboa: Estampa, 1973.



Vanda de Lima Rodrigues

Licenciatura Plena em Pedagogia, pelo Centro Universitário Hermínio Hometto, licenciada pela UNICAMP; com Pós Graduação Latu Sensu em Psicopedagogia Clínica e Institucional, pela Faculdade Mozarteum de São Paulo (FAMOSP); Pós Graduação em Psicomotricidade, pela Faculdade Escola Superior de Administração (HSM); Pós Graduação em Arte Educação pela Faculdade Faculdade de Ciências e Tecnologia Paulistana (FACITEP). Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).



A IMPORTÂNCIA DO ACOLHIMENTO E ESCUTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

VILMA MARIA DA SILVA

RESUMO: O presente trabalho tentou trazer uma reflexão a respeito da importância do acolhimento e da escuta na Educação Infantil a fim de contribuir para a construção de novos conhecimentos principalmente no tocante ao desenvolvimento das crianças, identificando possíveis relações da escuta, como por exemplo, as rodas de conversa, e a sua ligação com determinadas atitudes e comportamentos. Ainda, é possível afirmar que a criança que se sente acolhida e respeitada pela escola e consequentemente pelo docente, cria vínculos afetivos, contribuindo para um ambiente favorável ao seu desenvolvimento, sentindo prazer em aprender. A metodologia está baseada nos princípios epistemológicos da pesquisa qualitativa a partir de diferentes autores que discutem sobre o tema, dentre eles Daniels (2003); Chiaro e Leitão (2005), Carrera (2010) e Brighthouse (2011). Os resultados encontrados demonstraram que o desenvolvimento da linguagem pelas crianças ocorre a partir da troca e da compreensão dos diversos significados das relações sociais e do mundo. Assim, o acolhimento e a escuta nesta etapa escolar contribuem para a aquisição da linguagem, mais precisamente, da fala e do discurso, permitindo também a ampliação dessas relações já que desenvolve o universo simbólico, possibilitando novas e diferentes formas de interação com o meio e com as demais pessoas.

Palavras-chave: Acolhimento. Escuta. Inclusão. Roda de conversa.

INTRODUÇÃO

A criança, como um ser em formação, está diariamente construindo e se descobrindo no universo adulto. Suas ações tendem a expô-la, do mesmo modo que as suas ideias, os seus desejos e, principalmente, a sua afirmação como indivíduo. O convívio na escola com os colegas evidencia essa individualidade, e mais que isso, proporciona acesso à informações diversificadas e amplia suas possibilidades de crescimento, aceitação e inclusão social.

Com a compreensão dessa realidade infantil, e munidos de ferramentas pedagógicas adequadas, os profissionais da educação podem fazer com que a criança evolua mais ainda na escola, e uma dessas ferramentas é a roda de conversa.

As rodas de conversas tendem a unir, numa só atividade, contextos variados, que mesmo que se diferenciem em temas e técnicas, pedagogicamente surtem ótimos efeitos, desde que não sejam conduzidas para cercear ou limitar a participação, atuação e a fala da criança.

Mesclando o conteúdo didático com atividades lúdicas, o professor terá uma ótima ferramenta de análise e avaliação e, o aluno terá oportunidade de descobertas e interações que o auxiliarão em seu desenvolvimento, além do surgimento de possíveis habilidades latentes, e oportunidade de compreender e fazer compreender-se como membro aceito e ativo no grupo.

Quando é dada ao aluno a oportunidade de expressar-se, sua visão de mundo se amplia: as noções de integração, aceitação e até mesmo a oportunidade de se reconstruir como indivíduo ganham força, e a criança expõe sua visão de mundo e das coisas sob sua perspectiva.

Desta forma, as rodas de conversas podem proporcionar momentos de aprendizagem e troca de informações de mundos para as crianças, fazendo com que se conheçam melhor, aluno-professor-coletivo, numa constante troca de informações.

À proporção que as rodas de conversas se ampliam, elas transformam-se em verdadeiros fóruns livres, onde não há certos ou errados, mas sim, diferentes vozes buscando participar, interagindo e incentivando que outros também se manifestem e se reconheçam como peças importantes no complexo tabuleiro social.

Concomitantemente com as brincadeiras, as rodas de conversas despertam as crianças para o mundo da comunicação, utilizando-se de sinais, palavras, gestos e expressões corporais. Além disso, permitem dinamizar aspectos físicos, psicológicos e de raciocínio, dentre outros que porventura tenham pretensão de brotar como marca em sua personalidade, e isso pode ser proporcionado no ambiente escolar, sob a orientação do professor.

Ao fazer com que a criança se sinta inserida, e melhor ainda, respeitada, o professor permite que ela considere a escola como um ambiente favorável a seu desenvolvimento, e tenha prazer em participar das atividades propostas, não as considerando monótonas e impositivas.

Diferentemente daquele professor que se restringe a copiar do livro para lousa e da lousa para o caderno, avaliando apenas erros e acertos, o profissional que se propõe a compreender o universo infantil, e que possibilita às crianças o direito a livre manifestação, converte a imposição em um convite à aprendizagem, ajudando a desenvolver um indivíduo autônomo, que por ser respeitado, reciprocamente respeita.

INTERAÇÃO, LIVRE EXPRESSÃO E DESENVOLVIMENTO

Quanto mais criteriosa for a atuação do professor em suas ações pedagógicas, quanto mais responsável se sentir em relação a seus pupilos, mais sentirá necessidade de encontrar meios que possibilitem o acesso deles ao desenvolvimento pleno, sem a necessidade de submeter-lhes simplesmente à vontade dos outros, pois o sujeito se constitui na interação.

O sujeito aprende a se organizar no mundo em função das interações vividas com outros sujeitos sociais. A presença do outro social pode se manifestar nas mais variadas formas: através de objetos, espaços, costumes e atitudes, culturalmente definidos (VYGOTSKY; LURIA, 1996).

Porém, a realidade em que vivem, e as escolas que frequentam, na maior parte das vezes, não possibilita a elas um desenvolver autônomo e questionador. Isso é ainda mais marcante no que diz respeito às crianças que vivem nas periferias das grandes cidades ou distantes dos grandes centros. São submetidas, ali mesmo no ambiente escolar, a um mundo de submissão e consumo, reproduzindo o modelo do adulto, desprovido de liberdade e de opções.

Isolados, copiando e reproduzindo sem questionamento, têm cerceados os seus direitos, anuladas suas pretensões, e mortos os seus sonhos, descontinuados ainda bem antes da adolescência, pressionados pelo adulto que bate em suas portas cobrando-lhes responsabilidades inexistentes para suas idades e condições:

[...]a configuração didática para Educação Infantil se sustenta nas relações, nas interações e as práticas educativas intencionalmente voltadas para as experiências cotidianas, os interesses da criança e seus processos de aprendizagem no espaço coletivo, diferente de uma intencionalidade pedagógica voltada para resultados individualizados nas diferentes áreas do conhecimento presa a conteúdos preestabelecidos (RAMOS, 2014, p.237).

Compreende-se que para os possuidores, é de toda importância manter os cidadãos, mormente os trabalhadores proletários, com tal mentalidade, que aceitem, sem revolta, e defendam convencidos o regime social vigente. Por isso, o Estado assume funções de pedagogo, sobretudo nas classes primárias, do povo (OITICICA, 1983, p.30).

De nada adianta um processo educacional que condicione a criança à servidão, que não lhe reconheça como indivíduo, que não a prepare para a vida em sociedade, principalmente com garantia de direitos. Garantir direitos é mais que fazer valer leis: é validar a existência do sujeito social.

Esse compartilhamento de conhecimentos, por meio de atividades interativas propostas na escola é de fundamental importância para o desenvolvimento dos alunos. Isso por que possibilita o diálogo entre teoria e vivência, normas e costumes, o indivíduo e o coletivo, para que aprendam a se posicionarem diante do mundo.

O ensino é sempre uma atividade social de interação entre professor e os alunos. Neste sentido estudar é participar, mas o educando não participa daquele processo social a que o conhecimento, o valor, o costume, a serem aprendidos, se referem e em cujo contexto tem o seu verdadeiro sentido... (LENHARD, 1974)

Para dar sentido às coisas apresentadas pelos livros didáticos, é necessário que se vivencie, mesmo que parcialmente, ou ao menos trazê-las ao bojo das discussões diárias, onde serão analisadas e discutidas em conjunto, democraticamente. A necessidade de trazer, produzir e discutir conteúdo do mundo real da criança, de modo contextualizado, é facilmente estruturado por meio de rodas de conversas, onde todos possam, de acordo com sua vontade, participar e interagir.

Os conhecimentos serão significativos para o aluno, à medida que se refiram a fatos concretos dele conhecidos, e valores refletir-se-ão em atitudes, à medida que os objetos a serem valorizados existam no âmbito do processo educativo. (LENHARD, 1974).

Quando a comunicação tem por conteúdo sentenças abstratas, abstrato será também o conhecimento adquirido pelo aluno, não permitindo o seu desenvolvimento pleno. Para que a escola cumpra com o seu papel, necessário se faz (no mínimo), a presença de professores ousados, que dinamizem suas práticas, que permitam, que entendam e que explorem a necessidade das crianças de se auto afirmarem.

... é necessário ter em conta uma dinâmica de ensino que favoreça não só o descobrimento das potencialidades do trabalho individual mas também, e sobretudo, do trabalho coletivo. Isto implica o estímulo à autonomia do sujeito, desenvolvendo o sentimento de segurança em relação às suas próprias capacidades, interagindo de modo orgânico e integrado num trabalho de equipe e, portanto, sendo capaz de atuar em níveis de interlocução mais complexos e diferenciados. (PCN –Ensino Fundamental).

O educador deve estar sempre imbuído do intento emancipador quando se propõe a construir e promover conhecimentos, e, para tanto, buscará sempre alternativas que possibilitem o desenvolvimento dos alunos e conseqüentemente da sociedade. Dentre as muitas alternativas existentes, está a roda de conversa, que corrobora a legislação quando se propõe a ajudar no desenvolvimento, físico, emocional, racional e autônomo das crianças em salas de aula.

A escola é um ambiente multicultural de convívio social dinâmico, com sujeitos e personalidades diversas, e realidades diferentes, o que por si só já justificam a necessidade de conversação. A realidade vivida por essas crianças se diferencia do mundo dos livros didáticos (calculados, frios, inalcançáveis).

A dinâmica de suas vidas expressa justamente uma fase de constante aprendizado e experimentação, o que talvez explique a dificuldade que têm em ficar paradas, numa sala fechada, apenas seguindo ordens.

A roda de conversa, como um fórum de livre manifestação, pode trazer essa agitação do mundo infantil para a realidade da sala de aula, promovendo um contrato comportamental entre diferentes, estabelecendo regras de convivência social, o que lhes propiciará autonomia, promovendo o diálogo e a troca de experiências. Assim:

Portanto, cada criança deve se sentir desafiada a participar do processo, a emitir suas opiniões, a se pronunciar sobre a sua forma de ver o mundo. Falando e escutando o que o outro fala, as crianças vão experimentando a construção coletiva dos encaminhamentos necessários à resolução dos conflitos que surgem no interior do grupo. (ANGELO, 2011, p.60).

Convém ressaltar que a roda de conversa é definida no Referencial Curricular para a Educação Infantil, como um “momento privilegiado de diálogo e intercâmbio de ideias”, em cujo “exercício cotidiano as crianças podem ampliar suas capacidades comunicativas, como a fluência para falar, perguntar, expor suas ideias, dúvidas e descobertas, ampliar seu vocabulário e aprender a valorizar o grupo como instância de troca e aprendizagem” (MEC/SEF 1998, p.138).

CONSIDERAÇÕES

Quando a criança se comunica, se expõe, se expressa, ela tende a trazer sua realidade ao discurso, mesmo que não intencionalmente. No entanto, para que isso aconteça é necessário que ela se sinta confiante, respeitada e pertencente a seu grupo.

Constata-se ainda que o que configura a linguagem é justamente essa troca e a compreensão dos diversos significados das coisas e do mundo, seja através dos gestos, olhares ou palavras. A

aquisição da linguagem, mais precisamente, da fala/do discurso, permite a ampliação das relações sociais dos indivíduos, visto que amplia o seu universo simbólico, possibilitando novas e diferentes formas de interação com o meio.

Desta forma, uma simples roda de conversa na escola pode se tornar porta de entrada no mundo da interação humana, principalmente para aqueles que estão em processo de alfabetização, e que ainda não se expressam bem (ou ainda nem se expressam) através da escrita.

Essas crianças, no período no qual a leitura, (se já adquirida), ainda está em fase inicial, requerem a assistência de um adulto para revelar-lhes os significados das palavras e das coisas, de preferência sem indução dogmática. As rodas de conversas, nesse caso, substituem a tradução e a interpretação do interlocutor, e passam a ser discursos diretos, relatos de experiências, enfim, a expressão do sentimento do indivíduo por meio de sua fala.

Quando bem elaborada, a roda de conversa permitirá a educandos e educadores uma maior compreensão do que querem alcançar, um como buscador e o outro como orientador, o que possibilita uma melhor avaliação do que se aprende, como se aprende e porque se aprende.

Quanto à livre expressão, as rodas de conversas são ricas por permitirem a troca de ideias, experiências e vivências de dentro e de fora da escola. É a oportunidade do professor incentivar e direcionar pedagogicamente os relatos, analisando não só a oralidade, mas também a postura diante dos fatos, as argumentações, até mesmo para entender as necessidades de seus alunos, facilitando um melhor acompanhamento nas demais atividades escolares propostas.

Nessa interação reside toda a força da roda de conversa, por abrir um amplo campo de possibilidades, onde o ser humano primeiro se vê imerso e diluído numa rede social de significados para, posteriormente, pela internalização, construir sua individualidade e sua consciência.

Esta livre expressão se fundamenta principalmente no respeito e na valorização da maneira como cada criança pronuncia o mundo, seja através da fala ou de outras linguagens que compõem suas relações sociais e culturais.

Por meio da troca de experiências, do diálogo, da escuta atenta, da participação ativa dos educandos, o trabalho pedagógico com as rodas de conversas possibilita as condições necessárias para que os alunos se percebam sujeitos ativos de suas aprendizagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGELO, A. Espaço-tempo na educação infantil: a roda de conversa como dispositivo pedagógico. In: ROCHA, Eloisa Acires Candal; KRAMER, Sonia (orgs.). **Educação infantil: enfoques em diálogo**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.
- BLANCK, G. Vygotsky: o homem e sua casa. In: MOLL, L. C. (org.). **Vygotsky e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. Cap. 1, p.31-55.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº. 8.069/90, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 07 out. 2021.
- _____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (v. 1, 2 e 3)**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto / Secretaria de Educação Básica, 1998a.
- BRIGHOUSE, Harry. **Sobre Educação**. São Paulo: Unesp, 2011.
- CARRERA, G.(org.). **Dificuldades de Aprendizagem – Detecções e estratégias de ajuda**. São Paulo: Cultural, 2010.
- CHIARO, S. D.; LEITÃO, S. O papel do professor na construção discursiva da argumentação em sala de aula. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, n. 18, v. 3, p.350-357, 2005.
- DANIELS, H. **Vygotsky e a Pedagogia**. São Paulo: Loyola, 2003.
- FREINET, C. **A Educação do Trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- KRAMER, S.; ROCHA, E. C.(org.). **Educação infantil: Enfoques em diálogo**. São Paulo: Papirus, 2011.
- LENHARD, R. **Sociologia Educacional**. São Paulo: Pioneira, 1974.
- OITICICA, J. **A doutrina anarquista ao alcance de todos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- RAMOS, T.K.G. Participação de crianças pequenas na organização de práticas cotidianas da educação infantil: direito as possibilidades. apud In. SANTTOS, Marlene de Oliveira; RIBEIRO, Maria Izabel Souza.(org.) **Um livro para inspirar reflexões, mudanças e sonhos na educação infantil**. Salvador, Editora Soffset, 2014
- SILVA, R. B. **Desenvolvimento e Comportamento Humano**. São Paulo: Pearson, 2009.



Vilma Maria da Silva

Pedagoga, também formada em Letras, História, Artes e com especializações na área de Educação Inclusiva e Alfabetização e Letramento. Atua na educação desde 2002, com jornada dupla há muitos anos. Participa da comissão editorial da Edições Livro Alternativo desde 2016, promovendo ações educacionais e investindo na evolução dos profissionais da educação.

vilmamedrado@gmail.com

www.primeiraevolucao.com.br



NÃO CUSTA NADA

HOMENAGEAR

UM PROFESSOR/A

ESPECIAL

Envie sua homenagem com algumas fotos para:
primeiraevolucao@gmail.com



DESTAQUES

De geração a geração: Professor.
www.primeraevolucao.com.br

#VacinaParaTodos

COM A FORMAÇÃO NÃO É POSSÍVEL EVIDENCIAR RESULTADOS IMPACTANTES, PRINCIPALMENTE NA ÁREA DA EDUCAÇÃO.

DESTAQUES



ERGÁSTULO ETERNO

Mergulho a alma no café
Que me abastece e aquece
Ao mesmo tempo que arrefece
Indícios de qualquer fé.

Já que a truculência diária
Me atinge, é sempre assim
Quem sabe eu possa, enfim,
Torná-la minha proprietária.

Não tenho mais amigos por perto
A distância tornou-se um paradeiro,
E eu que me achava aventureiro
Recriei o meu inferno, decerto.

Preocupar-me por quê, se tudo é moderno?
Eu só não posso é aceitar
Que isso venha a postular
Tornar meu sonho um ergástulo eterno.

Danton Medrado

EMEF José Augusto César Salgado, Dr.

A ÁGUA QUE NOS DEU O CRIADOR

Óh água, minha amiga
Oh água, minha irmã
Oh água minha senhora
Oh água minha vizinha para fazer o café para o
miúdo tomar o pequeno almoço com ginguba,
Oh água minha amiga
Oh água minha companheira
Oh água que nos dá a energia
Oh, água dos rios caudalosos
Óh água dos lagos
Óh água dos riachos
Óh água dos pântanos
Óh Água dos charcos
Óh água dos poços e fontes
Óh água que fazes parte da vida
Óh água que es alimento
Oh água que és saúde
Oh água que Deus nos dá
Obrigado meu Criador pela água.

Mauel Francisco Neto

Luanda/Angola 20 de Setembro de 2021.

BORBOLETA

Um dia uma lagarta
Sonhou que estava voando
Imaginou-se nos ares
Plainando
Em ombros bondosos
Pousando
OPS, posou uma borboleta aqui
Calma aí, não vá ainda!
Me empreste um pouco da sua paz
Ontem eu dormia para sonhar
Hoje nem durmo mais.

J. Wilton

(EMEF Armando Cridey Righetti)

EVOLUÇÃO

15



ORGANIZAÇÃO:

Andreia Fernandes de Souza
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

- Adelina Ursula Correia de Lima
- Cristiana Ferreira de Sousa Neves
- Elida Eunice da Silva
- Izilda Marques Bastos Trindade
- Luzerlila Perestrelo Valente
- Maria Celeste dos Viveiros Capongcol Vitangui
- Rosemeire Santos de Deus Lopes
- Tavares dos Santos Muhongo
- Vanda de Lima Rodrigues
- Vilma Maria da Silva



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.22>

www.primeiraevolucao.com.br

Filiada à:

